

Sobre dicionários portugueses

port.: abarroadado, adj. Uma história sem fim? (2002)	p. 2
Ist das <i>Dictionarium Latino Lusitanicum, ac Iaponicum</i> ein Wörterbuch der portugiesischen Sprache? Zur Rezeption Calepinos in Portugal (1999)	p.12
Mais uma vez <i>Calepino</i> e os dicionários portugueses (1999)	p.15
O <i>Diccionario da Lingoa Portuguesa</i> de 1793 e as suas fontes (1999)	p.17
O Dicionário da letra A: um manuscrito existente na Biblioteca Eborense (2003)	p.23
Bento Pereira e a escola lexicográfica eborense (2001)	p.32
“AGOA ARDENTE = XARAB” (2002)	p.44
“PIQUENINA BIR” (2003)	p.53
„Un breve diccionario lusitanico castellano“ de 1731 (2001)	p.56
Sobre dicionários portugueses antigos: uma inventariação (1995)	p.62
As „Luzes“ francesas e os dicionários portugueses (2000)	p.82
The First Portuguese Bilingual Dictionary resorting to a foreign ‚Modern‘ Language – Chinese (1998)	p.89

port.: abarroado, adj. Uma história sem fim?

Em 1991, publicou-se em Lisboa em 6 volumes o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, da Editora ALFA. O seu autor, melhor dito coordenador, como está escrito na primeira página, é José Pedro Machado. Segundo o „Prefácio à primeira edição“ o dicionário foi escrito para a Sociedade da Língua Portuguesa. É também o que declaram, em poucas linhas, o então Presidente da SLP e os editores: „Por isso, é com justificado orgulho que trazemos a público esta nova e actualizada edição [...]“. Efectivamente, existe um dicionário com o mesmo título numa edição dez anos mais velha, do ano de 1981 (em 12 volumes), mas essa publicada pela Editora Amigos do Livro, e que é, segundo Woll 1990, 1734, nada mais que uma reprodução dos sete volumes do *Dicionário da Língua Portuguesa* (1958-1971). No prefácio do dicionário de 1991 encontramos, também, a frase seguinte: „Dirigindo-se aos interesses de quem maneja hoje o nosso idioma, compreende-se que no registo vocabular se fugisse numerosas vezes ao arcaísmo [...]“. Declaradamente, então, este dicionário de 1991 tem que ser um dicionário moderno.

A razão que me leva a ocupar-me com este dicionário é eu estar a redigir um *Dicionário dos dicionários portugueses*. Este trabalho reúne todas as entradas (dispostas em ordem alfabética e cronológica) dum grande número de dicionários (entre eles o primeiro dicionário bilingue português-chinês de 1588, cf. Messner 1995a) e outras obras de carácter lexicográfico, publicados no curso de 3 séculos: não começámos com o primeiro dicionário da língua portuguesa de Jerônimo Cardoso, de 1563, mas com palavras em várias línguas reunidas numa obra farmacológica de 1554. Alguns dos livros com o título „Orthographia“ do século XVIII também foram incluídos porque contêm comentários sobre palavras portuguesas (do tipo „diastrático“, „diatópico“ etc.). O último dicionário registado é a sexta edição do *Diccionario da Lingua Portuguesa* de 1858, normalmente chamado Moraes, segundo o nome do autor. Este dicionário, com as suas edições consecutivas tem tido uma grande influência sobre os dicionários portugueses modernos. O *Dicionário dos dicionários portugueses*, em que estou a trabalhar, permite-me conhecer a evolução de quase todas as palavras portuguesas durante três séculos. Por isso interessou-me verificar se realmente o conteúdo deste *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de 1991 é o reflexo da linguagem actual, ou, mais precisamente, dos últimos 40 anos.

Sabemos todos nós, lexicógrafos ou lexicólogos, que 10 anos, no fim do século XX, são muitos anos e que as mudanças no léxico se efectuam com uma rapidez muito grande. Um breve exemplo. Nem no *Dicionário da língua portuguesa* da Porto Editora na versão on-line de 1995, nem no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de 1991, aparece a palavra „tanga“ com o sentido actual, mas sim com o sentido histórico dos povos africanos. Lemos no dicionário electrónico: 1. s. f. *tecido que os Negros enrolam à cintura, em forma de saia. (Bras.) franja que guarnece a rede de baloiço; estar de- ou ficar de-: estar na penúria* 2. s.f. *antigo peso de prata; moeda asiática*. E o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de 1991 dá: „1: [...] *Pano ou espécie de avental com que os selvagens tapam as partes pudendas*// [...] // *Qualquer pano para tapar as partes pudendas*// [...] 2. *Moeda* [...]“. E nada mais. [...] Mas temos de acrescentar que nos dicionários mais modernos esta peça de vestuário, também não é bem definida. Bidermann 1992: 886: „*Tanga* s. f. ... 1. *Veste usado pelos Índios* ... 2. *Modernamente . peça usada pelos banhistas nas praias* [...]“ O „Aurélio eletrônico“ de 1993 indica: *Tanga*. s. f. 1. *Espécie de avental usado por certos povos naturais* [...] 2. *Bras. Biquíni* [...] *formado por dois triângulos de tecido* [...] *presos por uma tirinha, que deixa o lado do corpo, e às vezes as nádegas quase completamente nus*. 3. [...] Mais exacto é o

dicionário on-line „Melhoramentos soft da Língua Portuguesa“ (s.d.): 1. *Espécie de avental [...] com que os selvagens cobrem parte do corpo*, [...] 2. *Espécie de calcinha, porém bastante reduzida*. 3. *Franja* [...]

Redigindo o *Dicionário dos dicionários portugueses*, uma das finalidades do qual é a de poder analisar a evolução semântica das palavras durante 3 séculos, constatei que não são raros os casos em que um lema, uma entrada, conserva a definição do seu significado durante os três séculos. Porquê? Várias são as respostas. Às vezes trata-se de uma palavra fora de uso, outras vezes trata-se de uma palavra que faz parte de uma nomenclatura (Direito etc.). Também existe a possibilidade de os lexicógrafos não terem analisado bem a palavra. Vou ocupar-me aqui apenas de um único destes casos, embora saiba que há muitos semelhantes. Encontrei na página 19 do dicionário acima mencionado de 1991 um adjetivo, **abarroado**, que já antes, em outros dicionários, me tinha saltado à vista: *Abarroado, adj. (de barrão por varrão). Obstinado; teimoso. // Indecente; malcriado*. Este adjetivo, como se vê, é acompanhado de uma explicação etimológica, e de dois grupos de adjetivos que parece indicarem dois significados diferentes do adjetivo a definir.

Nenhum dos meus amigos portugueses, a quem pedi ajuda, conhece este adjetivo, por isso consultei outros dicionários. A palavra „abarroado“ não está registado no „Dicionário da Língua Portuguesa“ da Porto Editora (que com as 2000 páginas da 7ª edição em 1994 é um dos mais volumosos em Portugal, tendo além disso uma edição em CD-rom e outra on-line; Costa /Melo 1994). Também não encontramos a palavra nos dicionários mais reduzidos, como o de Mário Vilela, *Dicionário do Português básico* (1991), ou nos dicionários bilingues. Consultei também alguns dicionários brasileiros: por exemplo o da Maria Tereza Camargo Biderman, *Dicionário Contemporâneo do Português* (1992), ou o *Aurélio eletrônico* de 1993. Sem resultado.

Que fazer para saber um pouco mais sobre este adjetivo? Em 1995, a Associação Portuguesa de Linguística organizou em Lisboa um congresso sobre „Dicionários e Corpora“. No segundo volume das Actas, publicado em Outubro de 1996, podemos ler, num artigo com o título „Os dicionários que temos e os que deveríamos ter“, a frase seguinte: „É frequente ouvir dizer que os dicionários que temos são maus. É bastante mais difícil, porém, ouvir criticar devidamente um dicionário: raramente se encontra um consulente capaz de criticar devidamente um dicionário enumerando os seus aspectos positivos e negativos. A este título, é significativo que em Portugal seja raríssimo fazerem-se recensões críticas de dicionários, seja em publicações de cunho científico, seja em publicações destinadas ao grande público. Os dicionários são, de facto, grandes desconhecidos para a maioria dos falantes.“ (Faria / Correia 1996: 22). Por isso me detenho pormenorizadamente no adjetivo „abarroado“, para reconstituir a história lexicográfica deste adjetivo.

Woll 1990: 1734 descobriu que o mencionado „*Grande Dicionário* [...]“ de 1991 é em grande parte uma reedição de outro dicionário mais antigo. Sabemos também que o seu autor (ou coordenador, como se chama com modéstia José Pedro Machado) tinha já antes redigido outros dicionários, dos quais alguns não estão nem nas bibliografias da nossa disciplina, como na *Romanische Bibliographie*, nem na lista das obras do autor publicada, por exemplo no *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (Lisboa: Confluência, 3a. ed. de 1977), onde só aparece o *Dicionário do Estudante* de 1952, do qual houve várias reedições não mencionadas. É bem conhecida a sua colaboração ao lado de Augusto Moreno e Cardoso Júnior, na 10a. edição do *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, publicado com o nome de autor de António de Moraes Silva. Este dicionário foi publicado entre 1949-1956 e tem 12 volumes, por isso os três editores publicaram, em 1961, uma versão mais breve, „aliviada das abonações“ mas conservando todas as entradas. Neste último *Novo Dicionário compacto da língua portuguesa*, da autoria de António de Moraes Silva, existe também a palavra „abarroado“: *abarroado adj. ant. obstinado, indócil*. (Cf. o texto a seguir que reproduz o que está no dicionário de 1949-1956: *Abarroado, adj. (de barrão) Pleb. Ant. Obstinado, teimoso*,

indócil: „médicos teimosos e abarroados“ *Manuel de Azevedo, Correção de Abusos, I. 48.*) Para estes dicionários, redigidos (ou compilados) nos anos 50, „abarroado“ é caracterizado de antiquado. No *Grande Dicionário* [...] de 1991, porém o adjetivo não tem índice de ser antiquado.

António de Moraes Silva foi uma das mais importantes personalidades na lexicografia portuguesa, mas nasceu em 1755 e morreu em 1824. O curioso é que ainda em 1961 se publicou, em Portugal, com o seu nome, um dicionário. Mas esta tradição de pôr o seu nome nos frontispícios não se reduz à perpetuação do autor, morto já há quase duzentos anos (isso acontece também em outras línguas), mas pode ver-se também na reprodução invariada dos lemas (fenómeno também não raro em outras línguas: o Dicionário comum da língua espanhola da Real Academia, continua, no fim do século XX, também nas entradas, com definições que vêm do século XVIII. Cf. Seco 1988: 559: „Siendo como es el Diccionario académico la encarnación actual de una obra nacida en la primera mitad del siglo XVIII, se conservan en sus columnas con cierta densidad enunciados definitivos procedentes de épocas pasadas y cuyo lenguaje, a veces, no es el que corresponde a la nuestra.“).

Na sexta edição do Moraes, em 1858, podemos ler: *abarroado, termo plebeio antiquado. Obstinado, teimoso, indócil*. Dos quatro adjetivos enumerados em 1991, dois (os do primeiro significado), já estão no dicionário de 1858, e a palavra já era, naquela época, antiquada. A 1a. edição do mesmo Moraes, que ele redigiu pessoalmente, é de 1789. A palavra „abarroado“ é definida como ‘obstinado, teimoso’, quer dizer, as mesmas palavras que em 1991. Sabemos que o dicionário de Moraes, de 1789, provém em grande parte de outro dicionário, mais velho ainda: é o *Vocabulário Portuguez e Latino* [...]“ de 1712, da autoria de Rafael Bluteau (1638-1734). Neste dicionário encontramos também o nosso adjetivo: *Abarroado. Obstinado, fixo no seu parecer. he pouco uzado. Vid: teimoso, pertinaz. & medicos teimosos & abarroados. Azevedo, Correção de abusos, & part. 1. pag. 48.*

Agora temos a fonte das citações de todos os dicionários mencionados, publicados durante 300 anos, até ao fim do século XX. Mas já em 1712 a palavra era pouco usada, como diz Bluteau, porque só uma única vez encontrou a palavra: num tratado médico de 1668 encontra-se o sintagma que contém este adjetivo. Nunca mais aparece este adjetivo num texto português, só continua nos dicionários, e sempre com a citação de 1668, como se se tratasse de um livro moderno.

O *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, de 1991, dá também a etimologia. Explica o vocábulo: „de barrão por varrão“, quer dizer pelo animal de sexo masculino sinónimo de porco, que tem, parece, segundo o autor, duas formas em português: „varrão“ e „barrão“ (com inicial labiodental ou bilabial). Não é fácil de compreender por que é que „médicos teimosos“ tem algo a ver com os „porcos.“ Também a evidência morfológica é negativa, porque, por um lado, não existe um verbo do qual „abarroado“ seria o particípio em função de adjetivo, e por outro lado, porque também não existe, como acontece com outros verbos, a forma simples: „barroar“ ou „barroado“ sem este prefixo a- tão frequente na fase antiga da língua portuguesa. „Varrão“, com vê inicial é um „porco não castrado, próprio para a reprodução“ e tem algo a ver com a forma latina „verre.“ Aparece primeiro em 1516, mas a forma „verrão“ já surge no século XIII. A forma com bê inicial não está documentada em nenhum dicionário etimológico (mas o português conhece, como o espanhol, *barão* ao lado de *varão*. Terá este fenómeno influenciado a argumentação e explicação *barrão < varrão* dos etimólogos?)

Encontramos pela primeira vez esta explicação do étimo no dicionário da Academia Portuguesa de 1793, reproduzida depois em vários dicionários, e também na 6a. edição do Moraes em 1858 (uma edição que reúne duas correntes lexicográficas portuguesas: uma tradicional, mais baseada em textos literários, outra baseada também nas obras de carácter não literário, por exemplo de Ciências Naturais, etc. Cf. Messner 1995b: XI).

No seu *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (várias edições; a partir da 3a., de 1977, sem modificações) José Pedro Machado escreve: *Abarroado, [...] citado por Elucidario como*

antiquado mas ainda em uso no séc. XVII. [...] Mas o assim chamado Elucidario das Palavras, Termos e Frases que em Portugal antigamente se usaram, publicado em 1798, não fez mais do que repetir o texto de Bluteau de 1712 (e não dá exemplos próprios, medievais, o que significa que o exemplo dado em Bluteau em 1712, com a data de 1668, não é o último de vários, mas o único). Se Machado, no seu dicionário etimológico, escreve „ainda em uso no século XVII“ poder-se-ia concluir que antes do século XVII era palavra usual. A verdade é que nunca o foi: No *Índice do vocabulário do português medieval* (Cunha 1986), o repertório mais completo do léxico português medieval, a palavra „abarroado“ não aparece.

Voltemos à definição do adjetivo „abarroado“ no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de 1991: agora já sabemos de onde provêm os dois adjetivos do primeiro significado (fictício). Não são o resultado de uma análise do uso da palavra, (que, creio, não existe), mas fundamenta-se na imitação de dicionários precedentes, que interpretam este adjetivo como sinónimo de outro adjetivo „teimoso“, como se se tratasse de uma reduplicação sinonímica (típica das literaturas medievais). Por isso temos de nos interrogar como é possível que uma palavra que é documentada só uma vez (um hapax legomenon), tenha dois significados, o segundo dos quais, sem relação com o primeiro, definido com os adjetivos ‘indecente, malcriado.’

Uma das responsáveis pela publicação das *Actas do Colóquio sobre Dicionários e Corpora*, realizado em Lisboa em 1995, afirmou que „em Portugal [...] os dicionários continuam a ser muito parecidos uns com os outros [...] por vezes definições muito semelhantes, mesmo quando publicados por editoras diferentes“. (Faria / Correia 1996:19). Nós, como já se entendeu, só podemos descobrir o segundo significado de „abarroado“ em dicionários e não em textos. Não é difícil fazê-lo: Cândido de Figueiredo publicou, pela primeira vez em 1899, o *Nôvo Dicionário da Língua Portuguesa* (a 25a. edição é de 1996). Este dicionário é, por um lado, muito completo, mas por outro carece de definições científicas no campo da semântica (Woll 1990: 1729). A entrada em Figueiredo 1996 é a seguinte: *Abarroado 1. adj. Ant. Malcriado, 2. adj. indecente.*

Acho que Cândido de Figueiredo, como muitos outros lexicógrafos portugueses, nunca analisou o léxico no seu emprego quotidiano, mas transcreveu apenas o que já estava escrito em obras anteriores, variando um bocadinho as palavras com as quais definiu o significado. E isso aconteceu com pouco cuidado: na sua obra, a seguir ao adjetivo „abarroado“, vem, na ordem alfabética, o participio de um verbo: „abarrotado“, que provêm do substantivo „barrote“ ‘trave, viga’. Cândido de Figueiredo, nas edições anteriores, dá dois significados: o primeiro é ‘muito cheio, empanzinado’, o segundo ‘contumaz, renitente, teimoso.’ Em 1995 a entrada é a seguinte: *1. adj. Coberto com barrotes. 2. adj. Empanzinado. 3. adj. Empanzinado, empanurrado. 4. adj. Ant. Renitente, teimoso.* Controlei os significados nos outros dicionários por mim já mencionados: não encontrei o sentido depreciativo na maior parte deles. Mas o Dicionário da Texto Editora, de 1995, do qual existe uma versão electrónica, contém: 1º. significado: ‘coberto de barrotes, atestado, carregado, etc.’ e o 2º. significado: (ant.) ‘renitente, teimoso.’ Onde é que encontraram este significado senão em Figueiredo? (Entre parêntese seja dito que no *Dicionário do estudante* (J.P. Machado, 1963), o verbo *abarrotar* tem, entre vários significados, também o de ‘ateimar’. Deve ter sido acrescentado este último aos já existentes por uma equação análoga ao adjetivo *abarrotado*). De novo posso explicar como nasceu este significado, ou melhor, onde o encontraram. O já citado *Elucidário de Palavras, Frases e Termos que antigamente se usaram em Portugal*, do autor Viterbo, publicado in extenso em 1798, teve uma edição mais breve, num assim chamado *Diccionario portatil [...] resumido, correcto e adicionado*, de 1825. Neste dicionário, que reproduz a obra de 1798, um erro de imprensa transformou o adjetivo „abarroado“ em „abarrotado“, com tê, juntando-se à descrição semântica o seguinte: ‘contumaz, renitente, teimoso, obstinaz.’ Figueiredo, como outros lexicógrafos que não trabalharam realmente com a linguagem, mas copiaram apenas os dicionários já existentes,

juntou ao sentido original do adjetivo „abarroado“, ‘muito cheio, carregado, farto de comida’, o novo significado, este erróneo. E este erro continua até ao ano de 1996, e vai continuar certamente ainda durante muito tempo.

O facto de aparecer no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de 1991 um segundo significado de „abarroado“, quer dizer ‘indecente, malcriado’, é para mim uma prova de que Machado inseriu nos seus dicionários (que todos são continuadores de Moraes, e assim também do Bluteau de 1712 - há quase 300 anos) o que ele encontrou no dicionário de Figueiredo.

Gostaria de acrescentar mais alguns comentários. Foi publicada em Lisboa, recentemente a versão electrónica do *Dicionário Universal da Língua Portuguesa* (Texto Editora), baseada num dicionário mais velho de Fernando José de Silva. Numa apresentação desta obra, disse-se o seguinte: „Esta obra teve o concurso de numerosos especialistas, quer na área da lexicografia e da linguística, quer na área do Ensino [...] a elaboração [...] foi suportada por uma metodologia [...] extremamente inovadora.“ (Actas 1996: 39s.). Constatei, para a minha grande surpresa, que este dicionário inclui o lema „abarroado“, com uma microestrutura diferente da da tradição Bluteau 1712 - Moraes 1789 - Machado 1991. O lema é *abarroado* (de barrão) *adj. (ant.) obstinado, teimoso, pertinaz; indecente, incivil, malcriado*. Invenção do colectivo anónimo que redigiu esta obra? Resultado de análise empírica da língua portuguesa?

Quero mencionar aqui também outra obra, esta com a primeira edição em 1945 e a 23a. em 1974, que consultei. É de Francisco Fernandes, *Dicionário de sinónimos e antónimos da Língua Portuguesa*. (Porto Alegre: Globo). No seu prólogo o autor faz a defesa da sua ideia de organizar o dicionário sem referência nenhuma a obras deste tipo precedentes. O lema é: *abarroado. teimoso, obstinado, cabeçudo, emperrado. malcriado, grosseiro, incivil, indecente*. O mesmo autor, no *Dicionário Brasileiro contemporâneo* (Porto Alegre: Globo) 4a. ed. 1975 (a primeira é de 1951) repete o que já antes escreveu no dicionário de sinónimos: *Abarroado (p. us.) grosseiro, incivil; obstinado, teimoso, cabeçudo (do barrão, por varrão)*. Se compararmos, com a ajuda do *Dicionário dos dicionários portugueses*, esta microestrutura com aquela que está num dicionário de sinónimos do século passado (Roquete / Fonseca 1833) sabemos, porém, de onde vêm os adjectivos que enumera o lexicógrafo brasileiro. A microestrutura na obra citada de 1833 é a seguinte: *abarroado, cabeçudo, obstinado, opiniático, teimoso, têsto, testudo*.

Na mesma tradição está também o *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa, feito sobre um plano inteiramente novo*, de Francisco Júlio Caldas Aulete, publicado pela primeira vez já em 1881. Segundo este plano, a meta era „rectificar as definições existentes“. A 4a. edição de 1958 - e as seguintes - são chamadas as „brasileiras“ porque a obra continua sobretudo a publicar-se no Brasil.

Se bem que digam que é um dicionário bem feito, encontramos nele - a edição consultada por mim é de 1968 - também „abarroado“, com a microestrutura: *adj. semelhante a barrão // Fig. teimoso; indócil. // Barrão*. A única novidade neste dicionário, é que „abarroado“ significaria ‘semelhante a barrão’.

Mais uma pista: os lexicógrafos brasileiros falam com orgulho do *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, do qual a 1a. edição saiu em 1938: „[...] este foi o primeiro dicionário em que os brasileiros identificaram a sua norma linguística e o seu vocabulário próprio [...]“ (Biderman 1996: 59). Neste dicionário - consultei a 11a. edição, de 1969 - aparece outra vez *abarroado* (*ant.*) definido como *incivil; teimoso, cabeçudo*. É interessante notar que um dos primeiros colaboradores era Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, o mesmo que posteriormente publicou o novo dicionário (1a. edição de 1975) hoje conhecido como o *Aurélio* (no qual podemos constatar que ele trabalhou realmente com a língua, porque nele já não inclui „abarroado.“)

O que se conclui é que encontramos, em todas estas obras, mais ou menos as mesmas palavras para definir o significado de „abarroado“. O dicionário de sinónimos de 1833 é claramente a fonte de outras obras semelhantes que lhe sucedem, porque têm o adjectivo „cabeçudo“, adjectivo introduzido entre os sinónimos, só a partir de 1833. Mas estes repertórios de sinónimos confirmam-me também na minha opinião: o adjectivo „abarroado“ não existe realmente; nunca aparece como sinónimo dos outros adjectivos que o acompanham, nem para definir o lema „teimoso“, nem os de „obstinado“, „malcriado“, „incivil“, etc.

Por isso é de admirar que no *Dicionário de expressões populares portuguesas*, da autoria de Guilherme Augusto Simões, (Lisboa: Publicações Dom Quixote 1993), encontremos *abarroado, malcriado, indecente (CF) cabeçudo; teimoso, obstinado (GAM)*. As fontes que indica este autor não são textos, senão dois dicionários: o já citado Cândido de Figueiredo (=CF), e um Gaspar Alvares Marques (= GAM), *Novíssimo Dicionário Orthografico e Prosódico da Língua Portuguesa* de 1881. Como é possível, que o autor desta obra, deste „dicionário de expressões populares“, do fim do século XX tenha inserido „abarroado“ no seu livro? Posso oferecer uma solução para este enigma: a segunda fonte que ele cita, o *Novíssimo Dicionário Orthografico* [...]“ de 1881, enumera três sinónimos para explicar o significado de „abarroado“: ‘cabeçudo, teimoso, obstinado.’ Exactamente com os mesmos adjectivos encontramos „abarroado“ num assim chamado *Novo dicionário crítico e etymológico da língua portuguesa*, do ano de 1836 (Constancio 1836). E são também três dos adjectivos que conhecemos da sinonímica de Roquete / Fonseca de 1833. Mas o que é novo no dicionário de 1836 é que o autor declara o adjectivo „plebeio“. Para o autor do *Dicionário de expressões populares* de 1993 (e para a sua fonte do século XIX), deve ter sido esta a razão para incluir a palavra na sua obra de expressões „populares“.

„Só através do estudo e do conhecimento dos produtos lexicográficos existentes, é possível melhorar a qualidade dos futuros“. Eis uma frase que encontrei nas Actas (Faria / Correia 1996, 24) do já citado Congresso de Lisboa sobre dicionários. Dificilmente poderia aderir a essa afirmação. Acho que o conhecimento de dicionários já existentes em Portugal não ajudou a fazer melhor, pelo contrário, isso levou os redactores a transcrevê-los, em vez de fazerem eles melhor o trabalho necessário, quer dizer respeitar as regras da lexicografia actual: que o lema provenha de textos escritos ou orais, a que se seguem a definição do protótipo e as variantes do significado (talvez também em ordem cronológica), com ou sem exemplos, com ou sem etimologia.

Há um dicionário português que sai desta tradição, a de copiar, e que se livra do peso do passado, discutindo a tradição lexicográfica. É o *Grande dicionário português ou tesouro da língua portuguesa*, de Domingos Vieira, publicado entre 1871 e 74. Acho que o elevado número de volumes (5) impediu uma maior difusão desta obra, o que é lamentável e prejudicou a evolução da lexicografia portuguesa. Vale a pena citar completamente a entrada de Domingos Vieira:

abarroado adj. Obstinado, afincado, teimoso; fixo no seu parecer, pertinaz - „medicos teimosos e abarroados“. Azevedo, Correção de abusos, P. I. p. 48. Moraes dá-lhe por etymologia o substantivo barrão, ou porco não castrado; porém é mais natural que, significando aferrado a uma certa idêa, venha de barrunto, termo chulo, que exprime suspeita, ainda que mais remotamente- Também se diz amarroado, principalmente da quebreira de corpo por cançasso ou doença. “.

Como já disse, não é necessário - nem mesmo acho lógico - que „abarroado“ seja um sinónimo de „teimoso“. Se se tratar só de uma gralha, seria fácil dizer que „abarroado“ provem de „amarroado“. Mas o conteúdo desta palavra, hoje, é ‘desanimado’, quase o contrário de ‘teimoso, obstinado.’ E também a cronologia contradiz esta possibilidade: de „amarroado“ não há data anterior ao século XIX.

(Outra palavra muito parecida é *abalroado*. Aparece pela primeira vez nas obras dos historiadores do século XVI. Mas o significado metafórico do verbo *abalroar* ‘contender, disputar’ só está documentado a partir de Bluteau 1712).

O outro adjectivo que introduz Vieira é „aferrado“, que diz bem com „teimoso.“ Nas obras que tratam de sinónimos, „aferrado“ é acompanhado de ‘cabeçudo, contumaz, obstinado, testo’ - todos adjectivos que acompanham também „abarroado“ ou „teimoso.“ Como não sabemos a intenção do autor de 1668, não podemos tomar uma decisão definitiva sobre a origem de „abarroado“, mas vale a pena reproduzir aqui o texto original de forma completa:

„50. Hum exemplo me parece não fôra de proposito, para convencer ao Medicos teimosos, & abarroados, ou para melhor dizer tyranos contra o sangue humano, que fundados na falsa secta, de que em Lisboa se deve sangrar muito, porque assi o fazião os Medicos antigos, sendo que Medicos doctos tal nunca fizerão.“

Manuel de Azevedo, Correção de Abusos Introduzidos contro o verdadeiro methodo da medicina. Em tres tratados. Pello Doutor Frey M. de Azevedo religioso da Ordem de Nossa Senhora do Carmo. Lisboa 1668.

Voltemos agora à problemática da lexicografia portuguesa actual, que ilustrámos com a nossa investigação sobre o adjectivo „abarroado“. Porque é que a situação se mantém como a descrevemos? E por que é que um especialista da história lexicográfica portuguesa pôde falar da lexicografia portuguesa como de „[...] uma das mais modestas entre as grandes línguas europeias [...]“? (Verdelho 1994: 685). Há muitos anos que várias pessoas anunciaram a publicação próxima de novos dicionários. Em 1993, no prólogo à reedição fac-similada do *Dicionário da Língua portuguesa publicado pela Academia Portuguesa* de 1793, o editor escreveu: „O Novo Dicionário da Língua Portuguesa que, Deo volente, deve aparecer em 1996 [...]“ (Martins 1993). Mas este optimismo expresso em 1993 não foi seguido de nenhum resultado concreto (pelo menos até ao momento em que redigi o meu artigo, em Janeiro de 1997). De um *Dicionário de combinatórias do português*, anunciado há bastante anos, disseram as redactoras em 1995: „muito trabalho [...] está ainda por fazer.“ (Nascimento / Pereira 1996: 52). Por isso não creio nas palavras que escreveu Mário Vilela, em „Ensino da Língua Portuguesa: Lexico, Dicionário, Gramática“ (1995: 83): „Há [...] indicações de que as coisas estarão a melhorar. Há projectos em curso que podem fazer alterar a situação“. Não creio nestas palavras porque, por exemplo, do *Dicionário Essencial do Português Contemporâneo*, do qual também se fala desde há muitos anos, só se conhece a teoria, mas nem um único lema modelo (Buescu 1996). Vilela, aliás, caracteriza este projecto assim: „[...] os objectivos que se propõe cumprir, parece, estarem já ultrapassados“ (Vilela 1995: 83).

Constatámos, então, que por um lado se anunciam e prometem novos dicionários, sem que vejam a luz, e que, por outro lado, existem muitos dicionários, mas que não respeitam as regras da lexicografia moderna. O dicionário da Academia Portuguesa, quer dizer, o único volume, com a letra A (mais não apareceu) foi reeditado 200 anos depois da primeira edição, em 1993. Na introdução um membro da mesma Academia Portuguesa chama este dicionário de 1793 um „modelo de técnica lexicográfica“ (Casteleiro 1993: XXII). Outro membro da mesma Academia compara o dicionário de 1793 com uma nova tentativa da Academia de redigir um dicionário, do qual também só apareceu um volume, com a inicial A, em 1976, dizendo: „O dicionário da Língua Portuguesa editado pela Academia Real das Sciencias em 1793, é, de qualidade superior ao de 1976.“ E outra vez „a enorme superioridade científica, metodologicamente qualitativa, do Diccionario de 1793 sobre o dicionário de 1976.“ (Martins 1993: XLV). Ao contrário do que afirmou este membro da Academia portuguesa, o dicionário de 1793 não era um bom dicionário. Fazendo a minha investigação sobre dicionários portugueses, comparei os dicionários portugueses com alguns dicionários espanhóis contemporâneos. E constatei que não são raros os exemplos em que a definição das entradas no dicionário português corresponde exactamente às que estão no dicionário da Academia espanhola de 1770 (é a segunda edição do famoso *Diccionario de Autoridades*). Exemplo:

1770 *Aggregar v. a. Añadir uniendo ó juntando unas personas, ó cosas á otras. Aggregare, adjungere.*

1793: *Aggregar v. a. Accrescentar unindo ou ajuntando humas pessoas ou cousas a outras. Do lat. aggregare.*

O primeiro e único volume do Dicionário Académico Português de 1793 teve também imitações: um *Diccionario geral* de 1818 repete muitas das suas definições; o mesmo acontece com o *Diccionario universal* de 1845. Para os autores do *Diccionario geral* de 1818 surgiu um grave problema: só puderam repetir as palavras com a inicial A; para os outros lemas tiveram de procurar uma fonte diferente, que mais uma vez foi o famoso dicionário de Moraes, que lhes serviu de base. Mas nem sempre o fizeram com cuidado. Onde em Moraes está escrito: *Pessoa sem ubi certo* (ubi, latinismo por „lugar onde se vive“) o *Diccionario geral* de 1818 escreve: *Passou sem ubi certo*. Os autores do *Diccionario universal* de 1845 nunca terminaram a sua obra, que acaba com o segundo volume, com as palavras que começam com L. Por isso o Moraes de 1858, já citado atrás e que adaptou parcialmente este outro dicionário só pôde reproduzir as definições das palavras publicadas (A-L, como já se referiu).

Baldinger 1974: 21, um dos maiores especialistas da lexicografia francesa, reproduz uma frase de Nodier: „Les dictionnaires sont des plagiat par ordre alphabétique“. Copiar, então, tem uma larga tradição, não só, mas também na lexicografia em Portugal, tanto na monolíngue como na bilingue. Num trabalho recente sobre a época em que os alemães começaram a interessar-se por Portugal no século XVIII, durante o Romantismo, fala-se do primeiro dicionário português - alemão. Ora com a ajuda do meu *Dicionário dos dicionários portugueses* foi-me possível descobrir que esse dicionário é uma tradução de outro dicionário, esse português- francês (Messner 1996: 52). Um dos dicionários bilingues mais difundidos é o chamado *Michaelis*. Foi reconstruída a história deste dicionário desde a primeira edição, de 1887, até 1976 (Ettinger 1991). Vale a pena recapitulá-la. Foi a primeira edição do dicionário português - alemão que na realidade serviu de base ao dicionário, publicado em 1893, de português-inglês. As palavras alemãs foram simplesmente substituídas pelas inglesas. Esta edição inglesa continua a ser publicada até hoje, com algumas mudanças, por exemplo inserindo desenhos, com o título *Brockhaus Picture Dictionaries: Novo Michaelis*. Consultei a edição de 1961, onde se lê: *Baseado em material selecionado do antigo dicionário Michaelis e inteiramente remodelado, revisto e aumentado*. É curioso que encontremos também nesta nova edição pretensamente revista um adjectivo „abarroado“, com dois significados, o primeiro ‘obstinate, stubborn,’ e o segundo ‘rude, cross.’ Os exemplos ingleses são simplesmente a tradução dos dois significados que já vimos no *Grande Dicionário [...]* de 1991. (Nos dicionários on-line português-alemão, português-inglês, etc., do *Michaelis Soft s. d.* não há *abarroado*).

Chegado ao fim do meu artigo, espero, com a reconstrução da história de „abarroado“, ter conseguido o meu propósito: chamar a atenção para um aspecto da lexicografia portuguesa actual. É que ninguém sabe a quantos dicionários futuros „abarroado“ vai ainda sobreviver.

Bibliografia:

Actas (1996) do XI Encontro nacional da APL, vol. II, Lisboa.

Aulete, Francisco Júlio Caldas (1881), *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa, feito sobre um plano inteiramente novo*, Lisboa: Impr. Nacional 1881, 2 vols.

Aurélio (1993) *eletrónico*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Baldinger, Kurt (1974), *Introduction aux Dictionnaires les plus importants pour l'histoire du français*, Paris: Klincksieck.

Biderman, M. T. Camargo (1996), Os Dicionários que deveríamos ter, in: *Actas* 1996, 55-62.

- Biderman, M. T. Camargo (1992), *Dicionário contemporâneo do Português*, São Paulo: Edit. Vozes.
- Bluteau, D. Rafael (1712-1728), *Vocabulario Portuguez et latino [...]* Coimbra: Collegio das Artes / Lisboa: Pascoal da Sylva / J. A. da Sylva / Off. da Musica.
- Buescu, M. T. Carvalhão (1996), Dicionário essencial do português contemporâneo, in: *Actas 1996*, 27-32.
- Casteleiro, J. Malaca (1993), Estudo linguístico do 1º. Dicionário da Academia (1793), in: *Diccionario 1793*, XI-XXIV.
- Constancio, Francisco Solana (1836), *Novo Diccionario critico e etymologico da lingua portugueza*, Paris. Typ de Casimir.
- Costa, J. Almeida / A. Sampaio e Mello (1994), *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto-Lisboa-Coimbra: Porto editora, 7a. ed. (on-line: www.priberam.pt)
- Cunha, Antônio Geraldo da (1986), *Índice do vocabulário do português medieval*, Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, vol. I.
- Diccionario (1793) da Lingua Portuguesa publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Lisboa. (reprod. fac-sim. 1993).
- Diccionario (1818) Geral da Lingoa Portuguesa de algibeira*, por tres litteratos nacionaes [...], Lisboa: Impressão regia.
- Dicionário (1995) Universal da Língua Portuguesa*, Lisboa-Porto: Texto editora.
- Diccionario (1845) Universal da Lingua Portuguesa*, [...] Lisboa: Typogr. P. A. Borges.
- Ettinger, Stefan (1991), Die zweisprachige Lexikographie mit Portugiesisch, in Hausmann / Reichmann / Wiegand / Zgusta edit.: *Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires*, Berlin-New York: de Gruyter, vol. III: 3020-3030.
- Faria. I. Hub / M. Correia (1996), os dicionários que temos e os que deveríamos ter, in: *Actas 1996*, 13-26.
- Figueiredo, Cândido de (1899), *Nôvo Diccionario da Lingua Portugêsa*, Lisboa: Tavares Cardoso.
- Fernandes, Francisco (1945), *Dicionário de sinônimos e antônimos da Língua Portuguesa*, Porto Alegre: Globo (23a. ed. 1974).
- Fernandes, Francisco (1951), *Dicionário Brasileiro Contemporâneo*. Porto Alegre: Globo (4a. ed. 1975).
- Machado, José Pedro (1991), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa: Ed. Alfa. 6 vols.
- Machado, José Pedro (1977), *Dicionário etimológico da língua Portuguesa*, Lisboa: Edit. Confluência (3a. ed.).
- Martins, José V. de Pina (1993), As Fontes Literárias do Diccionario [...] in: *Diccionario 1793*, XXV-CXI.
- Messner, Dieter (1996), Zu zwei Aufsätzen zur portugiesischen Lexikographie, in: *Lusorama* 30, 52-54.
- Messner, Dieter (1995a), O primeiro dicionário bilingue português que utiliza uma língua estrangeira moderna: in: *Verba Hispanica* 5, 57-66.
- Messner, Dieter (1995b), *Dicionário dos dicionários portugueses*, vol. V AGA-AJU Salzburg: Universidade.
- Moraes, Antonio de M. Silva (1858) *Diccionario da Lingua Portuguesa*, Lisboa: A. J. da Rocha, (6a. ed.)
- Morais, António de M. Silva (1961), *Novo Dicionário compacto da língua portuguesa [...]* Lisboa: Confluência.
- Morais, António de M. Silva (1948-1956), *Grande dicionário da língua portuguesa*, 10a. ed. revista [...] por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e J. P. Machado, Lisboa: Confluência.

- Nascimento, M. F. Bacelar do / L. A. S. Pereira (1966), *Dicionário de combinatórias do português*, in: Actas 1966, 43- 54.
- Novo Michaelis* (1961) /The New Michaelis, Amplo vocabulário moderno, S. Paulo Melhoramentos / Wiesbaden: Brockhaus.
- Pequeno Dicionário* (1969) *Brasileiro da Língua Portuguesa*, S. Paulo: Edit. Civilização Brasileira, (11a. ed.)
- Roquete, J. I / Fonseca J. da (1833), *Diccionario completo de synonymos portuguezes*, Paris: Aillaud.
- Seco, Manuel (1988), El problema de la diacronía en los diccionarios generales, in *RDTP* XLIII/1988: 559-567.
- Simões, Guilherme Augusto (1993), *Dicionário de expressões populares portuguesas*, Lisboa: Ed. Dom Quixote.
- Verdelho, Telmo (1994), Lexicografia, in: *Lexikon der Romanistischen Linguistik* VI/2, Tübingen: Niemeyer, 673-692.
- Vieira, Domingos (1871-1874), *Grande Diccionario Portugues ou Thesouro da Lingua Portuguesa*; Porto: Chadron (5 vols.).
- Vilela, Mário (1995), *Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário, Gramática*, Coimbra: Almedina.
- Vilela, Mário (1991) *Dicionário do Português básico*, Oporto: ed. ASA.
- Viterbo, Fr. Joaquim de Santa Rosa (1825), *Diccionario Portatil das Palavras, Termos e Frases [...]*, Lisboa: Impr. da Universidade.
- Viterbo, Fr. Joaquim de Santa Rosa (1798), *Elucidario das Palavras, Termos e Frases que em Portugal antigamente se usaram*, Lisboa: Off. da Real Acad. (2 vols.).
- Woll, Dieter (1990), Portugiesische Lexikographie, in: Hausmann / Reichmann /Wiegand / Zgusta, edit., *Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires*, Berlin- New York: de Gruyter, vol. II, 1723-1735.

Ist das *Dictionarium Latino Lusitanicum, ac Iaponicum* ein Wörterbuch der portugiesischen Sprache? Zur Rezeption Calepinos in Portugal

O percurso do Calepino no meio linguístico e cultural português, aguarda ainda um estudo monográfico (Verdelho 1995, 343).

Resumo: O *Dictionarium Latino Lusitanicum, ac Iaponicum*, de 1595, é um dicionário da língua portuguesa?

No título de dois dicionários portugueses cita-se o nome do lexicógrafo italiano Ambrogio Calepino: No *Dictionarium Latino Lusitanicum, ac Iaponicum* [...] de 1595, e na *Prosodia in Vocabularium trilingue, Latinum, Lusitanicum, & Hispanicum* [...] de Bento Pereira, de 1634. Mas enquanto que o segundo acompanha as palavras latinas pelas formas correspondentes portuguesas, os autores da primeira obra traduzem para português as definições do Calepino. Isso significa que a língua portuguesa só servia para melhor se conhecerem os significados das entradas latinas.

Der erste Lexikograph Portugals, Jerónimo Cardoso, hat mit einiger Sicherheit neben Nebrija 1492 stillschweigend eine der vielen Ausgaben des Wörterbuchs des italienischen Humanisten Ambrogio Calepino (1440-1510) für sein 1570 erschienenes *Dictionarium latinolusitanicum* benutzt, wie aus der Gegenüberstellung, die Verdelho (1995, 344-345) gemacht hat, deutlich wird. Demgegenüber erwähnen zwei andere portugiesische Wörterbücher Calepino namentlich bereits auf dem Titelblatt:

1. *Dictionarium Latino Lusitanicum, ac Iaponicum ex Ambrosii Calepini volumine depromptu: in quo omissis nominibus proprijs tam locorum, quam hominum [...] omnes vocabulorum significationes, elegantioresque dicendi modi apponuntur: in visum & gratiam Iaponicae iuventutis, quae Latino idiomati operam nauat, nec non Europeorum, qui Iaponicum sermonem addiscunt.* In Amacusa in collegio Iaponico Societatis Iesu. [...] Anno M. D. XCV.

2. *Prosodia in Vocabularium trilingue, Latinum, Lusitanicum, & Hispanicum digesta. In qua dictionum significatio, et Syllabarum quantitas expenditur. [...] quare hoc opus non solum Calepinum, et Triplex vocabularium [...] comprehendit, sed etiam [...] Authore Benedicto Pereyra Societatis Iesu Portugallensi Borbano, & Eboresi Academia primario Rhetorices professores.* Eborae: sumptu Dominicus Pereyra da Sylva, 1634.

Mir geht es jetzt nicht darum, diese Wörterbücher ausführlich mit einer der vielen Ausgaben des Calepino (sie erschienen ab 1502) zu vergleichen, so reizvoll und dringend nötig dies auch wäre, wie an den folgenden Beispielen zu erkennen ist. So verzeichnet Pereira 1634 zwischen Amita und Amitto noch folgende Einträge: Amitini [...] Amiternum [...] Cidade de Italia; Amiternus, a, um. cousa desta terra; Amiterninus [...] o mesmo; Amithaon [...]; Amithaoninus [...].

Cardoso 1570, Pereiras Vorläufer und manchmal auch Quelle, hat hingegen zwischen Amita und Amitto folgende Nominalgruppen: Amita magna; Amita maior; Amita maxima; Amitinus frater; Amitina soror; d. h. keinen der antiken Eigennamen. Diese sind auch nicht in dem zusammen mit den Werken Cardosos gleichzeitig veröffentlichten *Dictionarium aliud: de proprijs nominibus Celebriorum Virorum, Populorum, Regionum, locorum, Insularum*,

Urbium [...] collegit & adiecit in studiosae iuventutis commodum Sebastianus Stochamerus Germanus [...] Conimbricæ. Apud Ioannem Barrerium. M. D. LXIX. vorhanden.

Doch schon bei Nebrija 1492 sind einige der Ausdrücke aus Pereira 1634 zu finden: Amiternum. i. ciudad delos sabinos en Italia. Amiternus.a.um. por cosa de aquella ciudad. Amiterninus. a. um. por aquello mesmo. Es ist also anzunehmen, daß Pereira diese Einträge aus Nebrija übernommen hat. Amithaon schließlich kann daher nur aus einer der vielen Ausgaben des Calepino kommen (vielleicht kann Amithaoninus helfen, die entsprechende Calepino-Ausgabe zu finden, die Pereira 1634 benützt hat).

Es ist auch durchaus möglich, daß Pereira 1634, dessen Wörterbuch Verdelho 1995, 368 als "[...] o mais calepiano dos dicionários portugueses [...]" bezeichnet hat, nicht nur die Lemmata aus Calepino abgeschrieben hat, sondern sich auch bei einigen seiner portugiesischen Definitionen an der im mehrsprachigen Calepino 1559 vorhandenen spanischen Übersetzung orientiert hat, wofür das folgende Beispiel ein Beweis sein könnte:

Calepino 1559: "Recito [...] Hisp. Leer, pronunciar [...]"

Pereira 1634: "Recito, as, avi. Ler com voz alta, pronunciar, dizer de memoria, escrever [...]"

Weder Nebrija 1492 noch Cardoso 1559 verzeichnen dieses Verb.

Auch die bei Calepino 1559 angegebene italienische Übersetzung könnte auf Pereiras 1634 portugiesische Wortwahl eingewirkt haben (meine Hervorhebungen):

Calepino 1559: "Recens. adverbium. [...] Ital. Frescamente, *novellamente*. Hisp. Reziante, ò frescamente] [...] Sueton. in Tiberio Caes. ca. 1. [...]"

Pereira 1634: "Recens (Recenter Calep.) Adv. *Nova*, & *frescamente*, de refresco. I. b. Suet. "

Bei Cardoso 1570 steht nur: "Recens. frescamente". Nebrija 1492 gibt dieselbe Definition: "Recenter [...] por fresca mente. Recens [...] por aquello mesmo."

Auf die große Ähnlichkeit der spanischen Übersetzungen bei Calepino 1559 mit den Definitionen von Nebrija 1492 soll ebenfalls nur hingewiesen werden:

Nebrija 1492: "Recalcitro, as. por tirar coces atras."

Calepino 1559: "Recalcitro [...] Hisp. Tirar coces atras [...] Horat. 2. Serm. Saty. 1. Cui malè sit palpère, recalcitrat, undique tutus."

Pereira 1634: "Recalcitro [...] Dar, atirar couces. 1. 3. b. Horat. 2. Sab. 1. Cui male sit palpere, recalcitrat, undique tutus."

In meinem kurzen Text soll aber ein anderer Aspekt, mit dem ich mich schon beschäftigt habe (wie ändern sich Schulwörterbücher wenn sie als Gebrauchswörterbücher verwendet werden. Messner 1999a), nämlich die unterschiedliche Rezeption Calepinos in den beiden erwähnten Wörterbüchern vorgestellt werden.

In einer mehrsprachigen Calepino-Ausgabe (1559), die neben Latein, auch Griechisch, Deutsch und Spanisch inkludiert, wird z. B. Hernia wie folgt beschrieben: "[...] morbus es scroti intumescens, & propria, cum erupto peritoneo corpus in aliquod scrotum deciderit. Eius multae sunt species [...]" Das dazu angeführte spanische Wort ist "La potra". Auch Pereira 1634 gibt Hernia. ae mit portugies. "A potra" wieder (ebenso Cardoso 1570).

Demgegenüber ist im Lateinisch-Portugiesisch-Japanischen Wörterbuch von 1595 keine monolexematische Übersetzung vorhanden:

"Hernia, ae. Lus. Inchação dos testiculos, ou quebradura, doença. Iap. [...]"

Das ist eine Definition, in der man eigentlich eine Übersetzung des Textes von Calepino erkennen könnte.

Bei Hexametrum schreibt Calepino: "quod est sex mensurarum sive pedum."

Im Lateinisch-Portugiesisch-Japanischen Wörterbuch von 1595 steht:

"Hexámetrum, i. Lus. Cousa de seis medidas, ou pès. Iap. [...]"

Hingegen finden wir bei Nebrija 1492: "Hexametros. interpretatur sex mensurarum", eine Definition, die sich in Pereira 1634 so liest: "Hexameter, tri. verso de seis pès." (Cardoso 1570 hat das Lexem nicht).

Meiner Meinung nach lassen sich diese Unterschiede (sie können auch an anderen Lemmata belegt werden) zwischen dem Wörterbuch von 1595 und dem von 1634 nur damit erklären, daß diese Werke jeweils auf ein anderes Zielpublikum gerichtet waren. Wie schon im Titel des Werks von 1595 geschrieben steht, diente es vor allem jungen Japanern zum Erlernen des Lateinischen, und Europäern des Japanischen. Die portugiesischen Definitionen sind daher nicht Selbstzweck, sondern nur eine Hilfe zum Verständnis und bilden nicht einen eigenständigen Wörterbuchteil. Heros wird bei Calepino 1559 u.a. mit "[...] dicti sunt autem à veteribus heroes viri nobiles illustres [...]" beschrieben. Darauf ist sicher im Lateinisch-Portugiesisch-Japanischen Wörterbuch von 1595 "Homem insigne em nobreza e façanhas [...]" zurückzuführen. Cardoso 1570 und Pereira 1634 haben: "Heros, ois. Senhor poderoso & virtuoso [...]", und Nebrija 1492: "Heros, heróis: por el medio dios & ombre". Die Gründe, warum die Jesuiten in Japan eine wahrscheinlich nur einsprachige Calepino-Ausgabe verwendet haben, können nur vermutet werden: vielleicht waren die ausführlichen lateinischen Definitionen des Calepino nützlich. Sonst hätten sie ja, wie es ihre Mitbrüder in China getan haben, eine der vielen Auflagen von Cardosos Wörterbuch benutzen können (cf. Messner, 1999b). Aus diesen Überlegungen heraus erhebt sich die Frage, ob das *Dictionarium Latino Lusitanicum, ac Iaponicum* [...] auch weiterhin tatsächlich als ein Wörterbuch der portugiesischen Sprache angesehen werden kann.

Bibliographie:

- A. Calepini *Dictionarium* [...] Adicimus etiam Latinis Graecisque vocibus Italicas ac Hispanicis interpretationes. Lugduni: Haeredes Iacobi Iuntae 1559.
- Cardoso, Jerónimo, *Dictionarium Latinolusitanicum & vice versa Lusitanico latinum* [...] Conimbricae: Excussit Ioan. Barrerius 1570.
- Messner, Dieter, Schulwörterbuch vs. Alltagswörterbuch in Portugal im 16. Jahrhundert, in: *Festschrift D. Briesemeister*, hrsg. von Axel Schönberger, Frankfurt 1999a.
- Messner, Dieter, The first Portuguese Bilingual Dictionary resorting to a Foreign 'Modern' Language: Chinese, in: *Review of Culture*, Macau 1999b.
- Nebrija, Elio Antonio de, *Diccionario Latino-Español* (Salamanca 1492). Estudio preliminar por Germán Colón y Amadeu - J. Soberanas. Barcelona: Puvill 1979.
- Verdelho, Telmo, *As Origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*, Aveiro: INIC 1995.

Mais uma vez Calepino e os dicionários portugueses

Recentemente analisei (Messner 1999) qual a influência que os dicionários do humanista italiano Ambrogio Calepino exerceram sobre os lexicógrafos portugueses. Constatei que os jesuítas quando redigiam no Japão a obra importantíssima - publicada em 1595 - o *Dictionarium Latino Lusitanicum, ac Iaponicum ex Ambrosii Calepini volumine depromptu* não só adoptaram as entradas contidas na obra de Calepino, mas também traduziram as definições latinas da autoria deste, de maneira bastante livre, podemos constatar, sem incluírem as respectivas e existentes formas portuguesas. Repito o que já escrevi (Messner 1999: 43): Calepino (1559) dá do lexema latino *Hernia, ae* a seguinte definição: '[...] morbus est scroti intumescentis'. A palavra portuguesa correspondente a *Hernia* é *potra*, mas os jesuítas não a introduzem, traduzindo, sim, Calepino da seguinte forma: "[...] Inchação dos testículos [...]". Por isso, não concordo com os que dizem que esta obra é um dicionário da língua portuguesa.

Sabe -se que a obra de Calepino foi reeditada bastantes vezes até ao século XVIII. Mas poucos conhecem um dicionário mais moderno, editado em 1870 em Roma com o título *Lexicon Latino-Iaponicum depromptu ex opere cui titulus Dictionarium Latino Lusitanicum ac Iaponicum typis primum mandatum in Amacusa in Collegio Iaponico Societatis Iesu anno Domini M. D. XCV. Nunc denuo emendatum atque auctum a Vicario Apostolico Iaponiae* (Romae: Typis S. C. De Propaganda Fide socio Eq. Petro Marietti Admin. MDCCCLXX). Já o título desta obra remete para a fonte de onde provém: a obra dos jesuítas do Japão de 1595 com a diferença de que algumas definições de 1595 não foram retomadas em 1870. Um exemplo:

1595: *Rebellis, e. Lus. Rebelde. Iap. Mufonjin, guiacuxino cuuatatçuru mono.*

1870: *Rebellis, e. Mufonjin, guiacuxino cuuatatçuru mono.*

Mais interessante é poder constatar, que, na edição de 1870, as definições portuguesas dos lexemas latinos de 1595, quer dizer a tradução livre do texto original de Calepino, foram retraduzidas para o latim, e isso, sem consultar directamente uma das muitíssimas edições do dicionário de Calepino (itálicos meus):

1559: *Recompositus [...] Rursus compositus. [...]*

1595: *Recompositus [...] Lus. Couse posta em ordem outra vez. Iap. Xidano votte vogi nauosaltaru mono.*

1870: *Recompositus ... Res denuo in ordinem digesta. Xidano votte vogi nauosaltaru mono.*

A definição portuguesa de 1595 deve ter sido a fonte da tradução latina feita em 1870 o que podemos provar com mais exemplos:

1559: *Rebello ... Repugno, bellum instauro ... Rebelle dicuntur vulnera, seu alia vitia [...]*

1595: *Rebello [...] Lus. Rebelar . Iap. [...] Item Renovare as feridas , ou outros males Iap. Modoru, cayeru.*

1870: *Rebello [...] Mufon, suru, guiacuxinu cuuatatçuru [...] Ingravescere vulnera vel alia mala. saifot suru.*

1559: *[...] Rediviva in aedificiis dicimus materiam diruti aedificij, quae rursus ad novum aedificium applicatur, vel potest applicari [...]*

1595: [...] Rediviva, orum. Lus. *Materiaes de edificio velho que podem servir para novo* [...]

1870: Rediviva, orum. *Veteris aedificiis materia quae novo potest inservire* .

O argumento que se dá para a edição do *Lexicon Latino-Iaponicum depromptu ex opere cui titulus Dictionarium Latino Lusitanicum ac Iaponicum* em 1870 é o seguinte: " [...] hoc in animum induxi [...] magno usui futurum tum alumni nostris Iaponensibus qui latinis litteris operam navant, tum praesertim Europaeis Iaponicam linguam cupidis addiscendi. " (Praefatio, s. p.). Não sabemos se isso realmente ajudava na tradução do latim para o japonês. Consultei alguns colegas japoneses que me explicavam que muitas das expressões registadas no dicionário de 1595, estavam, em 1870, fora de uso. Esta opinião é confirmada numa entrevista que concedeu Jaime Coelho, o autor de um novo dicionário japonês - português, a uma revista (Expresso 10 de Outubro de 1998):

Expresso: O trabalho dos jesuítas em 1595 ainda é útil nos dias de hoje?

J.Coelho: Tem um interesse académico. Está muito prejudicado pelo facto de o japonês ter passado por profundas transformações. [...] Alguns linguistas dizem que dez por cento das palavras japonesas são de origem estrangeira.

Expresso: Muitas delas de origem portuguesa ..

J. Coelho: Sim, mas estão a perder-se. Botão, copo e pão são três exemplos de palavras de origem portuguesa e que os japoneses pronunciam quase da mesma maneira que em português. Todavia estão em desuso, substituídas por outras importadas do inglês [...]

Expresso: Quem são os destinatários do dicionário?

J. Coelho: São os portugueses, mas sobretudo os brasileiros. Neste momento há no Brasil milhares de pessoas a estudar japonês [...]

Bibliografia:

Calepino, Ambrogio (1559): *Ambrosii Calepini Dictionarium* hac postrema omnium editione non parua vorum Latinarum, ingenti etiam Graecarum quae rectis Latinis vocibus è regione opponuntur, accessione adauctum & locupletatum; atque à vitis, quibus olim multiplici impressione contaminatum fuerat, vindicatum. Adicimus etiam Latinis Graecisque vocibus Italicas ac Hispanicis interpretationes [...] Lugduni: Haeredes Iacobi Iuntae 1559.

Dictionarium Latino Lusitanicum, ac Iaponicum ex Ambrosii Calepini volumine depromptu: in quo omissis nominibus proprijs tam locorum, quam hominum [...] omnes vocabulorum significationes, elegantioresque dicendi modi apponuntur: in visum & gratiam Iaponicae iuventutis, quae Latino idiomati operam nauat, nec non Europeorum, qui Iaponicum sermonem addiscunt. In Amacusa in collegio Iaponico Societatis Iesu. [...] Anno M. D. XCV.

Lexicon Latino-Iaponicum depromptu ex opere cui titulus Dictionarium Latino Lusitanicum ac Iaponicum typis primum mandatum in Amacusa in Collegio Iaponico Societatis Iesu anno Domini M. D. XCV. Nunc denuo emendatum atque auctum a Vicario Apostolico Iaponiae (Romae: Typis S. C. De Propaganda Fide socio Eq. Petro Marietti Admin. MDCCCLXX).

Messner, Dieter (1999): Ist das Dictionarium Latino Lusitanicum, ac Iaponicum ein Wörterbuch der portugiesischen Sprache? Zur Rezeption Calepinos in Portugal, em: *Lusorama* (Frankfurt/M.) 38 (März 1999) . 48 - 52.

O Diccionario da Lingoa Portuguesa de 1793 e as suas fontes

A aparição duma edição fac-similada do *Diccionario da Lingoa Portuguesa* publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 1793,¹ facilita o acesso a este primeiro (e único: só contém a letra A) volume do dicionário planificado pela Academia no século XVIII (abrev. DLP). Até a esta reedição em 1993 este livro, com mais de quinhentas páginas bastante volumoso não era muito difundido fora de Portugal, e , parece, também não muito conhecido dentro do país porque faltam até hoje análises pormenorizadas desde o ponto de vista da lexicografia histórica. A edição moderna é acompanhada por dois estudos introdutórios² que concordam fazendo o elógio desta obra.

Desde faz vários anos estou redactando um chamado *Dicionário dos dicionários portugueses*. Este trabalho reúne todas as entradas, dispostas em ordem alfabética e cronológica, dum grande número de dicionários e outras obras de carácter lexicográfico, publicadas no decurso de 3 séculos. Alguns dos livros com o título *Orthographia* do século XVIII também foram incluídos, porque contêm comentários sobre palavras portuguesas (do tipo diastrático, diatópico, etc.). O último dicionário registado é a sexta edição do *Diccionario da Língua Portuguesa* de 1858, normalmente chamado Moraes, segundo o nome do autor das primeira e segunda edições. Este dicionário tem tido uma grande influência sobre os dicionários portugueses modernos.³ Com o *Dicionário dos dicionários portugueses* podem fazer-se várias investigações tanto sobre a evolução de cada palavra portuguesa como também sobre a maneira como se fizeram os dicionários portugueses.

Os elógios que acompanham a reedição moderna do DLP de 1793, parece, podem ser confirmados pelo exemplo seguinte, a palavra "água". Se compararmos a descrição da entrada do DLP de 1793 com as respectivas dos dicionários anteriores podemos constatar nele um elemento novo. Bluteau⁴ escreveu, em 1712: "Agoa [...] corpo humido, liquido, fluido, frio, claro, transparente [...]" Esta definição é retomada por Moraes⁵, na primeira edição, em 1789: "Agua, s. f. corpo líquido, transparente, sem gosto, cheiro, ou sabor [...]" (e continua sem grandes câmbios até a quinta edição de 1844⁶). Também o primeiro dicionário⁷ publicado

¹ *Diccionario da Língua Portuguesa* publicado pela Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa M.DCC.XCIII. Tomo primeiro A, Reprod. fac-similada assinalando o II Centenário da edição. Lisboa: Academia 1993.

² João Malaca Casteleiro, Estudo Linguístico do 1º Dicionário da Academia, e José V. de Pina Martins, As fontes literárias do Diccionario da Lingoa Portuguesa da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em: *Diccionario da Língua Portuguesa* publicado pela Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa M.DCC.XCIII. Tomo primeiro A, Reprod. fac-similada assinalando o II Centenário da edição. Lisboa: Academia 1993.

³ *Diccionario da Lingua Portuguesa*, composto por Antonio de Moraes Silva. ... Sexta edição, Lisboa: Typogr. de A. José da Rocha Moraes. 1858.

⁴ *Vocabulario Portuguez e latino*, [...] auctorizado com exemplos dos melhores escritores [...] pelo Padre D. Rafael Bluteau, Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus [...] 1712-1728 (10 vols.).

⁵ *Diccionario da Lingua Portuguesa* composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, Lisboa: Off. de Simão Thaddeo Ferreira. 1789

⁶ *Diccionario da Lingua Portuguesa* recopilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, [...] por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Typographia Lacerdina. 1813.

Diccionario da Lingua Portuguesa recopilado de todos os impressos até o presente [...] por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: M. P. de Lacerdo. 1823 (Terceira ed.)

Diccionario da Lingua Portuguesa composto [...] por Antonio de Moraes Silva. Quarta ed. Lisboa: Imp. Regia. 1831.

Diccionario da Lingua Portuguesa composto [...] por Antonio de Moraes Silva. Quinta edição, aperfeiçoada, e acrescentada de muitos artigos novos, e etymologicos. Lisboa: Typogr. de A. José da Rocha. 1844

⁷ *Diccionario portuguez e latino* [...] author Pedro José da Fonseca, Lisboa: Regia Oficina Typografica. 1771

depois da expulsão dos Jesuitas, e da proibição das obras deles, em 1771, continua com uma definição tradicional: "Agoa, hum dos quatro elementos [...]".

Ao contrário dos exemplos citados, a microestrutura do DLP de 1793 é diferente:

"Agoa. s. f. Certa substancia simples, e hum dos quatro elementos dos corpos terrestres, conforme os antigos Philosophicos e Chimicos. Segundo Lavoisier, e outros Chimicos modernos da Academia das Ciencias de Paris, não he elemento, mas um corpo composto de dous principios denominados Oxygenio e Hydrogenio combinados, os quaes só podem existir separados hum do outro na fôrma de substancias aeriformes (chamadas Gazes) no gráo da temperatura athmosphe rica, em que vivemos.

A agoa considerada no estado de pura he definida por alguns Physicos: hum fluido insipido, visivel, transparente, sem côr, nem cheiro, que adhire á superficie de hum grande numero de corpos, penetra muitos e he capaz de apagar as materias inflammadas, sendo lançada sobre ellas em grande quantidade [...]

[...] As agoas naturaes destilladas são tambem do numero das artificiaes, estas, e as da chuva são as mais puras, que se conhecem, e no seu pezo especifico são para a agoa do mar :: 10000 : 10263; são para o ouro :: 1 : 19 ¼ e são para o ar :: 800 : 1; estando o barometro em 28 pollegadas, e o thermometro de Reaumur em 14 ½ grãos [...]

Muitos dos dicionários posteriores não retomam a definição do DLP de 1793. Um chamado *Novo Diccionario* de 1806⁸ fala de "hum dos quatro elementos, sem cheiro, e transparente [...]"; o *Diccionario geral* de 1818⁹ dá: "Agoa s. f. um dos 4 elementos dos antigos [...]". Só em 1836¹⁰ é reproduzido o DLP de 1793: "Agua [...] o liquido transparente sem côr, cheiro ou sabor [...] A agua considerada como hum elemento simples pelos antigos, he hum composto de dois gazes, o hydrogeneo [...] e o oxygeneo [...]".

Temos que esperar até ao ano de 1845¹¹ que o *Diccionario Universal* muda a ordem das definições; agora vem, primeiro, a moderna, e a outra, tradicional, como segunda: "Agua, s. f. liquido composto de hydrogenio e oxigenio [...] é um dos quatro elementos dos antigos [...]". Finalmente, na sexta edição de Moraes,¹² em 1858, encontramos também a definição científica: "Agua s. f. [...] Entre os antigos era reputada um dos quatro elementos; hoje porém é bem sabido, que no seu estado de pureza é a agua um composto de gaz oxygeneo, e de gaz hydrogeneo na proporção de 85,58 e de 14,42. [...]".

Uma das constantes que se encontra quase em todos os prefácios dos dicionários, é que o autor pretende superar, com o seu trabalho, as obras precedentes, o que em realidade muitas vezes não se faz; um procedimento que podemos controlar com a ajuda do *Diccionario dos dicionários portugueses*. Mas consultar o *Diccionario dos dicionários portugueses* não é sempre suficiente. Por isso é necessário incluir na investigação de dicionários portugueses as obras escritas em outras línguas.

O exemplo "água" citado antes permitiu constatar que o DLP de 1793 tinha algo de novo na sua definição. Mas é só invenção dos lexicógrafos desta obra? Se compararmos o DLP de 1793 com as edições do dicionário académico espanhol contemporâneo podemos ver que nestes a definição tradicional e não científica da água como um dos quatro elementos continuava até 1869.¹³ Por isso, no caso da entrada "água" temos que controlar também outros dicionários da época para podermos ver a originalidade pretendida do DLP de 1793.

⁸ *Novo Diccionario da Lingua Portuguesa* [...] Lisboa: Typografia Rollandiana. 1806.

⁹ *Diccionario geral da Lingoa portugueza de algibeira* [...] Lisboa: Impressão Regia. 1818.

¹⁰ Francisco Solana Constancio, *Novo Diccionario critico e etymologico da lingua portuguesa*. [...] Paris: Tipografia de Casimir. 1836

¹¹ *Diccionario Universal da Lingua Portuguesa* [...] Lisboa: Typographia de P. A. Borges. 1845

¹² *Diccionario da Lingua Portuguesa*, composto por Antonio de Moraes Silva. [...] Sexta edição, Lisboa: Typogr. de A. José da Rocha Moraes. 1858.

¹³ Cecilio Garriga Escribano, Penetración del Léxico químico en el DRAE: la edición de 1817, em: *Revista de Lexicografía* III / 1996-97, pp. 59-80.

É bem conhecida a importância de uma obra para a difusão das novas nomenclaturas científicas francesas. Trata-se do *Dictionnaire raisonné de Physique* de Mathurin-Jacques Brisson (Paris: Thon 1781). A tradução espanhola foi publicada, com o título *Diccionario universal de física* a partir de 1796 (Madrid: Imprenta de Don Benito Cano).

Nesta tradução de Brisson (1796, vol. I, 75) pode ler-se:

"La pesadez específica del Agua varía, como su grado de pureza. La del Agua de lluvia ó destillada es á la del oro, como 10000 es á 192581, ó con corta diferencia como 1 es á $19\frac{1}{4}$; y á la del ayre, como 10000 es á $12\frac{1}{2}$, ó como 800 es á 1, hallándose el barómetro á 28 pulgadas, y el termómetro á $10\frac{1}{2}$ grados".

A semelhança entre o texto que contem o DLP de 1793 e o texto espanhol é evidente se bem que alguns números variam. Mas a tradução espanhola não pode ser a fonte das microestruturas portuguesas, porque só publicou-se a partir de 1796; e também não pode ser puro acaso que as definições se parecem tanto. Não é difícil encontrarmos mais semelhanças entre as duas obras.

Não me foi possível verificar se nos anos 80 do século XVIII a edição francesa de Brisson estava numa das bibliotecas portuguesas ao alcance dos lexicógrafos que redactaram o DLP de 1793. Mas sim, descobri que na biblioteca da Academia Portuguesa - fundada em 1779 - existe outra obra de Brisson, quer dizer o *Traité élémentaire ou principes de physique*, Paris : Montard 1789. A obra de Brisson de 1789 retoma muitas vezes o texto de 1781.

Brisson 1781, 491:

"Eau, Fluide insipide, visible, transparent, sans couleur, sans odeur, qui adhere á la surface d'un grand nombre de corps, qui en pénètre plusieurs, & qui est capable d'éteindre les matieres enflammées, lorsqu'on en jette dessus en assez grande quantité. Cette définition ne convient en entier qu'à l'eau parfaitement pure: Ainsi, si elle est opaque, colorée, odorante, ou qu'elle ait quelque goût, elle est certainement mêlée avec quelque matiere étrangere.

L'eau nous vient, 1°. De l'atmosphere par les pluies ..."

Brisson 1789, vol II. 184. (em itálica o que acrescentou o autor)

"§. 1042. L'eau, dans l'état de liqueur, est un fluide insipide, visible, transparent, sans couleur, sans odeur, presque totalement incompressible, très-peu élastique, qui adhere á la surface d'un grand nombre de corps, qui en dissout un grand nombre, qui en pénètre un nombre plus grand encore, & qui est capable d'éteindre les matieres enflammées, qu'on y plonge, ou sur lesquelles on en jette en assez grande quantité. Cette définition ne convient en entier qu'à l'eau parfaitement pure: Ainsi, si elle est opaque, colorée, odorante, ou qu'elle ait quelque goût, elle est certainement mêlée avec quelque matiere étrangere.

§. 1043.

§. 1044. L'eau nous vient, 1°. De l'atmosphere par les pluies [...] "

Os editores da tradução espanhola de 1796 citam o autor francês que alude, no prólogo, várias vezes à obra científica por excelência do século XVIII, a *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres* (Paris: Briasson, David, Le Breton, Durand 1752ss.):

"Es cierto, prosigue Brisson, que en la Enciclopedia Francesa se halla el equivalente de un Diccionario de Física; mas para adquirirlo es preciso comprar la Obra entera [...] Hemos procurado con todo esfuerzo dar sus definiciones y significaciones exâctas [...]" (p. VI).

Se Brisson tem recorrido à Enciclopedia, obra que reúne todos os conhecimentos científicos do século XVIII, é de supôr que os lexicógrafos portugueses também a conheciam. A Academia Portuguesa está em posse dum exemplar da *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres* [...] Realmente se compararmos algumas entradas do DLP de 1793 com as respectivas da Enciclopedia francesa não é difícil descobrir a grande influência exercida pela obra francesa .

Encyclopédie 1752, vol. I.

Dicionário português 1793, 377

(227) Parmi les propriétés & les effets

mechaniques de l'air, les principaux sont la fluidité, sa pesanteur & son élasticité ...

Estes maravilhosos efeitos devem-se á fluidez, pezo, e elasticidade do ar ...

(228) Quelques Philosophes modernes

attribuent la cause de la fluidité de l'air, au feu qui y est entremêlé, sans lequel l'atmosphère,

Querem que o ar deva ao fogo a sua fluidez,

selon eux, se durciroit en une masse solide & impénétrable...

e que sem ella seria huma massa solida, e impenetravel ..

Parece-me importante insistir nesta dependência porque nos estudos que se fizeram sobre a "Ilustração" em Portugal só se menciona de forma muito sumária a recepção da Enciclopedia francesa¹⁴. Relativo ao exemplo "água" acredito que a microestrutura do DLP de 1793 foi composta a partir dos artigos do dicionário de Brisson e da Enciclopedia francesa.

Este DLP de 1793 foi publicado numa época quando a "Ilustração" estava à moda dos intelectuais europeus. Infelizmente, a letra A não abarca muitos termos típicos deste século para poder descobrir se a influência francesa que antes constatámos no sector das ciências naturais também se fazia notar na filosofia. Consta, ao menos, que na entrada "abstrair", o significado filosófico, só aparece no terceiro lugar (com uma citação tomada do dicionário de Bluteau¹⁵ de 1712, bem que no prefácio está escrito: "O Diccionario [...] deverá conter os vocabulos puramente Portuguezes [...] inteiramente com o uso regular [...] fixado tudo pelos exemplos dos Autores Classicos"¹⁶), enquanto no dicionário académico espanhol a forma correspondente ocupa o primeiro lugar.¹⁷

A comparação com o dicionário académico espanhol citado (encontrei dele a segunda edição de 1783 também na biblioteca da Academia Portuguesa) nos oferece ainda muitos outros aspectos interessantes. É de pensar que os exemplos seguintes testemunham a mentalidade oficial no Portugal do século XVIII.

O advérbio "actualmente" tem, na segunda edição do *Diccionario de la lengua castellana* [...] compuesto por la Real Academia Española (Madrid: Joachin Ibarra. 1770), a seguinte microestrutura: "Actualmente, adv. Mod. Ahora, al presente. Actu, re ipsa. Re vera." Os lexicógrafos espanhóis deitaram para fora todo exemplo e toda citação. Mas no DLP de 1793, abaixo de "actualmente", encontramos com a definição "advérbio modal" tres exemplos, com sintagmas como "confessar actualmente, actualmente receber o sacramento, clérigos já ordenados actualmente." Estes exemplos como muitos outros - mas não todos - deixam ver que era o discurso religioso que mais foi utilizado pelos lexicógrafos do século XVIII. É de perguntar se isso se fazia pela relevância que eles deram à este tipo de discurso, ou se isso se fazia pela disponibilidade dos textos.

A mesma escolha de exemplos encontra-se no DLP de 1793 abaixo da entrada "acomodadamente":

"Accommodadamente. adv. mod. Proporcionadamente, a proposito, do modo que convem. Exeq. de Filipp. I. 71 v. Deos dará tempo, em que possamos fallar nella accommodadamente. Vieir. Serm. 2. 15., 3 n. 476 E por isso muito accommodadamente a elles, lhes disse o Senhor, qze &c. M. Fernand. Alm. 1,6,2 n. 4 Seguese, que sendo a Virgem Mãe de Jesu, he de algum modo causa da gloria dos Anjos, e que accommodadamente se pôde chamar Mãe sua.

¹⁴ António Coimbra Martins, "Luzes", em: *Dicionário de História de Portugal*, vol. IV, Porto: Livraria Figueirinhas, 1992. pp. 86-106.

¹⁵ *Vocabulario Portuguez e latino*, [...] auctorizado com exemplos dos melhores escritores [...] pelo Padre D. Rafael Bluteau, Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus [...] 1712-1728 (10 vols.).

¹⁶ *Dicionário da Língua Portuguesa* publicado pela Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa M.DCC.XCIII. Tomo primeiro A, Reprod. fac-similada assinalando o II Centenário da edição. Lisboa: Academia 1993 p. IV

¹⁷ *Diccionario de la lengua castellana reducido a un tomo para su más fácil uso*, Madrid: Joaquim Ibarra 1780 (Facsimil de la primera edición, Introducción de Manuel Seco, Madrid: RAE 1991).

Commodamente, com commodidade e conveniencia. Brit. Chr. 6, 30 Vierão (os Religiosos) a condecender no que elRei pedia, com tanto que lhe assinasse outro mosteiro, em que vivessem accomodadamente [...]"

Este exemplo permite-nos também conhecer uma outra fonte do DLP de 1793, uma fonte já antes mencionada. No dicionário espanhol de 1780¹⁸ aparecem também dois significados do advérbio correspondente:

"Acomodadamente. adv. mod. Ordenadamente, del modo que conviene [...]"

Acomodadamente. Con comodidad ó conveniencia..."

A semelhança entre os dois dicionários sobrepassa a estrutura formal: ao sintagma espanhol "del modo que conviene" corresponde o português "do modo que convem"; ao espanhol "Con comodidad ó conveniencia" o português: "com commodidade e conveniencia". Os dicionários portugueses que precedem o DLP de 1793 não contêm estes grupos de palavras. A confrontação mais pormenorizada de algumas entradas portuguesas com as respectivas espanholas mostra que a semelhança não pode ser gratuita.

O DLP de 1793 tem: [...]"Actualmente [...] com actual ser e exercicio [...]", o que corresponde ao espanhol "actualmente [...] con actual ser, y exercicio [...]". O DLP de 1793 tem: "Agnção [...] Parentesco de consanguinidade por linha masculina entre os varões descendentes de hum pai commum [...]", o que corresponde ao espanhol "Agnacion [...] El parentesco de consanguinidad entre los varones descendientes de un padre comun [...]". O DLP de 1793 tem: "Abade Bento. O que na sua Igreja e territorio tem jurisdicção quasi episcopal, e usa de insignis correspondentes [...]", o que corresponde ao espanhol "Abad Bento. El que en su Iglesia y territorio tiene jurisdicción quasi episcopal, y usa de las insignias correspondientes [...]", etc. etc.

Vale a pena de mencionar aqui dois dicionários portugueses, que imitavam o DLP de 1793. O *Diccionario geral* de 1818¹⁹, e o *Diccionario Universal* de 1845²⁰ reproduziam as definições do DLP de 1793.

1818: "actualmente [...] com actual ser e exercicio [...]"

1845: "actualmente [...] com actual ser e exercicio [...]"

1818: "Agnção [...] parentesco de consanguinidade por linha masculina entre os varões descendentes de um pai commum [...]"

1845: "Agnção [...] parentesco de consanguinidade por linha masculina entre os varões descendentes de um pai commum [...]"

É interessante constatar, com a ajuda do *Diccionario dos dictionários portugueses* que a falta dos outros volumes do DLP de 1793 forçou os redactores de 1818 e de 1845 a seguir as microestruturas do Moraes, provavelmente copiando as respectivas edições actuais.²¹

A imitação do dicionário académico espanhol é, várias vezes, documentada pelos lexicógrafos portugueses de maneira aberta:

"Albarrada, s. f. Reparo ou defesa, feito de pedras para cobrise ou defenderse na guerra, ou para cercar e resguardar as herdades. Segundo o Diccionario Castellano, he voz composta do artigo al e do arábigo barrada [...]" (DLP 1793, 186).

Na obra espanhola encontra-se: "Albarrada, s. f. Reparo, ó defensa para cubrise, ó defenderse en la guerra, y resguardar las heredades ..." ²²

¹⁸ *Diccionario de la lengua castellana reducido a un tomo para su más fácil uso*, Madrid: Joaquim Ibarra 1780 (Facsimil de la primera edición, Introducción de Manuel Seco, Madrid: RAE 1991).

¹⁹ *Diccionario geral da Lingoa portugueza de algibeira* [...] Lisboa: Impressão Regia. 1818.

²⁰ *Diccionario Universal da Lingua Portuguesa* [...] Lisboa: Typographia de P. A. Borges. 1845.

²¹ *Diccionario da Lingua Portuguesa* recopilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, [...] por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Typographia Lacerdina. 1813.

Diccionario da Lingua Portuguesa composto [...] por Antonio de Moraes Silva. Quarta ed. Lisboa: Imp. Regia. 1831.

Mas também há influência mais oculta: os lexicógrafos portugueses referem-se de vez em quando ao autor de um dicionário famoso, publicado em 1611: Sebastián de Cobarrubias, *Tesoro de la Lengua castellana o española*.²³ A maneira como o fazem faz crer que eles mesmos tinham consultado esta obra. Muitas vezes isso não é verdade, senão eles citam a Cobarrubias segundo o dicionário académico espanhol sem indicar esta fonte imediata.²⁴

Seria necessário também examinar algumas semelhanças que existem entre os dois dicionários académicos, o português, e o espanhol, para ver se realmente a descrição dada no DLP de 1793 reflecte o uso português e que não se trate apenas de calcos tomados do espanhol sem que os lexicógrafos portugueses tivessem controlado o seu emprego em português.

A definição do substantivo "algo", no DLP de 1793(p. 51) é a seguinte: "Algo, s. m. antiq. Fazenda, haver, cabedal, bens. Tambem se usa neste sentido no plural [...] ". A microestrutura correspondente espanhola é: "Algo. s. m. ant. Bienes, hacienda, caudal; y en este sentido se usó tambien antigamente en número plural [...]" (p. 212). Significa a definição portuguesa, que o plural ainda estava em uso ao final do século XVIII?

Podemos realmente deduzir do seguinte exemplo, que a exclamação "Olho alerta" estava em uso em Portugal? O DLP de 1793 (p. 205) dá abaixo da entrada "álerta": "Olho alerta. us. Fórm. de advertir que se esteja com cuidado, para evitar algum risco ou engano." Este texto português não é outra coisa que uma tradução do espanhol: "Ojo alerta. mod. de hablar fam. con que se advierte á otro que esté con cuidado para evitar algun riesgo, ó fraude". (p. 47).

O escasso número de investigações históricas dos dicionários portugueses conduz-nos a analisar o *Diccionario da Lingoa Portuguesa* publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 1793. Acredito, que os aspectos descobertos comparando o dicionário português com outras obras escritas em espanhol e francês justificavam este tipo de trabalho.

²² *Diccionario de la lengua castellana reducido a un tomo para su más fácil uso*, Madrid: Joaquim Ibarra 1780 (Facsimil de la primera edición, Introducción de Manuel Seco, Madrid: RAE 1991). p. 186.

²³ Sebastián de Cobarrubias, *Tesoro de la Lengua castellana o española*, según la impresión de 1611, con las adiciones de Benito Remigio Noydens publicadas en la de 1674, Edición preparada por Martín de Riquer, Barcelona: S.A. Horta. 1943.

²⁴ Veja-se a nossa análise: Dieter Messner, El "Diccionario de la lengua castellana" de 1780: una fuente del "Diccionario da Lingoa Portuguesa" de 1793, em: *Revista de Filología Española*, 1999 (no prelo):

um manuscrito existente na Biblioteca Eboreense²⁵

DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA,/ EM QUE SE ACHARÃO DOBRADAS PALAVRAS DO/ que traz Bluteau, e todos os mais Dicionaristas juntos: a sua/ propria significação: as raizes de todas ellas: a accentua-/ção: e a selecção das mais usadas, e polidas: a Gram-/matica Philosophica, e a Orthographia Racional/ no principio, e as explicaçoens das abbreviaturas/ no fim desta obra. OBRA DA PRIMEIRA NECESSIDADE PARA TODO/ aquelle, que quizer falar, e escrever com acerto a lingua/ Portugueza; por ser impossivel, que pelos Livros atégô-/ ra impréssos possa algum saber a terça parte do idiô-/ma Portuguez. Composto por Bernardo de Lima, e Mélo Bacellar, Prior do Alentejo &c., Lisboa, na Offic. De Jozé de Aquino Bulhoens, Anno de MDCCLXXXIII (com licença da Real Mesa Censória). = *DLP* 1783]

“[...] As Gazetas de 1774 referem, que varios foram desta sorte restituídos a vida, e á mais de 15 annos o foi meo Primo Pedro de Mello de Brandar, afogado no Rio Lima por espaço de duas oras [...].”



A atribuição deste manuscrito a Melo Bacelar levanta como primeira hipótese a ideia de que talvez se tratasse de uma reformulação ou refundição da sua previa edição. No entanto, a comparação das duas obras pode levantar algumas dúvidas de que isto fosse assim. Vejamos numa análise sumária algumas diferenças que as duas obras apresentam e que nos parecem conduzir a esta conclusão.

No *DLA* as palavras da mesma família são incluídas numa só entrada o que nem sempre acontece no *DLP* 1783. No entanto, o modo de expor a entrada ou lema é o mesmo de Melo Bacelar; ou seja separando por meio de um hífen o radical dos diferentes sufixos que se lhe podem agregar.

DLA (*Diccionario da Letra A*):

«**A,ba, baco, bada** Abax Greg. Abacus Lat. Couza plana/ do chapeo, vestido &^c/

Abaco. Mesa, ou Taboa em que escrebem os Mathemati-/cos, ou a parte superior do capitel da columna, que apa-/ra alguma couza.

Abada é a Aba apanhada por modo de bolco. Na Abada da Rainha Sta. Isabel se convertio o dinheiro em rozas.»

DLP (*Diccionario da Lingua Portuguesa* de 1783)²⁶:

Aba (àbax) parte do chapeo, vestido &c. Que pode apparar alguma coisa.

Abacò; taboa com angulos, ou numeros para se aprender Mathematica.

Abada (àbax) vestido apanhado aparando alguma coifa; e c. fera.

No Prologo (p. IX) do *DLP* de 1783 Melo Bacelar explica este método de expor os lematas:

[...] E todas estas cousas em hum methodo taõ especial, que poupa 9 em 10, ou 90 em 100 a respeito da leitura, dinheiro e maneio que saõ as cousas mais estimaveis, que ha neste mundo. Nem por isso se deve temer a escuridade, principalmente se attenderem aos sinais d'abbreviação, que ponho na ultima folha do Diccionario; pois ategóra tem sido mais os que sem terem esta çhave entenderão esta obra perfeitamente; do que aquelles, que necessitarão della. Ella consiste em ler as letras, que precedem o signal, em todas as palavras, que o seguem. E isto fazem sem explicação, e signal algum todos os que lem Dictionarios Gregos, e Latinos. Ama-r, do, vel, querem dizer Amar, Amado, Amavel. [...]

A entrada no *DLA* aparece normalmente sublinhada e com um pequeno sinal, semelhante a uma vírgula, marcando o ponto onde os morfemas derivacionais se devem agregar, ex: Abba,de, cial, deça, decado, dia. Quando o *DLP* 1783 inclui na mesma entrada mais do que um vocábulo e somente dá o significado do primeiro. No *DLA*, pelo contrário, encontramos algumas vezes dentro da definição a repetição das entradas derivadas e a sua definição.

DLP 1783:

abbad-e, ear, eado, engo, essa, essar, essado, ía, inho (abbas, tis) governador de monges & (abba) pai v. badejo.;

DLA:

«**Abba,de, cial**, ^{-deca²⁷}, **decado, dia** Abbas Syr., Gr. Lat. Pai espiritual dos que vivem congregados em comum. Tais foram S. António, e S. Pacomeo no Egipto, o V. Donato, S. Martinho S. Fructuoso &^c em Portugal no 5º b.º [...] seculo [b] Os Prelados dos Cabidos de Braga, Tui Porto ^{Coimbra} &^c ate o 12º século [b]: os Parrocos da maior parte das Igrejas do Minho e Galiza, que conservam o nome de Abbadias [c] A estes “Abbadas Regulares”, “Cathedrais”, e “Parrochieis” se ajuntaram depois os “Abbadas comendatarios” [d] e Titulares que surgiram do Titulo Abbatial [e]

²⁶ Todos os dicionários portugueses são citados com base em Messner 1994.

²⁷ Pomos em sobrescrito as palavras acrescentadas por cima.

Dis M. Pinsor²⁸ que o Abbade é a [...] dignidade, e immediata ao Bispo; que tem a jurisdição para assistir aos Concilios, e na realidade se acham alguns nos Concilios de Toledo; 2º para dar ordens menores, e esta conservam os Abbades Bentos e Bernardos. 3º para trazer mitras, e com ellas se acham no Concilio de Potiers em 1109, e os Abbades Bernardos em a tresladacam de Joam 1º em que fizeram Pontificais. S. Bernardo é contra os abusos que introduziram os Abbades, Clemente IV reprobio pedras nas mitras, para distinção dos Bispos. A Liberdade que procuraram os Cónegos, fez acavar entre nos o “Abbade Cathedral”, assim como a avareza dos “Abbades Parrochiaes” extinguiram em grande parte a sua jurisdição; de Sorte que a Ordenação do Reino os distingue dos Abbades Bentos, cujos Livros de Assento e Alvarás [...] escripturas publicas, e os Abbades Bernardos conservam os Isentos de Tarouca, Lafoens, Aguias, Fiaens, e Aguiar, com as mesmas jurisdições que os Bispos, excepto o nam darem ordens sacras por nam Serem Sagrados[e].

Os Abbades Parrochiaes, que ainda sustentam Diaconos, e outros de ordens menores aquem presidem; ou o que sustenta o cura em lugar de Diacono, e o vigario da “Anexa”, que ou em ajudar de Subdiacono nas festas maiores, e os eclesiasticos Thesoureiro, e Sachristam: ou aquele que preside aos clérigos da sua Colegiada, e é ajudado por estes e reconhecido como Prelado; ainda pode recuperar algum dos sobredictos privilégios

Abbadeca é a Prelada das congregadas, tem a mesma jurisdição que os Abbades, excepto naquelas cousas, que dependem do sacramento da ordem [é].

Abbadia é o sitio da congregação, **Abacial** a cousa que lhe pertence, e **Abbadecado** a eleição do Abbade ou Abadeça.

Algo que chama de facto muito á atenção é que, ao contrário do *DLP* 1783 que apresenta entradas muito breves, as entradas do *DLA* são normalmente muitos mais longas assemelhando-se mais a entradas de um dicionário enciclopédico. As entradas sempre que possível dão como *exempla* eventos históricos e costumes dos portugueses, tal como vimos antes na entrada de “abada”, onde se dava como exemplo o *Milagre das Rosas*..

Alguns exemplos:

Abalroa,r, do, mento. Ab alio ruere inativo. V. g. Tocar a sua com a *nao* inimiga, lançar-lhe ganchos com cadeias de ferro, meter gente e panelas de fogo. Desta Sorte fizemos grandes prezas na India; e ficou eterna a açam dos 5 Portuguezes, que com um batel tomaram em uma gale, e fizeram dezertar duas, que os acometiam.

Abante. lat. Adiante. esta palavra repetida por D. João I em a batalha de Aljibarrotta concoreo mt. pa. a victoria.

E debaixo da entrada **Abreu e Figueiredo (Pedro)** encontramos:

[...] celebrado por Manuel de Faria e Sousa. Compos = Chronica Sumaria dos reis de Portugal, e couzas que acontecerom em tempo do autor = e Genealogias.

Na mesma entrada de “abada” existe um acrescento que se segue:

DLA:

«§ **Abada** Animal é huma fera de Benguela Sofala &^c semelhante a um potro de dois annos, tirando a cauda e unhas em que se parece ao boi, e um grande corno na testa, e outro pequeno na nuca. Dizem que [...] atrahê a peconha, e que os Portuguezes o julgam Legitimo, se se nam deixa penetrar da espada, posta perpendicularmente sobre a sua ponta. Bluteau citando a Benedictina, diz que: ElRei D. Manoel mandou um Elephante, e uma Abada ao Papa Leão X: Mas Goez, que segundo diz, vio este presente não lhe chama Abada mas

²⁸ Ou *Pinson*.

“Rhinecerote”, e lhe dá a figura do Javali, que [é] totalmente diferente da sobredicta.»

Esta entrada assemelha-se muito mais a de outros dicionários da época que ao *DLP* 1783: Vejamos as entradas de Bluteau e Marques e Carvalho:

Bluteau 1712:

Abada, [...] § Abâda. Fera de Africa nas terras de Benguela (segundo Dapper na sua Hist.pag.375), ou nas terras de Sofala. (como outros com mais acertadas noticias affirmão) Alguns Autores latinos, & especialmente o P. Gaspar Schot, na segunda parte da sua *Physica curioza*, pag. 921, & outros Authores vulgares, como Cobarrubias no *Thesouro da lingua castelhana*, se tem equivocado na descripção deste animal, imaginando, que he o mesmo, que Rhinocerote, Mas consta, que a Abâda he hum animal do tamanho de um potro de dous annos, com a cabeça mais pequena, & mais chata, que a do cavallo; tem o pelo denso,& aspero, rabo de boy, mas mais curto, & pès fendidos, muito mais grossos, que os de veado; tem este animal dous cornos, hum na testa do comprimento de tres, ou quatro palmos,& este negro, ou pardo escuro, lizo, agudo na ponta & algum tanto revolto para diante, & na base tam denso, & grosso, como a perna de hum homem. A razão porque esta ponta da abâda tem fama de contra veneno, he, porque se tem observado, que quando a Abâda quer beber, mete primeiro a dita ponta na agoa, como se quizera retundir,& expellir a venenosa calidade, que a agoa poderia ter. Dizem, que os Portuguezes para experimentarem, se o corno da Abâda he bom, & legitimo, usam deste artificio. Poem o bico do corno no chão, & logo lhe poem por sima huma espada, ficando o punho da espada suspenso por hum fio. Sendo o corno bom, fica duro, & não pode entrar nella a espada, mas anda circulando ao redor do seo centro; pello contrario não sendo o dito corno bom, penetra nelle a espada. Com ossos de abâda reduzidos em pô, & misturados com agoa se faz huma cataplasma, que se applica na parte, aonde se sente alguma dor intrinseca, attrahe para si este remedio o humor peccante, que cauzava a dor; & pello que dizem, tem este mesmo unguento virtude, para encourar a abertura, que faz. Do corno, ainda que negro, a limadura he branca. Tem a Abâda outro corno na nuca, mais curto, & mais chato, que o que tem na testa. Em muitos lugares da sua *Ethiopia Oriental* o P. Fr. João dos Santos tira ao nome deste animal a primeira letra, & chamalhe Bâda. Por não ter nome proprio latino, chamase Abada,ae, fem. Ao papa Leão Decimo mandou el-Rey D. Manoel hum Elephante & huma Abáda, que forão os primeiros, que em cidade de Roma se virão do Oriente. *Benedictina Lusit.* part 2., pag 385.col.1.

Marques 1764:

Abada, fera de Africa nas terras de Bengala. Alguns imaginam, que he o mesmo que Rhinocerote; mas consta, que Abada he hum animal do tamanho de hum potro de dous annos, com a cabeça mais pequena, e mais chata que a do cavallo. Tem este animal dous cornos, hum na testa do comprimento de tres, ou quatro palmos, e este negro, ou pardo escuro lizo, agudo na ponta,e algum tanto revolto para diante, e na baze taõ denso, e grosso como a perna de hum homem. A razãõ porque esta ponta da Abada tem fama de contraveneno, he porque se tem observado, que quando a Abada quer beber, mete primeiro a dita ponta na agua, como se quizera retundir, e expellia venenosa qualidade, que a agua poderia ter. Abada, bête sauvage d'Afrique dans les terres de Bengale (Abada, ae)

Carvalho 1765 :

Abada. Animal quadrupede, e feroz, que se cria nas terras de Africa: tem a grandeza de hum potro de dous annos, o pello denso, e aspero, rabo de Boi, porém curto, os pés fendidos, e grossos, com duas pontas: huma na testa de quatro palmos de comprido, negra, liza, e aguda; outra na nuca de menor grandeza: qualquer dellas he singular antidoto para todo o genero de veneno.

No que diz respeito às fontes, tal como na entrada de “abada,” muitas vezes o próprio autor quem fornece a informação acerca das fontes, a que recorreu, neste caso: Bluteau e Goez, que supomos se tratar de Damião de Góis. Outras vezes diz em nota quais as fontes utilizadas: no final das entrada de “abade” encontramos:

[folio 1v.]

[b] C. Merid. em 666 “manda que os sacerdotes, abbades e Diaconos obadeção”

[folio 2r.]

[d] V^e. comendas [e] V^e. Prelados

[b] V^e. Cabidos [c] V^e. Congruas, Decimas, Patrimonios.

[é] Brandão e Bluteau ajuntam a estes os Abbades Confessores e provam com um Frade Dominico²⁹, que podia ser junta^{nte} Abbade Parrochial³⁰, de que dá exemplos.

Outras vezes pode ser difficil descobrir as fontes das informações que nos dá. Assim ocorre na entrada “abarca” que não se encontra no *DLP*:

DLA

Abarca Calçado rústico, que tem a figura de barca [...] que seja o Bassava Gr. D. Sancho Rei de Navarra em que os uzou deste calçado na guerra e por isso teve a alcunha de Barca [i] Os Biscainhos trazem abarcas de pao, os Castelhanos e alguns Portuguezes da raia montanhoza calçam no tempo da neve abarcas de couro cru. Embrulham ao pé alguns panos e pergaminhos brandos, combrem-no de couro cru, que seguram no pé enfiando o atacador pelos buracos, que tem em toda a circunferencia, e a isto chamam Abarca.

Se compararmos esta entrada com a de outros dicionários da época outra vez encontramos algo muito parecido. Este caso junto com muitos outros pode sugerir que o autor conhecia bem os dicionários da época, pelo menos o Bluteau.

Bluteau (1712: 13):

Abarca. he o nome de certo calçado rustico, de que usão os montanhezes, particularmente em Castella. Por ser de pao, & ter alguma semelhança com Barca, lhe chamarão Abarca: Dizem, que El-Rey D.Sancho de Navarra derão a alcunha de Abarca, por haverse criado quando menino com vestiduras rusticas, para ser menos conhecido; ou porque havendo de passar os montes Pyreneos, para levar socorro a Pamplona, cercada dos Mouros, fez passar a gente que levava, com abarcas nos pés pellas terras, cheas de neve. Calceus ligneus.

²⁹ **Bluteau** (1712: 18s.): Confessores se faz lembrada aquella acção tão penosa da Confissão das culpas, que lhe fazemos com que em certo modo fica o ministro causando terror, pello que exercita. Que o mesmo se usasse em Portugal consta de alguns antigos testamentos; como o de huma Senhora de Santarem, que deixando ao seo Confessor hum legado diz: Petro Martini dicto Carvalhoza, Abbati meo.. Donde se vê com evidencia, que a palavra Abbade, quer dizer Confessor, porque alem de não haver em Santarem igrejas de clerigos, que sejam Abbadias, nunca podia competir o nome de Abbade a este Religiozo, que era da Ordem de São Domingo, senão pello titulo de confessor. Era tanto assim, que tinham naquelle tempo por synonymos os nomes de Confessor, & Abbade

³⁰ **Bluteau** (1712: 19): & assim o Parocho, que lhes presidia se chamava Abbade,& as mesmas Igrejas por esta razão promiscuamente se chamavão Igrejas, ou mosteiros, sem ser de Religiosos; como os Parochos são os Confessores ordinarios, & se chamavão naquelle tempo Abbades, o mesmo vinha então ser confessor, que Abbade.Depois de introduzido este nome, o forão os Christãos daquella idade estendendo a qualquer dos confessores, ainda que não fosse seo parocho.

- Suppl. (1727: 1):

Alcunha que deraõ ao Rey de Navarra Sancho II por usar de certo genero de calçado. A seu filho, e successor no Reyno, Garcia III tambem foy dada a mesma alcunha [...]

DLP (1793: 25):

Abarca. s.f. Certo calçado rustico, de coiro crû, que cobre a sola, dedos, e borda do pé, e algumas vezes todo elle, e se ata com cordeis, ou correias. Robor. Port. 266 Os borzeguis se fazem de pelle çurrada, e não as abarcas. Sá de Mirand. Mal. 6,3, E triunfando de altissimos Monarchas, Iguais as tiaras com as abarcas.

Viterbo (1798: 25):

Abarca, as. Certa especie de calçado rustico, que tambem se diz alabarca. Compõe-se de huma sola, e alguns pedaços e couro cru, atados com cordeis he muito accommodado para andar por caminhos fragosos e montes cheios de neve. He sabida a razão, por que a D.Sancho II e a seu filho D.Garcia III, reis de Navarra, derão a alcunha de Abarca. Não desconhecêrão os Hebreus este calçado, porém o usavão muito mais polido, segundo se vê da Abarca de S.Pedro, que ainda hoje se guarda em Roma Sobre estos modelos he que se formarão as Alpargatas, Alpargates, ou Alparcas,::: já de linho, já de couro, de que usão algumas religiões, senão mais reformadas, mais austeras.

Contudo, as fontes não se reduzem somente a dicionários e obras de autores nacionais. De facto, o autor parece conhecedor de algumas das obras de referência da época em questão, como é o caso da *Encyclopédie Française*. Esta formação é-nos dada pelo próprio autor, algumas vezes em nota, outras vezes no próprio texto, ou em alguns casos podemos determinar a enciclopédia como a sua fonte pela comparação dos *lemata* de ambas as obras.

Abanga Fructo das palmeiras da ilha de de S. Thome, espécie de Cidra. C Bauhin dis que os Insulares comem 4 ou 5 gomos por dia, se tem doença de peito [α'] [α'] encyclopedia.

A palavra “abanga” somente aparece nos dicionários portugueses por primeira vez em 1818 na edição de *Diccionario geral* (1818: 36):

abanga s.m. (Bot.) fructo das palmeiras da ilha de S.Thomé, e estimado por fazer um bom peitoral.

O *DLP* 1783 também não faz referência a esta entrada. A fonte terá sido a *Encyclopédie*, como ele próprio diz:

Encyclopédie (1752: 9):

ABANGA, f. M. C'est le nom que les habitans de l'île Saint-Thomas donnent au fruit de leur palmier. Ce fruit est de la grosseur d'un citron auquel il ressemble beaucoup d'ailleurs. C. Bauhin dit que les Insulaires en font prendre trois ou quatre pépins par jour à ceux de leurs malades qui ont besoin de pectoraux.

Como dissemos antes, algumas vezes a fonte não vem especificada. A entrada “abaremo-temo” é um destes casos:

DLA

Abaremo-temo. Dizem que é o nome e arbore das montanhas do Brasil, que as suas raizes vermelhas e amargas alimpam as chagas inveteradas.

Também desta entrada os dicionários não fazem menção até à edição do *Diccionario geral* em 1818, assim que uma vez mais o autor do *DLA* teve ter usado outras fontes que não os dicionários portugueses antecedentes. A entrada da *Encyclopedie* para este lema é:

Encyclopédie (1752: 12):

ABAREMO-TEMO, f. m. arbre qui croit , diton, dans les montagnes du Brésil.

Ses racines sont d'un rouge foncé, & son écorce est cendrée, amere au goût, & donne une decoction prope à déterger les ulcères invétérés [...]

O dicionário francês mais difundido (e copiado) foi o chamado *Trévoux*:

Trévoux (1771 : 10):

Abaremo-temo. F. m. du Brésil. Il est d'une hauteur médiocre ; il croît sur les montagnes ; ses feuilles sont d'un vert triste & petites ; il jette des gousses d'un rouge noirâtre, courbées en différentes manières. Son écorce est couleur de cendre ; le bois audedans est d'un rouge foncé. On attribue à ses feuilles des qualités astringentes. Son écorce, qui est amère, quand on la réduit en poudre, ou qu'on la fait bouillir, fert à faire des fomentations, qui guérissent les ulcères invétérés, & même les cancers.

Os outros dicionários portugueses posteriores documentam a influência do *Trévoux*, porque registram somente a « casca », tradução do francês « écorce », enquanto o *DLA* provem claramente da *Encyclopédie* com « raízes » (< “racines”).

Outras fontes também foram utilizadas pelo autor do manuscrito. A entrada “abasia” está bastante diferente da *Encyclopédie* 1752 ou de *Trévoux* 1771.

DLA

Abasia, ou Abyssinia é um país em que nasce o Nilo. Este Imperio era antigamente muito dilatado, más hoje comprehende entre 16 e 73 graus de Longitude contra 8 e 16 graus de latitude Septentrional. Tem abundancia de quazi todos os metais e feras em suas altissimas e escarpadas serras, sabandijas nos seos copiosos Lagos; abundancia de trigo cebada Milho e e vas em seos vales, que por muito quente sam muito menos Sadios que as serras, emqu. chove, nam a gotas, mas a cantaros como se costuma dizer. Dizem qu. a grande força do vento occidental arrebatata as agoas do mar, e as Lanca Sobre este país, em qu. el-/Las Sam a causa da inundaçam do Nilo.

Os Abessins sam de boa estatura, de narizes baixos mais proporcionados que o restante dos Negros. São vivos Laboriosos. Sobrios [...]. Descendem de Chus, neto de Noe [m] e segundo o catalogo que Goes imprimio tiveram 4 reis antes de Makaada, Rainha de Saba [n] [...]

Será, de facto, difícil saber se este manuscrito é de Melo Bacelar. Grande parte das entradas nele existentes revelam um conceito enciclopédico de dicionário, algo que não se nota no *DLP* 1783. Entre as muitas entradas deste tipo, encontram-se algumas que tratam de portugueses mais ou menos ilustres, tais como: Luís Abreu e Mello, Duarte Abreu Vieira, etc. Reproduzimos em seguida a entrada de um nome próprio onde se pode ver perfeitamente, pela informação que dá, a aparente diferença de concepção lexicográfica que existia entre o autor do *Diccionario da Lingua Portuguesa* de 1783 e o *Diccionario da Letra A*.

Abarbanal [...] nasce em Lisboa em 1437. Francisco de Samuel Abarbanal, familia taõ Ilustre e opulenta que se jactava de ser oriundo da casa Real de David. Foi de tão penetrante engenho e teve tão boa educação que de 20 annos explicou o Talmud na sinagoga de Lisboa com gravissimos negócios foi consultado por [...] e por D. Fernando Rui de Castela para onde fugio em 1481 julgando-se treidor contra D. João II De Castela, onde teve entredação no paço por 8 annos foi expulso por arrogante com os mais [...] em 1492. Teve introdução com D. Fernando Rei de Nápoles e por morte deste retirou-se à Corfú, Monopoli e veneza onde morreo em 1508 com 71 annos de idade compondo as diferenças qu. havia entre esta Republica e Portugal. [...].

Especiarias da India. Teve de sua mulher 3 filhos, o Judas, que se segue, a Chozé e a Samuel dequem foi padrinho no baptismo o Duque de Ferrara. Compos a Experição de quasi todo o Testamento velho, varias controversias

contra o christianismo, varias tradiçoens e Historias Rabinicas e Imprimirão se muitos em varias partes separados, enssimamente juntos [...] em das ou mais volumes em folio, excepto os [...] de que trata Barbosa. É Louvado por Buxtorfio, Hotinger, Bartolocio, Simon, Bayle, Wolf Nicolao António &c em ser o mais sabio, ingenhozo, subtel, enfategavel, Literal, e methodico Rabino, que interpretou as Escripturas, philozophou contra os Peripatéticos, historiou de Antiguidades Hebraicas, e escribio contra Aristaos, aquém adulava com as palavras e satirisava pelas obras, qu. por serem em Hebraico poucos entendião varios o refutaraõ e Buxtarfio verteo algumas obras Philozophicas Históricas &c de Hebraeco em Latim. É taõ estimado em Holanda que muitos tomaõ o seu nome.

Abarbanel [Judas, ou Leão que em hebreo val o mesmo que Judas] nasceo em Lisboa do sobredicto Isaac Abarbanel e com elle fugio dos rigores de d. João II para Castela. Em 1492 [...] a Nápoles, donde fugio para Geneva temendo Carlos III Rei de França. Nesta republica exercitava a arte de Musica, e nos três Dialogi de Amore mostrou que era bom poeta Philosopho, platonista, moralista, naturalista matemático theologo, medico traduziram-se em el Italiano, Latim, francês e castelhano. Imprimiranse Leão Hebreo carmina in laudem seu Par[...]tis he celebrado por [...] Nicolao António Wolf baylen &c

Outra diferença entre o *DLA* e o *DLP* 1783 que chama a atenção são as diferentes explicações etimológicas, que os dois têm para as mesmas palavras.

DLA:

Abadernas, Abadesmas. Desmas Gr. de Dermeo. Filaças atadas, q. servem de fazer fixos os colhedores da nao, quando se aperta a enxaricia.

DLP (1783: 1):

Abadernas (ab cavernis, desde as cavernas) ganchos, com que alli se segurão os colhedores, v. a.

As diferenças entre o *DLA* e o *DLP* de 1783 mostram que o manuscrito não deve ter sido concebido para se publicar, mas sim como uma espécie de repertório enciclopédico para o uso pessoal de uma pessoa desconhecida que não só conheceu muito bem o Bluteau, e obras históricas como também a *Encyclopédie Française*.

Esta ideia de que não era intenção do autor publicar este manuscrito parece reforçada pelo facto de o autor se mencionar ele mesmo várias vezes ao longo da obra, de usar a primeira pessoa ou de introduzir considerações pessoais, como se pode ver nos exemplos abaixo reproduzidos:

Abreu Vieira (Duarte) de Lxba. Capitão tenente da Torre de Outaõ em Setubal foi perito nas Mathematicas. Morreu em 1734. Compos = Tratado da navegaçaõ de Leste pa. Oeste [...] Debalde **procurei** [...] este manuscrito pa. o conferir com um systema, que é fundado sobre a taboa da declinaçaõ do Sol [...]

E o autor aparece também em outra citação:

Aberir [...] na esculptura **direi** das figuras de meio relevo ou altas e agora das fundas. Esta é a distincção, qu. **acho** mais propria [*Entre a esculptura e gravadura].

Bibliografia:

BLUTEAU (1712), *Vocabulario Portuguez et Latino*, Aulico [...] autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a ElRey de Portugal, D. João V pelo Padre D.R.Bl., Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712. Suplemento Parte primeira, Lisboa: Joseph Antonio da Silva 1727.

BLUTEAU (1728), *Suplemento ao Vocabulario Portuguez et Latino*, [...] parte segunda, Lisboa: Patriarcal Officina de Musica.

CARVALHO (1765), *Diccionario Portuguez das plantas, arbustos, matas, arvores, animaes quadrupedes, e reptis, aves, peixes, mariscos, insectos, gomas, metaes, pedras, terras, mineraes & [...]* escrito por José Monteiro de Carvalho, Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa. Manescal da Costa.

Diccionario Geral (1818) da Lingoa Portuguesa de algibeira, por tres literatos nacionaes. Contem mais de vinte mil termos novos pertencentes a Artes, Officios, e Sciencias, todos tirados de Classicos Portuguezes, e ainda não incluídos em Diccionario algum até ao prezente publicado. Lisboa: Impressão Regia.

DLP (1793), *Diccionario da Lingoa Portuguesa* publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, Lisboa: Oficina da mesma Academia 1793.

Encyclopédie (1752), *ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, par une société de gens de lettres. Paris: Briasson, David, Le Breton, Durand.

MARQUES (1764), *Novo Diccionario das linguas portugueza, e franceza*, com os termos latinos, tirado dos melhores Authores, e do Vocabulario Portuguez, e Latino do P.D.Rafael Bluteau [...] pelo Padre Joseph Marques [...] primeira edição, tomo segundo, Lisboa, Offic. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

MESSNER, Dieter (1994), *Dicionário dos dicionários portugueses*, vol. 1. ABA-ABD. Salzburg: Universität.

RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha (1850-1871), *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Pública Eborense*, Lisboa, Imprensa Nacional, 4 vol: I 1850; II 1870; III e IV 1871.

Trévoux (1771), *Dictionnaire Universel François et Latin*, vulgairement appelé de Trévoux, [...], nouvelle éd., Paris: Par la Compagnie des libraires associés.

VITERBO (1798), Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *Elucidario das Palavras Termos e Frases que em Portugal antigamente se usaram [...]* Lisboa, Off. da Academia Real das Sciencias 1789.

Bento Pereira e a escola lexicográfica eborense

Foi Telmo Verdelho³¹ quem, num texto publicado em 1982, reproduziu uma carta de um Juiz de Fora de Moncorvo, José Pereira da Silva Manoel, escrita em 1765, em que este se dirige ao então Director Geral de Estudos:

Exm.º Rm.º Senhor

O correio passado recebi hum carta de officio de VExa. com a data de dous de outubro, na qual me ordenava de se fazer busca aos livreiros, e contradores de livros que houvessem nesta villa, e seu termo, e achando Prosodias de Bento Pereira, e Artes de Manoel Alvarez e outros expressados na mesma ordem os fizesse queimar a porta dos mesmos livreiros [...].³²

Esta carta informa-nos do fim de uma história cheia de sucessos de um dicionário que conheceu muitas edições e que, pelo autor lexicógrafo, fica sempre intimamente relacionado com o nome da Universidade de Évora. Já seis anos antes, em 1759, deparamos com a participação da morte próxima desta obra: nas *Instrucçoens para os Professores de Grammatica Latina, Grega, Hebraica, e de Rhetorica, ordenadas e mandadas publicar, por El Rey Nosso Senhor*[...]³³ podemos ler, no parágrafo XII:

Para o uso dos Estudantes se tem escolhido hum Diccionario proporcionado aos seus principios: no qual, sem amontoar authoridades, breve, e summariamente se lhes declarem as significaçãoens naturaes, e figuradas, que são mais frequentes nos Autores, que lerem: rezervando o mais, que há particular neste ponto, para os Professores, que serão obrigados a teR ao menos Facciolati,³⁴ e Basilio Fabro³⁵ da edição de Gesnero, ou outra igualmente correcta. Não consentirão que os Estudantes uzem da Prozodia de Bento Pereira, pelo perigo, que há de se lhes imprimir logo nos primeiros annos a multidão de palavras barbaras, de que está chêa [...]

É compreensível este comportamento do Juiz de Fora, porque em 1765 já existia um novo dicionário bilingue latim – português, concebido para substituir a *Prosodia*. É o *Parvum Lexicon Latinum Lusitana interpretatione adiecta, ad Usus Lusitanorum Adolescentium*, de Pedro José da Fonseca³⁶ (Lisboa: Miguel Marescal da Costa 1762).³⁷

³¹ Telmo Verdelho, *Historiografia linguística e reforma do ensino*, A propósito de três centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal. Separata de: *Brigantia, Revista de Cultura* vol. II, 1982, p. 349.

³² É provavelmente pela sensibilidade despertada pela queima de livros por razões ideológicas a partir de 1933 na Alemanha nazi que esta citação se repete em muitos artigos dedicados a Bento Pereira e aos jesuítas.

³³ [...] para o uso das Escolas novamente fundadas nestes Reinos, e seus Dominios. Lisboa. Na offic. de Miguel Rodrigues. Impressor do Eminentissimo Senhor Cardial Patriarca, 1759.

³⁴ Giacomo Facciolati, 1682 – 1769. Latinista, editor do «*Lexicon septem linguarum*» de Calepino. Padua 1718.

³⁵ Basilio Faber, 1520 – 1576. *Thesaurus Eruditionis Scholasticae* Sive Ratio Docendi Ac Discendi, Facili, Plana Et Compendiaria Prorsus Via, Ex Optimis Quibusque Autoribus, Graecis Et Latinis; Et Supellex Instructissima verborum, locutionum, rerum, sententiarum, exemplorum, eorumque omnium, quae tum docentibus tum discentibus adminiculo utilissimo esse, atque ad eruditionem negocio facili & expedito comparandam facere possunt : Cum Adiuncta In Plerisque Locis Interpretatione Germanica nota, usitata, accommodata & eleganti [...] a Basilio Fabro. **Contém:** Epitome quatuor librorum Conradi Gesneri de Historia animalium, quadrupedum, viviparorum, aquatiliu, et volatiliu Lipsiae: Voegelinus 1612.

³⁶ Todas as obras de P. J. da Fonseca (Também o *Diccionario portuguez et latino* [...], author Pedro José da Fonseca, Lisboa: Regia Oficina Typografica 1771; e o *Diccionario da Lingoa Portuguesa* publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, Lisboa: Oficina da mesma Academia 1793, no que colaborou) sofrem

A obra de Bento Pereira, intitulada *Prosodia in vocabularium trilingue Latinum, Lusitanum & Castellenum digesta*, publicada primeiro em 1634 (Évora: Emmanuele Carvalho), teve um grande êxito bem documentado pelas seis edições posteriores (1643, 1656, 1661, 1669, 1674, 1683). A partir da sétima edição de 1697, sendo o redactor Matias de S. Germano, o título é: *Prosodia in vocabularium bilingue, Latinum, et Lusitanum, digesta [...]* / Auctore Doctore P. Benedicto Pereyra [...].³⁸ As edições seguintes são de 1711, 1723, 1732, 1741 e 1750. Um dos maiores lexicógrafos portugueses, o teatino Rafeal Bluteau, autor do *Vocabulario Portuguez e Latino*,³⁹ refere-se muitas vezes à *Prosodia*. Um exemplo:

Amoregar. Segundo alguns val o mesmo que fazer mōças em alguma cousa; Espada amoçada. A que tem muitas bocas, moças, ou golpes. Atêgora não achei este verbo, senão na *Prosodia* do P. Bento Pereira. Vid. Mōça.⁴⁰

E como resultado de uma análise pormenorizada feita por João Paulo Silvestre consta:

É legítimo supor que [Bluteau], além das consultas regulares, tenha efectuado uma leitura integral, uma vez que introduz na nomenclatura do *Vocabulario* palavras portuguesas que apenas registavam uma ocorrência em toda a *Prosodia*.⁴¹

Sabemos que Bluteau manejava a edição da *Prosodia* de 1697:

BISPO [...] O onomastichon de Julio Pollux diz Orrhopygnon, & Santo Isidoro (segundo a *Prosodia* de Bento Pereira, da Edição do anno de 1697.) diz Oropygum [...].⁴²

TRIGO [...] Trigo candial, ou candio. Na edição da *Prosodia* do Padre Bento Pereyra do anno de 1697. acho estes nomes [...].⁴³

do facto de ele ter sobrecarregado as entradas. Cf. Dieter Messner, *El diccionario de la Lengua Castellana de 1780: una fuente del diccionario da Lingoa Portuguesa de 1793*; id. *Miscelânea lexicológica iberorromânica*, Salamanca: Luso-Española de Ediciones 2008, pp. 65-78.

³⁷ Ana Margarida de Almeida Borges, *La reforma de la enseñanza: de la Prosodia de Bento Pereira al Parvum lexicon de Pedro da Fonseca*, *XII Congreso Euralex*, Barcelona 2008 (no prelo).

³⁸ Septima editio auctior, et locupletior ab Academia Eborensi, Eborae: ex Typographia Academiae.

³⁹ *Vocabulario Portuguez e Latino*, Aulico [...] autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a ElRey de Portugal, D. João V pelo Padre D. R. Bl., Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesus/, Lisboa: Joseph Antonio da Silva. T.1 (A): 1712. T.2. (B.C): 1712. T. 3 (D.E): 1713. T. 4. (F.G.H.I) 1713. T. 5. (K.L.M.N): 1716 [Erratas, & Emendas da letra A, no primeiro volume]. T.6. (O.P): 1720. T. 7. (Q.R.S): 1720. T. 8 (T.U.V.X.Y.Z) 1721. Suplemento ao vocabulario 1: 1727. Suplemento ao vocabulario: Parte segunda: 1728.

Os redactores do chamado *Diccionario de Autoridades*, quer dizer do primeiro dicionário publicado pela Real Academia Española (1726-1739) conheceram o Bluteau. Cf. Beatriz Gómez-Pablos, *Rafael Bluteau en el Diccionario de Autoridades*, *Filología*, Universidad de La Laguna 22/2004, pp. 67-78.

⁴⁰ Segundo o *Diccionario da Lingua Portuguesa* composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva (Lisboa: Simão Thaddeo Ferreira, 1789, vol. 1, p. 75), a palavra encontra-se em “Uliss. 156.” Nas “Abbreviaturas das citações dos livros portuguezes com que se authorisa o uso das palavras” está: “*Uliss.* a *Ulissea* Poema de Gabriel Pereira de Castro” [= *Ulissea* de Gabriel Pereira de Castro (1571-1632) publicado em 1636]. Na segunda edição de 1813, está: “*Ulis.* 156.” Nas “Abbreviaturas das citações dos livros portuguezes, com que se autorisa o uso das palavras”, está “*Ulis.* *Ulisipo*, Comedia de Jorge Ferreira de Vasconcellos.” [= *Comedia Ulyssipo* de Jorge de Vasconcellos, Em Lisboa: na officina de Pedro Craesbeeck, 1618]. Na sexta edição, de 1858, está “*Ulis.* 3,5”.

Cf. Frei Domingos Vieira, no *Thesouro da Lingua Portuguesa*, Porto: Ernesto Chardon e Bartholomeu H. de Moraes; vol.1., 1881, p. 377: “*Amoregar*, v. a. Fazer mōssas, embotar, aboleimar, amolgar, abrir bōccas. Diz-se particularmente do fio das armas. D’este verbo, diz Bluteau: - “*Atê agora ... não o achei senão na Prosodia do Padre Bento Pereira.*” Donde se conclui que era usual no princípio do século XVII.”

A citação original é: “[...] o novel entra como hum Heitor & feridos os ares, & as espadas amossegadas humanamente, fogemlhe os salteadores [...]”. *Scena quinta*, f.º 156.

⁴¹ João Paulo Silvestre, *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda 2008, p. 187.

⁴² Op. cit. vol. II, 1712, p. 128.

⁴³ Op. cit. vol. VIII. 1721, p. 284.

Um dicionário de português-latim publicado em 1647, juntou-se à *Prosodia* em 1661 até à edição de 1750. É o

Thesouro da Lingoa Portuguesa, composto pelo Padre D. Bento Pereyra da Companhia de IESU, Portugues Borbano: Lente que foi da primeira classe de Retórica na Universidade de Évora: e hoje é da sagrada Teologia na mesma Universidade. Tem todos o vocábulos Portugueses que trazem Cardoso, & Barbosa, & de novo outros muytos mil, em tanta copia, que so os vocabulos acrescentados são outros tantos, & mais, que todos quantos tem os sobreditos Vocabularios [...]. Lisboa: Na officina de Paulo Craesbeeck, & à sua custa. Anno 1647.⁴⁴

A importância deste *Thesouro* foi tão grande que já no começo do século XVII serviu de modelo a outros dicionários: os primeiros autores de dicionários bilingues europeus com o português copiavam a parte portuguesa substituindo as traduções latinas pelas formas correspondentes do inglês⁴⁵ ou do neerlandês.⁴⁶

Pereira (1697) aba do chapeo. Ala galeri. Aba da vestidura. Sinus, sinus, Lacinia, ae. abano, ou avano. Flabellum, i. abano de enxotar moscas. Muscarium, i. abanos. Collaria, ium. abanos da camisa. Patagiata, ae...	A.J. (1701) abo do chapéo: The brim of a hat; abo de vestidura: The hem or fringe of a garment. abano: A fan. abano de enxotar moscas: A flie flap. abanos: Collars. abanos de camisa: The gathering of the neck...	Alewyn / Collé (1714) aba do chapéo, De rand van een hoed. Aba da vestidúra. Een opslag, boord, zoom, de plooy, ofte vouw van een Kleed. abano, or, avano. Een waajer. abano de enxotar moscas. Een waajer, on vliegen te verjaagen. abanos: halsbanden, kraagen. abanos de camisa. Hemds
---	--	--

A proibição de usar a *Prosodia* decretada em 1759 acabou também com o *Thesouro*, mas este sobreviveu milagrosamente como fonte de alguns dicionários que os missionários compuseram com línguas exóticas. E também a *Prosodia* não morreu por completo, como veremos mais tarde.

Pela experiência feita com muitos dicionários portugueses antigos, posso dizer que os autores de quase todos os primeiros dicionários bilingues do português com uma língua exótica não os criavam *ex nihilo*, mas copiavam, sim, em parte ou na íntegra, os dicionários já existentes. Fui o primeiro a⁴⁷ descobrir que o primeiro dicionário⁴⁸ português com a língua chinesa, de 1585 (?), redigido em Macau pelos jesuítas de origem italiana, Matteo Ricci e Michele Ruggieri tem como fonte para as entradas portuguesas a segunda edição do dicionário de Jerónimo Cardoso, de 1570.

⁴⁴ Entre os muitos estudos sobre Bento Pereira menciono só o de Helena Freire Cameron, *Prosodia e Thesouro da Lingoa Portuguesa de Bento Pereira*; Telmo Verdelho e João Paulo Silvestre, ed., *Dicionarística Portuguesa, Inventariação e estudo do património lexicográfico*, Universidade de Aveiro 2007. pp. 115-118.

⁴⁵ *A Compleat Account of the Portugeeze Language. Being a Copious Dictionary of English with Portugeeze and Portugeeze with English [...]*, By A.J. London: Printed by R. Janemay, 1701. (The Scholar Press Limited, English Linguistics, A Collection of Facsimile Reprints, selected and edited by R.C. Alston, Menston, 1970). Cf. Manuel Gomes de Torre, Quem foi o autor de ‘A Compleat Account’?; *Línguas e Literaturas Revista da Faculdade de Letras* VII/1990; pp. 211-224.

⁴⁶ *Tesóuro dos Vocábulos Das duas Línguas Portuguêsa, e Bélgica, Woordenschat der twee Taalen Portugeesch, en Nederduitsch*, por Mtre. Abrahamo Alewyn, e João Collé, Amsterdamo: pelo Pedro vanden Berge 1714.

⁴⁷ Dieter Messner, The first Portuguese bilingual dictionary resorting to a foreign language - Chinese; *Review of Culture*, Macau, 1998. pp. 281 - 291.

⁴⁸ John W. Witek, ed., *Dicionário português – chinês* (Michele Ruggieri 1543 – 1607 – Matteo Ricci 1552 – 1610), San Francisco: Ricci Institute for Chinese - Western Cultural History; Lisboa: Instituto Português do Oriente / Biblioteca Nacional 2001.

Também para o primeiro dicionário impresso português – língua geral, i. é. tupi, que surgiu muito mais tarde, em 1795,⁴⁹ um dicionário português - latim foi o modelo: o *Thesouro* de Bento Pereira:

Diccionario Portuguez, e Brasiliano, obra necessaria aos ministros do altar, Que emprehenderem a conversão de tantos milhares de Almas que ainda se achão dispersas pelos vastos certões do Brasil, sem o lume da Fe', e Baptismo. Aos que Parocheão Missões antigas, pelo embaraço com que nellas se falla a Lingua Portuguesa, para melhor poder conhecer o estado interior das suas Consciencias. A todos os que se empregarem no estudo da Historia natural, e Geografia daquelle paiz; pois conserva constantemente os seus nomes originarios, e primitivos: Por *** Primeira Parte. Lisboa, Na Officina Patriarcal, Anno M. DCC. XCV.

É fácil comprovar que a parte portuguesa não é um trabalho original, mas uma adaptação do já mencionado *Thesouro*, cuja última⁵⁰ edição data de 1750.

O *Thesouro* era concebido como dicionário para a aprendizagem da língua latina, e substituiu uma das muitas edições do seguinte dicionário: Hieronymi Cardosi Lamacensis *Dictionarium ex Lusitanico in latinum sermonem*.⁵¹ Por isso seria necessário avaliar se o *Thesouro* podia prestar serviços no sentido de melhor conhecer uma língua moderna, a dos índios do Brasil.

O dicionário de 1795 contém a entrada "aconselhador," uma palavra caracterizada como "pouco usada" no dicionário da Academia Portuguesa de 1793.⁵² É compreensível, porque a entrada provém do dicionário de Pereira, não actualizada há muitíssimos anos. Mas, e isso é importante, no dicionário de 1795 há duas entradas com "aconselhador". Uma vez o termo vem acompanhado por "em mal", e a outra vez por "em bem". Os dois não se encontram em nenhum outro dicionário português anterior ao Dicionário português - tupi, do que se pode deduzir que o missionário lexicógrafo adaptou as entradas portuguesas transcritas do dicionário de Pereira às estruturas léxicas da língua tupi fazendo de uma entrada duas. É provável que um vocabulário que está numa *Gramática geral da Língua do Brasil*, um manuscrito conservado na Biblioteca Geral de Coimbra (UCBG Ms. 69), tenha sido o modelo do dicionário impresso em 1795.

⁴⁹ Dietrich crê que foi redigido nos anos 20 do século XVIII. Cf. Wolf Dietrich, *Die Lexikographie des Tupi-Guaraní*; Hausmann / Reichmann / Wiegert / Zgusta, ed. *Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires*, vol. III, Berlin - New York: De Gruyter 1991: 2670 – 2676. p. 2672.

⁵⁰ Dieter Woll, *Portugiesische Lexikographie*; Hausmann / Reichmann / Wiegert / Zgusta, ed., *Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires*, vol. II, Berlin - New York: De Gruyter 1990: 1723-35. p. 1726.

⁵¹ Primeira edição: Ulissypone: Ex offic. Joannis Alvari. MDLXII.

⁵² *Diccionario da Lingoa Portugueza* publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, Lisboa: Oficina da mesma Academia 1793.

Resumindo, temos que dizer que o lexicógrafo da obra impressa em 1795 permitiu ao *Thesouro* de Bento Pereira sobreviver à interdição ditada pelo Marquês de Pombal contra os livros escolares do Jesuítas. É notável que se mencione, no subtítulo da obra, o interesse pela história natural, o que corresponde ao espírito científico das "Luzes" que reinava na segunda metade do século XVIII. Deve ter sido acrescido pelo editor.⁵³

Numa inventariação que fiz dos dicionários bilíngues de português com uma língua extra-europeia, cuja maioria se conserva em forma de manuscritos na British Library, na Bibliothèqure Nationale de France ou em vários arquivos em Portugal constatei⁵⁵ que alguns vocabulários nem sempre seguem a ordem alfabética de palavras tais quais estão nas edições do *Thesouro* a partir da sétima edição de 1697.

⁵³ O autor não nomeado na portada - dizem - foi um tal Frei Onofre: Wolf Dietrich, *Die Lexikographie des Tupi-Guaraní*; Hausmann / Reichmann / Wiegert / Zgusta, ed. *Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires*, vol. III, Berlin - New York: De Gruyter 1991: 2670 – 2676. p. 2672.

⁵⁵ Dieter Messner, Sobre dicionários portugueses antigos; id. *Miscelánea lexicológica iberorrománica*, Salamanca: Luso-Española de Ediciones 2008, pp. 201-220.

volume foi publicado em 1793.⁵⁶ Os lexicógrafos académicos mostraram grande confiança em Pereira declarando-no a “Clássico”, porque dizem na “Planta do Diccionario” (p. IV): “O Diccionario da Lingoa Portuguesa deverá conter os vocabulos puramente Portuguezes [...] fixado tudo pelos exemplos dos Autores classicos [...]” Alguns exemplos que testemunham que os lexicógrafos académicos têm recorrido à obra de Pereira:

Ala. s. f. O mesmo que Enula campana. Bent. Per. Thes.

Alacrar. v. a. ant. O mesmo que Lacrar. Bent. Per. Thes.

Alambra. s. f. ant. O mesmo que Alamo negro. Bent. Per. Thes.

Alamedar. v. a. ant. Apascentar. Bent. Per. Thes.

Alampadeiro. s. m. Tocheiro ou mancebo, em que se põe ou sustenta a alampada. Bent. Per. Thes. etc., etc.

Para mim está claro que se pode fazer também uma interpretação diferente da anterior. Os lexicógrafos académicos não ousaram suprimir entradas do dicionário de Pereira, mesmo se não encontraram nenhum texto onde a palavra aparecesse.⁵⁷

Atrevo-me também a afirmar que o dicionário bilingue português-latim, que substituiu em 1771 o *Thesouro* de Bento Pereira, quer dizer o *Diccionario Portuguez, e Latino* impresso por ordem del Rei Fidelissimo Dom José I. [...], da autoria de Pedro José da Fonseca (Lisboa: Na Regia Officina Typografica)⁵⁸ se inspirava no *Thesouro*. Com poucas excepções, as entradas em 1771 são as mesmas que estão no *Thesouro*, às que Fonseca juntou de vez em quando exemplos tomados dos dicionários de Cardoso, Barbosa e Bluteau.

Dirijo, faz 20 anos, um projecto de grande envergadura: o *Diccionario dos dictionários portugueses*.⁵⁹ Esta obra reúne todas as entradas que contêm os dicionários portugueses a partir do primeiro dicionário bilingue português – latim, de Jerônimo Cardoso⁶⁰ até à sexta edição do chamado Moraes, de 1858.⁶¹ E também acredito, que a lexicografia portuguesa é das mais ricas do mundo. Infelizmente, muitos dos vocabulários só se conservam em forma de manuscritos, dispersos pelo mundo inteiro, e em mau estado. Consegui ver alguns que descrevo num breve estudo.⁶²

Na School of Oriental and African Studies, em Londres, existe um manuscrito (cota MS 12198/Marsden/), descrito por Lopes⁶³ assim:

⁵⁶ *Diccionario da Lingoa Portuguesa* publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, Lisboa: Oficina da mesma Academia 1793.

⁵⁷ Este dicionário de 1793 foi elogiado recentemente por pessoas que não são especialistas em lexicografia histórica: “[...] o Dicionário da Academia é ainda hoje um modelo de técnica lexicográfica, elaborado com o maior rigor científico [...]”, João Malaca Casteleiro, *Estudo Linguístico do 1º Dicionário da Academia; Dicionário da Língua Portuguesa* publicado pela Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa M.DCC.XCIII. Tomo primeiro A, Reprod. fac-similada assinalando o II Centenário da edição. Lisboa: Academia 1993. p.XII. Os três redactores-lexicógrafos do dicionário académico português de 1793, por exemplo, plagiaram (sem o afirmar) a famosa *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une Société de gens de lettres*. Cf. Dieter Messner, *A lexicografia portuguesa, uma ciência do e com passado*; id. *Miscelânea lexicológica iberorromânica*, Salamanca: Luso-española de Ediciones 2008, p. 232.

⁵⁸ O Catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal regista um décima edição em 1879.

⁵⁹ I, ABA-ABC, 1994; II, ABD-ABU, 1994; III, AC, 1996; IV, ADA-AFU, 1996; V, AGA-AJU, 1995; VI, ALA-ALG, 1997; VII, ALH-ALZ, 1998; VIII, AM, 1998; IX, AN-AO, 2003; X, APA-APU, 2005; XI, AQ-ARL, 2005; XII, ARM-ARRI, 2005; XIII, ARRO-ATELI, 2006; XIV, ATEM-AZU, 2007; H, 2005; K, 2002; NA-NI, 1999; NO-NU, 2001; O, 2002; U, 1997.

⁶⁰ Hieronymi Cardosi Lamacensis *Dictionarium ex Lusitanico in latinum sermonem*. Ulissypone: Ex offic. Joannis Alvari. MDLXII

⁶¹ *Diccionario da Lingua Portuguesa*, composto por Antonio de Moraes Silva [...]. Sexta Edição. Lisboa: Typ. de Antonio José da Rocha 1858.

⁶² Dieter Messner, *Ouvir, falar e entender. Notas linguísticas sobre os descobrimentos*. Dieter Messner, *Miscelânea lexicológica iberorromânica*, Salamanca: Luso-española de Ediciones 2008, 289- 311. p. 303s.

⁶³ David Lopes, *Expansão da língua portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, reedição actualizada e prefácio de Luís de Matos”; Porto: Portucalense Editora, 1969. p. 157.

Rudimenta linguae Persicae. A Grammar of the Persian language in Latin; with a Vocabulary, Latin, Portuguese and Persian.

O catálogo de Londres é mais explícito:

Rudimenta linguae Persicae / A Persian grammar. in Latin. Followed on ff. 16-109 by a Latin-Portuguese-Persian Vocabulary, arranged in order of Latin words. The Persian words are in both Persian and Roman script. ff. 110-121 contain a number of similar vocabularies on special subjects. The name of the author has apparently been cut out of f. 14. By Hieronymus Xaver? (c. 1700?)/

A gramática deste livro é bastante breve porque já a partir da página 16 começa o vocabulário (reprodução só as palavras latinas e portuguesas):

1795				Prosódia 1741
Amitto	Perder	...		Amitto, is, si, ssum. Perder, ou Largar à alguém. 18 entradas
Amnis	Rio	...		Amnis, is, m. G. O Rio. 9 entradas
Amo	Amar	...		Amo, as, avi, atum. Amar com affecto. 18 entradas
A modò	daqui por diante	...		*Amodò, adverb. Daqui por diante. 13 entradas
Amor	Amor	...		Amor, oris, m.g. in num. Sing. O amor honesto. 12 entradas
Amoveo	Apartar	...		Amoveo, es, movi, motum. Apartar. 109 entradas
Amplector	Abraçar	...		Amplector, eris, xus, sum. Abraçar. 15 entradas
Amplitudo	Largura	...		Amplitudo, inis, f.g. A grandesa, ou dignidade. 6 entradas
Amplius	mais	...		Amplius, adverb. Mais.

Quase todos os termos latinos e portugueses já se encontram na *Prosodia*, o dicionário latim-português de Pereira, do que a primeira edição é de 1634. Mas o autor deste dicionário pérsico não copiou todas as entradas de Pereira: faltam, por exemplo, os topónimos da Antiguidade. Entre *Amita* e *Amitto*, em Pereira 1697, estão ainda mais doze lexemas. Raras vezes falta a concordância entre os dois dicionários: *Anacoreta* em Pereira é definido por *Monje Solitario*, no dicionário pérsico por *eremitão*. Pelo contrário, a *A modò daqui por diante*, corresponde exactamente em Pereira 1647: *Amodò adverb. daqui por diante 2. b. Apul*.

A obra de Bento Pereira deve ter tido muito mais difusão fora de Portugal do que sabemos hoje. Num estudo recente, a autora Maria do Céu Fonseca⁶⁴ menciona um manuscrito desaparecido, mas que indica a fonte:

Almeida P.^e Miguel, Vocabularium Benedicti Pereyra conversum in linguam concanicam et divisum in duo partes: altera explicat vocabula lusitana in lingua concanicam, altera explicat vocabula concanica in linguam lusitanam.

A *Prosodia* se bem que proibida para o uso escolar, como já disse, está presente em alguns dicionários publicados nos séculos XVIII e XIX. Dizem alguns que:

A história da Prosódia não acaba completamente com a proibição do Marquês. Em 1759, [...] preparava-se uma nova e muito refundida edição [...]. O espólio terá sido entregue aos Franciscanos que [...] o conseguiram publicar em 1780 com o título *Magnum Lexicon Latinum et Lusitanum* [...]⁶⁵

⁶⁴ Maria do Céu Fonseca, *Historiografia Linguística Portuguesa e Missionária*, Lisboa: Colibri 2006. p. 335.

⁶⁵ Telmo Verdelho, *Historiografia linguística e reforma do ensino*, A propósito de três centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal. Separata de: *Brigantia, Revista de Cultura* vol. II, 1982. p. 23, nota 21.

Num artigo recente, dedicado a Manuel de Pina Cabral, o redactor deste dicionário latim-português, diz-se:

Tem sempre sido referido por alguns autores que estudaram a lexicografia latina em Portugal, o que não corresponde à verdade, que Manuel de Pina Cabral teve apenas o mérito de completar o dicionário jesuíta. [...] Se inicialmente partiu dos estudos de Latim feitos pelos jesuítas, mais tarde, em sucessivas edições, foi reescrevendo a sua obra, completando-a no que se refere a diferentes vocábulos e termos latinos.⁶⁶

Quanto à obra de Bento Pereira fala-se também de uma escola lexicográfica eborense. Menciona-se não só o revisor dos dicionários de Pereira e redactor da sétima edição, de 1797, Mathias de S. Germam - é a forma que consta na *Bibliotheca Lusitana*⁶⁷ - mas também a tradução para português de uma obra escrita em francês, o *Indículo Universal*, de 1716, acessível agora na edição que fez Manuel Rodrigues Borges da Silva.⁶⁸ Não é um dicionário no sentido estrito, mas uma introdução bilingue português – latim a vários sectores do vocabulário, por exemplo, os animais, as estrelas, etc. São marcadas com asterisco todas as entradas que não provêm do original francês, tendo sido acrescentadas pelos alunos do editor António Franco. Assim o indica o subtítulo da obra: “Feito novamente Luzitano Latino, & acrescentado, como mostram as estrelinhas, pelos Religiozos da Companhia de JESUS, Estudantes de Rhetorica; no anno de 1697, pera o seu uzo de fallar Latim.” Mas o editor moderno diz: “[...] se considera o P. António Franco, o mestre de Retórica desses estudantes, como seu autor” (Silva, op. cit. p. 9).

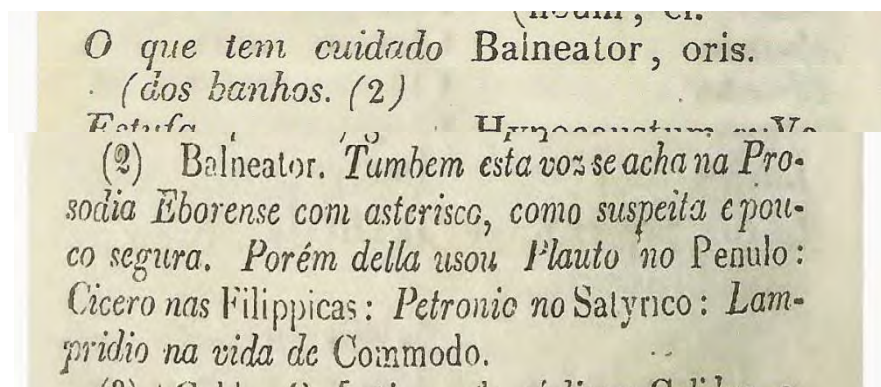
Indículo Universal 1716		Indiculus Universalis 1671	
Vestidos de Homem	Vestes viriles	Vestes Viriles	
* Opa real	Trabea, ae		
* Cobertura da cabeça	Capitis tegmen, inis vel amiculum	Capitis tegmen, (inis) vel amiculum	Habillement de teste.
* Garavata	Focale, is		
Chapeo	Galerus, i. Pileus, i.	Pileus, ei. Galerus, i. m	Chapeau
Chapeo de sol, chapeo de grandes abas.	Petasis, i	Causia, ae Petasius, i. m.	Chapeau à grandes ailes, à grands rebras. Chapeau à petit bras Petit chapeau
Martimenga, ou carapuça de linho.	Pileolus lineus.	Pileolus, i. Pileus laneus.	
Barreta	Pileolus, i.	Fibrinus galerus	
Chapeo de lam	Pileolus laneus.		Chapeau de laine.
Chapeo de castor	Fibrinus galerus.		un castor
Chapeo de pello de lontra	Ex lutrae villo pileus.	Ex Lutrae villo pileus	un Loutre
Chapeo de palha	Stramineus galerus.	Stramineus galerus.	
Copa do chapeo	Pilei cavum, Testudo, Tubus, i.	Pilei cavum. Testudo. Tubus, i.	Chapeau de paille Coupe de chapeau

⁶⁶ João Augusto Guerra da Rocha Nunes, Manuel de Pina Cabral, Notas biográficas de um (des)conhecido latinista do século XVIII, *Millenium* Número 32 - Fevereiro de 2006. Separatum p. 13.

⁶⁷ Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, Tomo III, Lisboa: Ignacio Rodrigues M.DCCCLII (Coimbra: Atlântida Editora 1966), p. 453: “Mathias de S. Germam [...] Adicionou, e emendou em muitas partes *Prosodia* do P. Bento Pereira, que sahio impressa no anno de 1697.”

⁶⁸ O *INDICULO UNIVERSAL*, edição e estudo, Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro. Aveiro: Universidade 2006.

Também não é um dicionário *sensu stricto* a *Collecção das palavras familiares Latina, e Portuguesa*⁶⁹, redigida pelo Padre António Pereira de Figueiredo, e publicada pela primeira vez em 1755.⁷⁰ Não pertence à chamada escola lexicográfica eborense, mas é uma resposta às obras anteriores, perpetuando assim a memória da *Prosodia*, e do *Indiculus Universal*. Na quinta edição de 1821 que consultei, há muitas alusões à *Prosodia*, sempre chamada “Prosodia eborense”. O seguinte exemplo provém da página 42:



Pereira de Figueiredo⁷¹ critica aqui o facto de o redactor da sétima edição da *Prosodia*, de 1697⁷² (e das edições posteriores), ter acrescido a muitas entradas um asterisco para assinalar palavras que não pertencem ao léxico latino clássico. Isso já se indica no frontispício da *Prosodia* assim:

Quae asterisco * notantur, caute usurpanda; vel enim auctore destituuntur vel non temere sunt aemulanda, cum á communi usu abhorreant.

Pereira de Figueiredo justifica a sua obra assim (pp. VIII-X):

Porque assim esperavamos prudentemente, que o nosso livrinho viria a ser muito util não só aos principiantes, mas também aos adiantados. Porque por huma não sei que fatalidade costuma succeder, que quanto mais conhecidas são as cousas, tanto mais feiamente ignoramos os seus nomes Latinos. Temos porém neste methodo dous insignes directores, a quem seguir: a saber, dos Portuguezes a Jeronymo Cardoso, natural de Lamego, dos Francezes a Francisco Pomey, Jesuita. [...] A Pomey porém devemos hum livro maior do mesmo assumpto, também muito util, e erudito; [...] Este traduzirão do Francez em Portuguez, e tem mandado imprimir muitas vezes em Evora os doutissimos Padres da Companhia. Os quaes eu todavia quizerá que antes expurgassem, do que accrescentassem o Indice de Pomey. Porque elle traz muitas palavras mais para se deixarem esquecer [...]

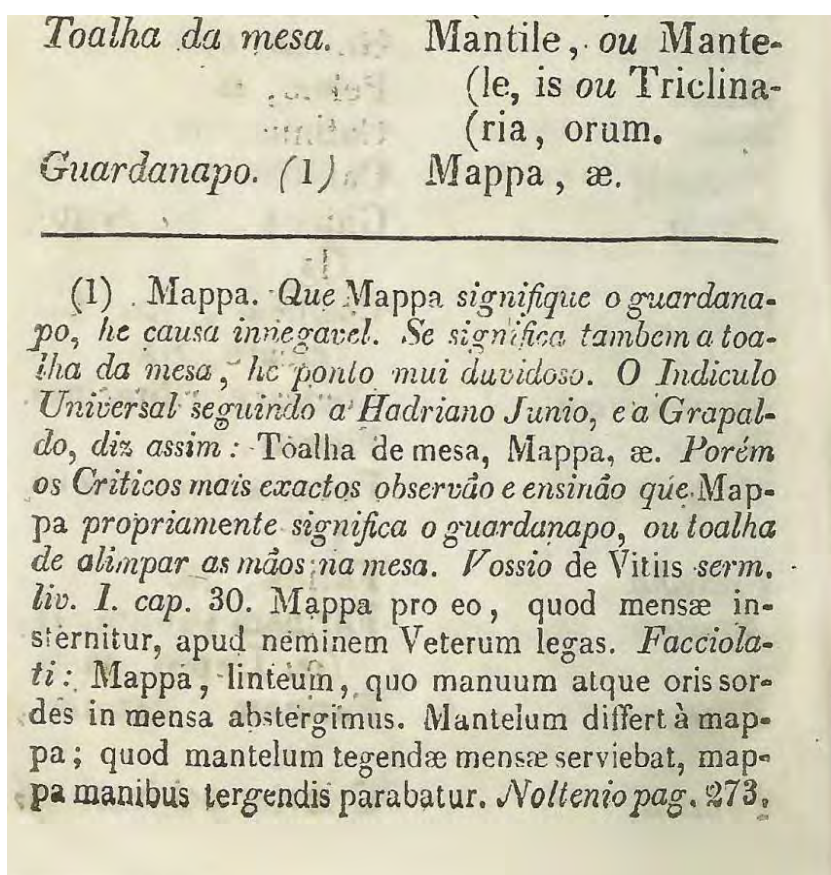
É evidente, por isso, que o *Indiculus Universal* aparece muitas vezes nesta obra (exemplo da página 46):

⁶⁹ Feita pelo P. ANTONIO PEREIRA Da Congregação do Oratorio de Lisboa Para o uso das escolas de Portugal, e suas conquistas [...] Lisboa: Imprensa Nacional. A. Pereira de Figueiredo 1725-1797.

⁷⁰ Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, Tomo IV, Lisboa: Francisco Luiz Ameno M.DCC. LIX (Coimbra: Atlântida Editora 1967), p. 53: “Collectio verborum familiarium cum Lusitanorum, tum Latinorum in usum Scholarum Congregationis Oratorii. Ulyssipone, typis Michaelis Rodrigues, 1755, 8. Sahio segunda vez auctor, & castigador, ibi na dita Impressão, 1757: nella responde às Notas de hum papel, que sahira contra a primeira edição.”

⁷¹ Eugénio dos Santos, Pombal e os oratorianos; *Camões*, Revista de Letras e Cuzlturas Luofonas 15-16/2003; pp. 75-86.

⁷² * Balneator, oris, m. G. Balneanus, Balnearius, Balneatorius, Balnitor, oris, m.g. O mestre de banho. Amalth. *Prosodia*, ed. 1741, p. 98.



73

Acho que é mesmo provável que Pereira de Figueiredo tenha copiado algumas entradas acrescentadas ao *Indiculo Universal* por António Franco, e marcadas com asterisco.⁷⁴

Indiculo	Pereira de Figueiredo
*Peça de bater. Tormentum murale, obsidionale.	Peça de bater. Tormentum murale.
*Peça reforçada. Duplicatum tormentum.	Peça reforçada. Termentum duplicatum.
*Peça de meio calibre. Dimidiatum tormentum.	Peça de meio calibre. Tormentum dimidiatum.
*Peça de campanha. Tormentum castrense.	Peça de campanha. Tormuntum castrense.
Campestre.	

Mais parecido com um dicionário do tipo tradicional é o suplemento chamado *Index totius artis*,⁷⁵ que acompanha muitas das edições dos *De Institutione Grammatica Libri tres* do

73

<i>Indiculo Universal</i> , p. 164, cap. 149 (edição de Manuel Rodrigues Borges da Silva):		<i>Indiculus universalis latino-gallicus rerum ferè omnium in Mundo sunt, Scientiarum item Artiumque Nomina breviterque exhibens. Auctore P. Franc. Pomey, è Societate Jesu. Norimbergae: Sumptibus Johannis Andreae 1771; p. 364.</i>	
Meza	Mensa.	Mensa	Table
Toalha de meza.	Mappa, æ.	Mappa, æ	Mappe.
Guardanapo.	Mappula, æ.	Mantile, is	Serviette.
Prato de agua às mãos.	Pelluvium, ii.	Pelvis, is.	Pelluvium, ii. Bassin à laver les mains.
	Polubrum, i.		
	Malluvium, ii.		
Toalha de mãos.	Mantelium, ii.	Mantelium, ii.	Essuye-main.
Meza redonda.	Orbis, is.	Orbis, is.	M. Quadra, æ. Assiette.

⁷⁴ Silva, op. cit. p. 199.

famoso jesuíta Manuel Álvares (Primeira edição, 1572).⁷⁶ Dizem, que de uma para outra edição aumentou o número de entradas neste vocabulário, mas comparando as entradas com a inicial *R*- nas edições de 1608 e 1680, constatei que as mudanças são mínimas: na edição de 1608 há 4 entradas que faltam na edição de 1680, que só tem 2 novas entradas. O Index de 1608 contém 94 entradas com a inicial *F*-; o de 1695 44 mais, 138. O que mudou foram sobretudo as definições e os exemplos.

1608 Faber, bri, Official mechanico. 6.9.8.	1695 Faber, bri, official mechanico. Como carpinteiro, ferreiro pedreiro, & alij qui circa duram versantur materiam. Unde fabre, Adverb. idest, scitè, affabrè (quod usitatus est, artificiosa, ou engenhosamente: fabrefactus, a, um, cousa feita com artificio. 121.6.139.4
--	--

Quero situar este *Index totius artis* entre o único dicionário latim – português que existia antes de Álvares publicar a sua obra,⁷⁷ o *Dictionarium Latinolusitanicum* [...] de Jerônimo Cardoso, de 1570, e a *Prosodia* de Bento Pereira, de 1697.⁷⁸

Cardoso 1570 Reclamo , as, avi. Reclamar, ou contrariar. [+17 entradas] Recondo , is, condidi. Esconder, ou guardar. [+ 1 entrada] Recordor , aris, atus. Alembrarse.	Álvares 1608 Reclâmo , mas, Reclamar, Repugnar. Ut Reclamare iudici pro reo. Recondo , is, esconder: ut In nemus se recondere. Meter; ut Reconde gladium in vaginã. Recordor , recordaris, Lembrarse. Depon.	Álvares 1680 Reclamo , as, reclamar, repugnar. Ut reclamare iudici pro reo. Recondo , is, Meter. Ut reconde gladium in vaginam. Esconder. Ut in locum arboribus nemorosum se recondere. Recordor , aris, lembrarse. Deponens cum	Álvares 1695 Reclamo , as, reclamar, repugnar, Alicui. Recondo , is, encobrir, esconder: ut, Domo, 1. In domum se recondere, gladium in vaginam, embainhar. Recordor , aris, lembrarse,	Pereira 1697 Reclamo , as, avi, atum. Reclamar, resistir, contrariar, contradizer, gritar. [+ 33 entradas] Recondo , is, didi, ditum. Esconder, occultar, tornar a pôr, guardar [+ 10 entradas] Recordor , aris, atus. Sum. (Recordo, as.
---	---	--	---	---

⁷⁵ “Antônio VELEZ (1545-1609) O *Index totius artis*, atribuído a Antônio Velez (1545-1609) foi acrescentado, como anexo, em várias edições da *Gramática* de Manuel Álvares, desde o final do séc. XVI (1599). Este índice foi reelaborado ainda no séc. XVII e transformou-se num pequeno dicionário escolar, com cerca de 300 páginas, publicado sempre como complemento e no mesmo volume da gramática até à sua última edição em 1755.” (<http://clp.dlc.ua.pt/Corpus/AntonioVelez.aspx>). Cf. Sebastião Iken, *Index totius artis* (1599-1755): algumas reflexões sobre o índice lexicográfico latino-português da gramática de Manuel Álvares, elaborado por Antônio Velez; R. Kemmler / B. Schäfer-Prieß / A. Schönberger, eds., *Estudos de história de gramaticografia e lexicografia portuguesas*, Frankfurt: DEE, 2002, pp.53-84

⁷⁶ Cf. Telmo Verdelho, *Historiografia linguística e reforma do ensino, A propósito de três centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal*. Separata de: *Brigantia, Revista de Cultura* vol. II, 1982.

⁷⁷ *Dictionarium Latinolusitanicum*, & vice versa Lusitanicolatinum, cum adagiorum ferè omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione: Ecclesiasticorum etiam vocabulorum interpretatione. Item de monetis, ponderibus, & mensuris, ad praesentem usum accomodatis. Novè omnia per Hieronymum Cardosum Lusitanum congesta. Recognita vero omnia per Sebast. Stokhamerum Germanum. Qui libellum etiam de propijs nominibus, regionum, populorum, illustrium virorum, fluviorum, montium, ac aliorum complurium nominum & rerum scitu dignarum, historijs & fabulis poeticis refertum in usum & gratiam Lusitanicae pubis concinnavit & ex integro adiecit. Cum sanctae Inquisitionis Magistratus approbatione. Excussit Ioan. Barrerius Conimbricae. 12. Kal. Iulij 1570. Com privilegio Real. Em papel taxado 300 rs.

⁷⁸ „Depois desta [edição], ao longo de mais cinco edições, até 1750, não sofreu qualquer alteração.” Telmo Verdelho, *Aspectos da obra lexicográfica de Bento Pereira; XXº Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*. Tübingen-Basel: Francke Verlag 1993. Tome IV, Section VI, p. 782.

	Cum Accusativo, vel Ablativo, cum De.	genitivo, vel accusativo, vel ablativo cum De.	Depon.	Tacit.) Lembrarse, trazer à memoria.
--	---	--	--------	---

Se falarmos de uma escola lexicográfica eborense, temos que mencionar sobretudo o trabalho dos latinistas. Eles remodelaram o *Index totius artis* de uma edição para outra da gramática de Manuel Álvares. A *Prosodia* de Bento Pereira ficou inalterada até a proibição em 1759. E o *Indiculus universal* é uma tradução do francês, enriquecida por algumas nomenclaturas em português.

Postscriptum:

Eborensis Academia ad Lectorem:

Meis ergo, Candide Lector, fruiere laboribus; & si quae mala errorum gramina inter tantam segetem eruperunt, tuae eruditionis falce amputa, dummodo auctori innocuo in levioribus delictis conniveas. Vale. (Prosodia 1741)

«AGOA ARDENTE = XARAB»

Num livro recentemente publicado e destinado a um público sem conhecimentos científicos prévios encontrámos a frase seguinte:

A história do período árabe em território português apresenta-se, ainda hoje cheia de [...] zonas de penumbra [...] (Alves 2001: 11).

Também num outro sector, o da dicionarística, que me interessa especialmente, não encontro estudos, nem mesmo informações, sobre a questão de saber se alguns portugueses apreenderam a língua dos seus vizinhos meridionais africanos com a ajuda de livros. Consta que houve intérpretes que acompanhavam os funcionários portugueses, mas não sabemos como se formavam. Um deles deixou-nos um diário com os relatos sobre o que aconteceu em Tânger sem nos dizer onde é que aprendeu árabe (Teensma 1996). A língua árabe era, na época dos descobrimentos, uma língua internacional muito importante.

O conhecimento da língua árabe entre portugueses deduz-se, além disso, dum número bastante elevado de testemunhas. Os navegantes portugueses da época dos primeiros descobrimentos estavam bem preparados para os contactos com a gente da Índia: sabiam que a língua franca no Oceano Índico era o árabe, e, por isso, alguns dos navegantes falavam-no, como se pode ler de forma explícita, no Roteiro de Vasco da Gama, nesta passagem datada de 3 de Março de 1498:

[...] segundo eles *diziam* [...]. E isso tudo *entendia* um marinheiro que o Capitão-mor levava, o qual foi já cativo dos *mouros* [...] (Águas 1987: 43).

Os portugueses resgatados da escravidão serviam muitas vezes de intérpretes, como podemos ver também noutro passo relativo ao Congo:

[...] o capitão-mor mandou sair em terra um Martim Afonso, que andou em Manicongo [é o Congo actual] [...] achámos muitos homens e mulheres [...] e um senhor entre eles [...] e ele *disse* que qualquer coisa [...] no-la daria. E isto *entendia* o dito Martim Afonso (12 de Janeiro de 1498; Águas 1987: 31).

É de supor que o emprego da língua árabe no Oceano Índico tenha aberto também o acesso às outras línguas asiáticas: João de Barros fala

[...] de hum livro de cosmographia dos Chijs impresso per elles, com toda a situaçã da terra [...] que nos foy de lá trazido & *interpretado* per hum Chij que pera isso ouvemos (Barros 1932: 339).

Barros publicou este texto em 1552, quer dizer só 39 anos depois de o primeiro português chegar à China em 1513.

São inumeráveis as citações no relato da viagem de Gama onde transparece que a comunicação entre os portugueses e a gente nativa tinha sucesso:

[...] vinha [...] um mancebo, que [...] era de outra terra [...] e *dizia* que já vira navios grandes [...] (25 de Janeiro de 1498; Águas 1987: 33).

Esta minha opinião é confirmada pelo facto de existirem também outras situações em que, por falta de conhecimentos do árabe, se documenta o insucesso do acto comunicativo:

E a sua linguagem é estremada da dos mouros e alguns sabem pouca de aravia [...] (19 de Abril de 1498; Águas 1987: 51).

Mas já antes encontramos tais descrições. Na *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné* escrita pelo cronista Gomes Eanes de Azurara (Azurara 1841: 366) encontra-se a famosa frase que provém de um português, João Fernandes, que tinha vivido sete meses entre os africanos:

A letra com que screvem, nem a lynguagem com que fallam, nom he tal como a dos outros *Mouros*, ante doutra guisa [...].

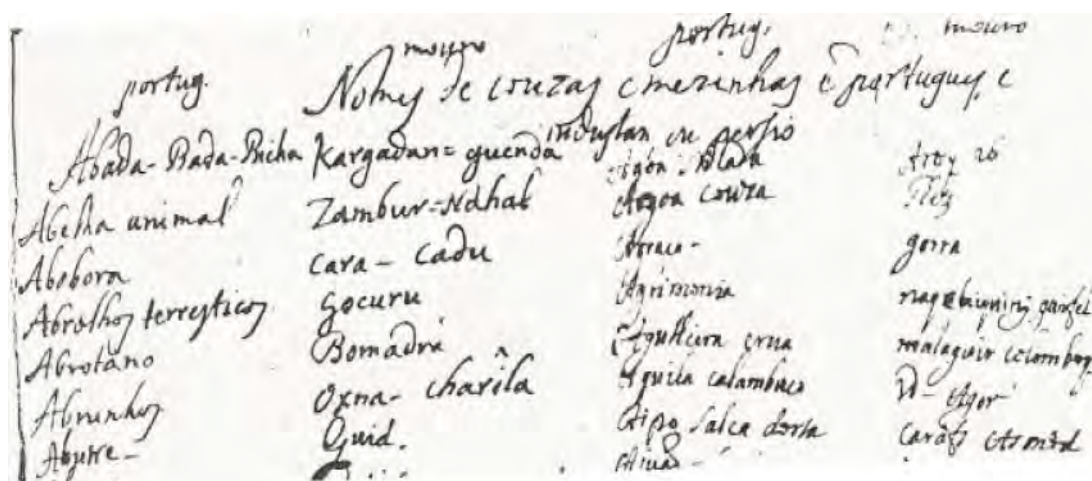
Como é sabido, reuno no chamado projecto *Dicionário dos dicionários portugueses* um grande número de dicionários que foram publicados entre 1554 e 1858. Na frase preparatória, tentei ver pessoalmente todos os dicionários porque as informações tão meritórias de David Lopes (1969) não eram suficientes, sendo algumas até mesmo falsas. Os resultados desta forma de pesquisa bibliográfica foram publicados em vários artigos (Messner 1995; 1998; 2001).

É notável que entre o grande número de dicionários que a língua portuguesa conserva, oriundos de séculos passados, não tivesse sido até hoje descoberto um único que combinasse o português com a língua árabe. Parece que os esforços louváveis dos lexicógrafos jesuítas só foram dirigidos para as línguas vernáculas nos continentes asiático e americano. Desistiram eles porque não acreditavam nos efeitos positivos da missionização de maometanos?

O citado livro de Lopes 1969, publicado pela primeira vez em 1936, contém uma lista aditada pelo editor da segunda edição deste livro, Luís de Matos. Interessou-me especialmente o seguinte trecho de texto:

Vocabulário português e hindustani ou persa por Fr. Eugénio Trigueiros (cf. Cunha Rivara, Catálogos dos manuscritos da Biblioteca Eboresense, I) (Lopes 1969: 159)

Durante uma estada em Évora, por ocasião dum Congresso sobre os «500 anos da língua portuguesa no Brasil», foi-me possível ver este manuscrito na Biblioteca Pública de Évora. E grande foi a minha surpresa de encontrar algumas palavras mais do que promete o título da informação bibliográfica de Lopes (1969).



O manuscrito tem oito páginas, cada uma dividida em quatro colunas, a primeira e a terceira com entradas portuguesas («portug.» está escrito na primeira página em cabeça da primeira e da terceira coluna), a segunda e a quarta designadas, na primeira página, por «mouro». Encontrei finalmente o dicionário português-árabe que busquei? Infelizmente, não. A evidência linguística, obtida por uma análise da coluna «mouro», aponta para uma koiné oriental com uma cota bastante alta de arabismos. Houve uma época, em que a denominação «mouro» foi comum para qualquer maometano. Seja dito entre parêntese que o mencionado Eugénio Trigueiros, 1684-1741, o pretenso autor do vocabulário, viveu durante muito tempo na Ásia.⁷⁹

Só por baixo destes títulos das colunas está escrito o que aparece em Lopes (1969: 159), aliás com ligeiras variações:

Nomes de couzas e mezinhas em portugues, e industan, ou persio.

A redacção, creio, vem do século XVIII. Uma datação mais exacta será talvez possível quando se souber em que época apareceu a palavra «bira» em árabe com o significado de

⁷⁹ Veja-se a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa; Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, s. d., vol. 32, pag. 847.

«cerveja». A entrada rara – porque a palavra árabe «bira» é definida por um sintagma português – é:

port.	mouro
cerveja. bira p(ara) beber	bira q(ue) se faz de cevada
(Lerchundi 1892: bira).	

É conhecido, na língua francesa, a mudança da denominação de «cervoise» para «bière» que aconteceu no século XV, porque a palavra, de origem germânica, designava uma cerveja feita com lúpulo, o que era novo. A palavra italiana «birra», do século XVI, deve ser um empréstimo francês e está, provavelmente, na origem da forma árabe.

Pode ser que haja outra referência à época em que este vocabulário foi escrito. Com respeito à maneira de apresentar os dois únicos adjetivos é plausível relacioná-los com o famoso *Thesouro da língua portuguesa* de Bento Pereira (1647) que teve onze edições até 1750. Os adjetivos são acompanhados pelo substantivo «cousa», como fez também Pereira (1647).

Agra couza [...]
Liquido [sic] couza [...]

Mas, ao contrário de Pereira, que segue uma ordem alfabética diferente da moderna (c, ç com a pronúncia [s-] seguem a *cu-* [ku-]), o autor do vocabulário inseriu ç- nas palavras com a inicial c- como hoje fazemos.

Foi-nos útil para o nosso trabalho a consulta dum dicionário espanhol-árabe do século XIX (Lerchundi 1892) para reconstruir as palavras de origem árabe (mas não das outras, persas, etc.) pouco legíveis no manuscrito. A «abobora», por exemplo, tem as formas «cara – cadu», que encontramos quase na mesma forma em Lerchundi: «Calabaza: [...] kárâa, pl. en at.» (e que reaparece em «Cabaça cadu Lau»). Por isso, juntamos as formas latinizadas das palavras árabes, tal que Lerchundi as enumera, às formas árabes escritas no nosso manuscrito. A primeira entrada deste vocabulário é:

Abada – Bada – Bicha	Kargadan guenda
(Lerchundi 1892: qerqdán),	

e a última, na oitava página (fólio 219v do volume):

maçaa de vacca	gao ron [?]
----------------	-------------

Trata-se, então, do fragmento dum vocabulário não completo e o estado da conservação do manuscrito e a qualidade do microfilme que pedi (e pelo qual tive de esperar mais de um ano) nem sempre permitem ler as entradas por completo, indicadas por mim, por isso, com [?].

As palavras com a inicial A- abarcam as duas primeiras páginas, com um total de 164 entradas (última: «azougue Sim ab Parâ Zibq»). A inicial B- começa na terceira página, tem 73 entradas (começa com «Bada – Bicha Kargadan guenda», e acaba com «breu alg salaz condam [?]]»); a C- com 151 entradas (a primeira é «cabaça cadu lau», a última «cipero [?]]»). A segunda entrada de «chumbo» está escrita com x-: «xumbo branco». D tem 16 entradas (entre as quais uma rasgada, a segunda entrada de duas «dáctiles»). E- tem 94 entradas, das quais 38 são grupos nominais formados com o substantivo «erva», o que é, na minha opinião, um claro argumento para considerar que a pessoa que escreveu este vocabulário estava só interessada em ciências naturais (botânica, zoologia), e tal vez em medicina (à que alude também a entrada «Lanceta de sangrar nox tor»). A qualidade do microfilme não permite ler e contar todas as palavras com as iniciais F- e G-. Há cinco entradas com H-; 15 com I-, J-; uma com K- [«Karvaõ zokol coila»], uma letra que aparece várias vezes na rubrica árabe: «asno Kar gada; coelho Kargox; lebre Kargox, leitão Kargir», etc. Há também 57 entradas com L-; e cinco com M- «Maçaa de cipreste ... [?]; Maçaa de nafega vnab; Maçaa de porco ... [?]; Maçaa de bois vnab; Maçaa de vacca ... [gao ron ?; veja-se «Lingoa de Vacca gao Zoban»].

Há outras diferenças entre este vocabulário e Pereira (1647). Algumas das entradas deste vocabulário são bastante diferenciadas. Enquanto Pereira (1647) apresenta «dormideiras Papaver, eris», neste vocabulário há: «Dormideiras brancas ... [?]] e «Dormideiras vermelhas Gul Lala».

À única entrada de Pereira (1647) «douradinha erva [...]» correspondem duas entradas seguidas «douradinha erva» com duas traduções diferentes.

Algumas entradas aparecem duas vezes, seguindo grafias portuguesas diferentes: «Açucar Xacâr = chinis» ao lado de «Asucar Xacar chinis».

E assim acontece com: «açafraõ Zafran Guesor cum cum» e «asafraõ Guesor Zafran», etc., etc. (veja-se o mesmo fenómeno num livro espanhol mais antigo, mas de temática semelhante; Zabía Lasala 1999: XIII).

O fenómeno do português antigo (e uma realidade ainda hoje em vários regiolectos) de ter uma palavra com um a- protético ao lado de outra sem o a- é bem documentado:

Abada – Bada – Bicha	Kargadan = guenda
Bada Bicha	Kargadan = guenda

Há mais uma entrada com estas palavras portuguesas:

Bicha animal Abada	Guenda.
--------------------	---------

Alcamphor	Camphur (Lerchundi 1892: cafūr)
Camphora	Caphur
Acelga	Palong sag spinaq
Celga	Chucandar
Alacraõ	Acorob
Lacaraõ	Acorob
Alambique	carambiq
Lambeque	carambiq

Há também mais duas entradas semelhantes consecutivas:

Beringela
Bringela de mato
[...]
Bringela
Bringelas de mato

«Azedas erva» surge duas vezes, com a mesma tradução, a primeira «Homaz chuca Sag», e a segunda com «chuca Sag Homaz.» Há «Congrejo Karchong» e «Caranguejo Karching.» «Sag» é palavra que provem do Industão, como o é também a seguinte «gady» por «burra».

Enquanto-se dedica a «Asno, asna Kar gada» uma linha, «Burro, burra» têm duas: «BurroGhor Gada» e «BurraGady.»

Há também um fenómeno interessante neste vocabulário, talvez porque as pessoas que tinham de usá-lo necessitavam de definições acerca do conteúdo de algumas palavras. Assim, a primeira entrada «Abada» é logo acompanhada por «Bada Bicha.» Isto acontece várias vezes, por exemplo em: «Açucena cebola cecem Sudarson gul narguix».

Em Pereira (1647), encontramos tanto «Açucena Lilium, ij» como «Cebola cessem Lilium, ij,» o que leva a supor que o autor do manuscrito juntou de propósito à palavra «açucena» também «cebola cessem.» E «lobo» e «Bugia» vêm acompanhados por «animal», e «andorinha» por «Ave» (talvez para diferenciar entre o termo zoológico e os outros significados de palavra).

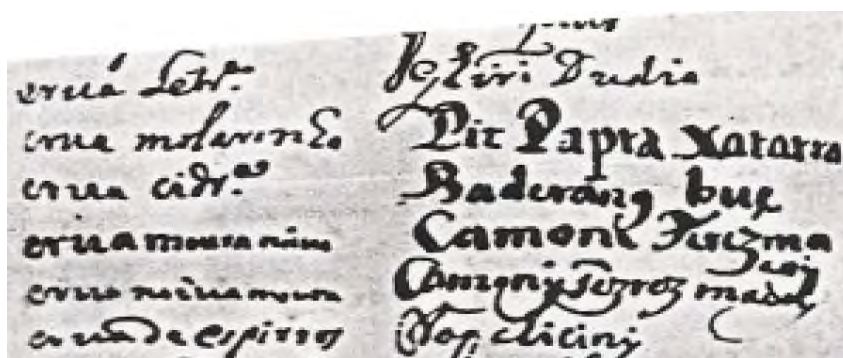
Muitas entradas portuguesas são acompanhadas por «erva», algumas também por «balçamo», o que, julgo, concretiza o emprego a que este vocábulo estava destinado, como também alguns sintagmas que têm de ver com receitas: «clara de ovvo»; «coalho de Leite»; «cinza retificada» (segundo Bluteau 1720: VIII, 167, «retificar» é termo tanto químico, como médico; etc.). O dicionário de Herrera (1996) permite confrontar este tipo de entradas portuguesas com as «Unidades pluriverbales» que ela inseriu na sua obra: muitas são idênticas.

Porqué é que o autor do vocabulário juntava este tipo de explicações? Contava com leitores não suficientemente instruídos da língua meta? Ou necessitava de precisar o significado português para o poder bem traduzir?

Alguns nomes de plantas referem-se a regiões concretas da Península Ibérica: «Couve murciana Jorinda Tabiq [?]', por exemplo, ou «erva gallega cumbis panâ.»

Se compararmos a grafia das entradas deste vocabulário com as formas correspondentes contidas no dicionário de Pereira (1647), constatamos algumas diferenças (que talvez permitam encontrar o modelo da lista):

Esterco de Borco [sic]; Bateca [sic] Pateca; Barboreta [sic] maripoza; Carnero [sic]; etc. Há tres entradas, todas grupos nominais com o substantivo «erva» mais um adjectivo, onde as traduções são escritas de forma meio-gorda.



Não encontramos nenhum verbo neste texto em que a maior parte das entradas são nomes de plantas. A entrada «atriplex», ainda que registada antes em dicionários latim-língua românica como denominação latina das palavras portuguesa «armoles» e espanhola «armuelles», por exemplo na tradução da obra do médico Dioscorides (Laguna 1555), ainda não está em Bluteau 1712 (e a crer na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa; Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, s.d., vol. VIII, pag. 690, foi aceite pelo naturalista Linné no seu sistema classificador em 1735), o que sugere que a lista de palavras tem algo a ver com vocabulários semelhantes espanhóis (veja-se Herrera 1996).

Uma outra parte consta de nomes de animais, e também há alguns instrumentos como «alambique; lançeta para sangrar; grál Pedra de moer», que têm a ver com a medicina. Também aparecem alguns minerais como «bazar pedra; ferro; esmeril pedra; carvão; candar pedra; estanho; jacinto pedra; jasper pedra; Barro branco; barro vermelho». O número de adjectivos é pequeno: apenas dois.

Se considerarmos de perto as traduções das entradas portuguesas, vemos que algumas vezes não são muito diferenciadoras: «Vnâb» aparece várias vezes, primeiro detrás de port. «Açofeifa maçãs de nafiga», e também detrás de port. «maçaa de nafega», e detrás de port. «maçaa de boj.» E «xarab», a tradução (estranha, segundo os meus amigos arabistas) de «aoga ardente», aparece também para traduzir «borra de vinho burdu xarab» (porém «liquor» é «Arop»).

O mesmo acontece com as entradas portuguesas: «Aloe erva Baboza Gliu Gluar» e «Erva Baboza Gliu Gluar».

Outras entradas portuguesas, pelo contrário, são seguidas por várias traduções, talvez segundo as diferentes espécies existentes ou segundo variantes regionais (árabes ou não árabes), por exemplo na entrada «Açafrão Zafran Guesor cum cum».

Encontramos neste vocabulário um número bastante elevado de palavras árabes (próprias, ou de origem persa), facilmente legíveis mesmo sendo a leitura difícil, sobretudo quando elas são muito parecidas aos arabismos das línguas ibero-românicas:

Alcaparras

cabar (Lerchundi 1892: cabbára)

Alacraõ

Acrob Bichu (Lerchundi 1892: âákráb)

Alambique carambiq

Outras palavras são mais difíceis de decifrar, talvez porque a pessoa que as escreveu não respeitasse a forma original. Exemplificamos isso com as duas entradas de «bálsamo» onde as formas do vocabulário diferem entre elas (e também da forma registada já em Laguna 1555: «belesem»; veja-se mais adiante):

Balcamo Rogon Balancan (rogon do indust. ,gordura’)

Balcamo Ungto. Morom Balcan (Lerchundi 1892: bórham?)

Enquanto na entrada «Acelga» a tradução é «Palong sag spinag», encontramos por baixo de «Celga brava» uma das três unidades anteriores, mas desta vez escrita sem o nasal: «Bon palog».

Inserimos aqui algumas entradas que tomámos deste vocabulário, acompanhando-as com as respectivas formas que estão na obra de Laguna 1555:

	Vocabulário	Laguna	Lerchundi
Acipreste	Saro	Sern	saruál
Acoro	Voz	Vage	
Agarico	Garicun	Garichum	
Aipo	carâfs	Charfs	cráfes, caráfes
Alacrão	Acrob	Harrab	âákráb
Alambre	carba	caquar	Karabe
Alquitira	catira	Chitira	catíra
Bdelio	mochor	Molochil	
Bugalhos	Afs	Hafs	
Cal viua	Hlag	Horach	
Cenouras	Gazor	Iezar, y Giezar	jízu, jeízu
Cera	Xama	Hamaha	xemáa
Ceuada	Xahir	Xahaer	xâir
Chicoria	Caxni	(Chicharro) Keisene	
Cidra	Thurongi	Altrungi	
Couues	Colom	Corume, y Karumb	
Çumagre	Sumaq	Sumach	
Endro	Xebet	Xebeth	
Escamonea	Sacmonia Manuda	Schmunia	sakmoníia
Espica Nardi	Sembol	Sumbel	sebúla
Fava	Bacla	Bachale	
Feijão	Lobia	Lubia	
Gingibre	zanzibel	Lengibel	scáncbhir
Golfão	Nenuphar	Nilophar	
Lançarote	Anjurait	Ansarot	

Estas transcrições devem permitir reconstruir ou a origem regiolectal de algumas palavras, ou encontrar a fonte literária das colunas portuguesas do vocabulário.

Há também alguns pares de palavras que não diferem entre si, ou que diferem muito pouco:

Port.	mouro	Lerchundi
Ambre	Ambar	âánbar
Bangue	Bangue	
Belota	Bollota	bel-lúta

Algumas palavras árabes são muito parecidas, mesmo idênticas às entradas que encontrou Mensching (1994), analisando uma lista médico-farmacológica conservada em forma de dois manuscritos dos séculos XIV e XV.

Port.	mouro	Mensching (1994)
colirio	xief	xief (pág. 290)
cebolla	Bossal	albaxal (pág. 225)
concha venerea	sadaf	sadaf (pág. 151)

É certo que muitas das traduções não sejam arabismos, mas sim palavras persas, ou que provenham de uma outra língua asiática: por exemplo «xacâr/xocor» ; «guenda» ; «zokol», etc. Dizem-me os colegas peritos em línguas orientais que «zokol» representa a palavra persa «zogal», e que a palavra «kargedan» seria um empréstimo persa na língua árabe, em quanto «ginda» é o nome do rinoceronte numa das línguas que se falam no Indostão. A tradução da entrada portuguesa «Abelha animal» por duas formas «Zambur» e «Nahal» (Lerchundi 1892: «náhla») é ilustrativa: a primeira palavra significa o ,vesperão' em árabe, e, por isso, seria então um tradução errada. Mas na língua persa significa também a ,abelha'.

Resumindo esta primeira apresentação de um até hoje não analisado vocabulário, pensamos ser necessário submetê-lo a uma análise muito mais pormenorizada por especialistas da língua árabe e das outras línguas faladas em redor do Oceano Índico, sobretudo quanto às transcrições, para evitar os muitos erros feitos na reprodução de palavras não europeias, por exemplo as árabes (veja-se Vázquez de Benito 1987). Também se revelou como é urgente pesquisar nos arquivos e nas bibliotecas de Portugal para encontrarmos mais vocabulários deste tipo.⁸⁰

Bibliografia

- ÁGUAS, Neves (1987): *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama*, apresentação e notas de Neves Águas, Mem-Martins: Publicações Europa-Ásia.
- ALVES, Adalberto (2001): *A herança árabe em Portugal*, Lisboa: Edição do Clube do Coleccionador dos Correios.
- AZURARA (1841): *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné escrita* [...] pelo chronista Gomes Eannes de Azurara, editado por Visconde de Carreira, Pariz: J.P. Aillaud.
- BARROS, João de (1932): *Ásia de Joam de Barros*, primeira década, Coimbra: Imprensa da Universidade (Reprint Lisboa: Casa da Moeda, 1988).
- BLUTEAU, Rafael (1712): *Vocabulario Portuguez et Latino*, [...] autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a ElRey de Portugal, D. João V pelo Padre D.R. Bluteau, Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus; Lisboa: Joseph Antonio da Silva; t. 1 (A): 1712; t. 2 (B.C.): 1712; t. 3 (D.E.): 1713; t. 4 (F.G.H.I): 1713; t. 5 (K.L.M.N.): 1716; t. 6 (O.P): 1720; t. 7 (Q.R.S): 1720; t. 8 (T.U.V.X.Y.Z): 1721; suplemento ao vocabulario 1: 1727; suplemento ao vocabulario: parte segunda: 1728.
- CORRIENTE, Federico (1999): *Diccionario de arabismos y voces afines en iberorromance*, Madrid: Gredos.
- HERRERA, Maria Teresa (1996): *Diccionario español de textos médicos antiguos*, bajo la dirección de Ma. Teresa Herrera, Madrid: Arco-Libros, 2 vols.

⁸⁰ Não posso omitir os nomes dos colegas que de alguma forma me abriram as portas das suas ciências: María Concepción Vázquez de Benito, e María Teresa Herrera, da Universidade de Salamanca; Federico Corriente, da Universidade de Saragoça; Alfonso Carmona, da Universidad de Murcia, e Markus Köhbach, da Universidade de Viena. A todos o meu mais profundo agradecimento.

- LAGUNA, Andrés de (1555): *Pedacio Dioscorides Anazarbeo: Acerca de la materia medicinal, y de los venenos mortiferos, traduzido de la lengua Griega en la vulgar Castellana, & ilustrado con claras y substantiales Annotationes, y con las figuras de innumeras plantas exquisitas y raras, por el Doctor Andres de Laguna, Medico de Iulio III. Pont. Max. en Anvers, En casa de Iuan Latio. Anno M. d. LV.* (edição facsimilada, Madrid: Consejería de Agricultura, 1991)
- LERCHUNDI, Fray José (1892): Vocabulario español-arábigo del dialecto de Marruecos, estudio preliminar de Ramón Lourido Díaz (edición facsimilada, Madrid: Agencia Española de Cooperación Internacional, 1999).
- LOPES, David (1969): *Expansão da língua portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, reedição actualizada com notas e prefácio de Luís de Matos, Porto: Portucalense.
- MENSCHING, Guido (1994): *La sinonima delos nonbres delas medeçinas griegos e latynos e arauigos*, estudio y edición crítica, Madrid: Arco-Libros.
- MESSNER, Dieter (1993): «Das 'Dicionário dos dicionários portugueses'»; Messner, Dieter / Schönberger, Axel (eds.) (1993): *Studien zur portugiesischen Lexikologie*, Frankfurt am Main: TFM; DEE, 1993, págs. 113-135.
- MESSNER, Dieter (1995): «Sobre dicionários portugueses antigos: uma inventariação I»; *Lusorama* 28, págs. 45-64.
- MESSNER, Dieter (1998): «The First Portuguese Bilingual Dictionary Resorting to a Foreign Modern Languages, Chinese»; *Review of Culture Macau* 34-35, págs. 281-291.
- MESSNER, Dieter (2001): «Piquenina Bir (sobre dicionários portugueses antigos V)»; *Diana* 1-2, págs. 31-39.
- PEREIRA, Bento (1647): *Thesouro da Lingoa Portuguesa* composto pelo Padre D. Bento Pereyra, da Companhia de IESU, Portugues Borbano [...], Lisboa: na officina de Paulo Craesbaeck.
- TEENSMA, Benjamin N. (1996): «Teor, natureza e qualidade do diário tangerino de Afonso Fernandes»; *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian* 35, págs. 509-657.
- VÁZQUEZ de Benito, María de la Concepción (1987): «Nuevas aportaciones a 'Voces de origen oriental' contenidas en el 'Tesoro Lexicográfico de Samuel Gili Gaya' de A. Steiger»; *Homenaje al Prof. Darío Cabanelas Rodríguez, O.F.M., con motivo de su LXX Aniversario*, [sem indicação do(s) editor(es)], Granada: Universidad, págs. 137-145.
- ZABÍA Lasala, Maria Purificación (1999): *Diccionario de Juan Alonso y de los Ruyzes de Fontecha*, estudio e edición crítica, Madrid: Arco-Libros.

“PIQUENINA BIR”

Lors d'un colloque sur "la Lusophonie et le multiculturalisme", organisé en décembre 2000 par le professeur et historien renommé Francisco Bethencourt, directeur du Centre Culturel Calouste Gulbenkian à Paris, Paul Teyssier parlait du "Multiculturalisme dans l'Alger barbaresque d'après le témoignage de João Carvalho Mascarenhas (1627)". L'édition française qu'il a fait des mémoires de ce portugais captif des maures (Teyssier 1993) nous fait voir la "lingua franca" ou "protocréole", ce mélange de langues pratiqué en Méditerranée.

C'est la raison pour laquelle je me permets de dédier à cet éminent lusitaniste qu'est Paul Teyssier à l'occasion de ses 85 ans ces quelques lignes modestes qui continuent le thème d'un article (Messner 1995) où j'ai corrigé l'œuvre devenue "classique" de David Lopes. Bien que publiée pour la première fois en 1936 (la seconde édition remaniée est de 1969) et pour cela déjà dépassée, il y a toujours beaucoup de personnes qui la citent.

Quand j'ai commencé de réunir les informations sur les dictionnaires portugais afin de faire le *Dicionário dos dicionários portugueses* j'ai essayé de voir moi-même le plus grand nombre possible de dictionnaires portugais - langue étrangère. J'ai pu souvent ajouter au texte de Lopes 1969 des informations nouvelles et plus précises. Je le fais maintenant avec les œuvres que Lopes énumère pour la Bibliothèque Nationale de Paris. La première œuvre dont je parlerai est un texte qui peut être témoin d'un autre mélange de langues (auquel, d'ailleurs, fait allusion le titre de mon article) cette fois-ci non en cet Alger dont parlait Paul Teyssier dans sa conférence sinon aux Indes Orientales.

Il existe un manuscrit, le *Vocabulaire françois, anglois, portugais, persan, maure et bengale* contenant de 3700 à 3800 mots [...] par moi Aussant Interprète Juré du Roy Pour Les Langues de linde fait et composé à Chandernagor l'an 1782. (Cette ville a été un comptoir français entre 1686 – 1951).

Ce "manuscrit indien" de la Bibliothèque Nationale de Paris (numéro 731) contient six colonnes qui portent chacune, au folio 2r sous le titre "Du Monde en Général" les titres suivants dans cet ordre: française, anglaise, De l'inde portugaise, persan, maure, bengale.

Lopes 1969, 156 a voulu reconnaître le "português indiano" dans la graphie de quelques mots portugais. Je cite: [fr.] père - [port.] paillo; [fr.] Jésus-Christ - [port.] Jesouss Christo; [fr.] nature - [port.] natoure, etc., etc.

Aussi l'interprète français transcrivait beaucoup de mots probablement comme il les entendait dans les rues, une prononciation, qui à la fin du siècle XVIII, dans l'acroléte parlé à Lisbonne avait déjà changé: [fr.] la creation - [port.] creaçon; [fr.] pluie - [port.] tchuve; [fr.] blessure - [port.] tchaga; [fr.] la vierge Marie - [port.] virge Maria; [fr.] vieux - [port.] vaillo; etc., etc.

La transcription des mots portugais de l'Inde doit avoir été assez exacte puisque le traducteur a souvent corrigé des mots. Parmi les vocabulaires thématiques qu'il énumère, il y a un chapitre nommé les "Dignités temporelles". Le traducteur "juré du Roy" a trouvé pour Empereur, Roi des expressions adéquates dans les langues asiatiques, mais pour *Duc*, *Ducke*, *Duque*; *Marquis*, *Marquiss*, *Marquez*; *Comte*, *Earl or Count*, *Conde* il n'a pas rempli les trois colonnes asiatiques.

Il n'a pas non plus trouvé de mots correspondants à certaines boissons. Pour *Eau* il n'y a aucune lacune, mais pour quelques bières et quelques vins il n'a pas rencontré de formes correspondantes. Et là apparaît, je crois, la langue portugaise de l'Inde de la seconde moitié du XVIIIe siècle:

Français	Anglais	Portugais
petite Biere	small Beer	piquenina bir
Biere forte	Strong Beer	forte Bere
Ele Biere	ale Beer	Ell Bire

On peut trouver d'autres exemples où l'interprète français a écrit des expressions assez curieuses sous la rubrique „portugais de l'Inde“. Elles sont si divergentes de celles des autres langues européennes mentionnées qu'on peut supposer qu'elles étaient vraiment en usage dans la bouche des Indo-portugais.

Cette langue indo-portugaise de la seconde moitié du XVIII^e siècle est décrite dans beaucoup de textes, quelques uns cités en traductions chez Lopes 1969. Je cite un texte de 1785: „Mas esta língua está longe de ser o português puro, chamado na Índia o „português reíno!“. [...] O português falado não é propriamente mais do que uma gíria de 150 ou 200 vocábulos, quase sem construção [...]“ (Lopes 1969: 85).

Du même interprète est aussi un *Vocabulaire bengal, français et portugais de l'Inde* (selon la transcription de Lopes 1969: 156. Manuscrit indien 738). Mais contrairement à ce qu'écrit Lopes („A língua bengala nos caracteres próprios“) les mots portugais et français sont aussi écrits en lettres bengales. Samarth 1995 ne le mentionne pas.

Il y a aussi deux exemplaires (manuscripts indiens 221, 222) d'un *Vocabulario tamulico-lusitano* (Lopes 1969: 153) qui diffèrent seulement par le nombre de pages. Au commencement du manuscrit indien 221 il y a une petite remarque: "auctor forte R. P. Hanseleden [...]", mais entre les livres de Hanxleden, que Lopes 1969: 159 mentionne, ce texte n'apparaît pas.

Les deux manuscrits parisiens sont des copies du *Vocabulario Tamulico com significação composto* pello P. Antam de Proença. da Companhia de Iesu missionario da missam de Madvaey. Na imprensa Tamulica da Provincia do malabar [...] 1679 anos. (Cf. Balasubramanian 1991: 3102).

Plus intéressant est un *Vocabulario Lusitano - Tamulico*. Il n'est pas daté, mais Lopes 1969: 153 donne 1750 (manuscrit indien 223). Ce vocabulaire commence avec les entrées suivantes qui embrassent une colonne:

A gr.a Letra do A.B.C. [expression tamoule]

A preposição, q se ajunta com varios verbos, e nomes; ut á nos pertence [tamoul] & Suprindo os dativos . A preposição, iuxta ut á opiniaõ de m.^{tos} [tamoul]

A interjeiçaõ [tamoul]

A. falsa fe, e outro semelhantes có hu' so A em Seus Lugares. A falsa fe. A boca da noite [tamoul]

A. ás preposição, ut ás nuves, As palpadellas, &c. vid. Suis Locis.

Les entrées suivantes sont ordonnées en deux colonnes:

Aba do vestido [tamoul]

Abada animal [tamoul]

Abade vid. Infra Abbade [tamoul]

Aba fadiço Lugar [tamoul]

Aba fada c. cuberta vid. Ibi [tamoul]

Aba fam^{to}. Cubrindo [tamoul] + do que morre [tamoul]

Aba fam^{to} da calma [tamoul]

Abafam^{to} do doente co' respiração difficultosa [tamoul]

Abafar cobrindo [tamoul] Vid. Afogar [tamoul]

Abafar neutro . co' calma [tamoul] + Por não ter sahida nem Lugar [tamoul]

Abainhar [tamoul] + dobrando a baynha [tamoul]

Abaixada c. vid. Baixo

Abaixam^{to} passe. [tamoul] + Act. [tamoul] et ut infr.

Abaixar [tamoul] + fazer abaixar por outre' [tamoul] Daqui se podem colher os affectivos dos de mais dos verbos pa. Se escurare' ao diantes.

Abaixar a cabeça, ou corpo [tamoul] + os olhos [tamoul] + a cabeça [tamoul] v. Inclinar.

Abaixarse [tamoul] + o home' incurvandose [tamoul] + por velhice [tamoul] + Por reverencia [tamoul]

vid. Reverencias fazer + o preço [tamoul]

Abaixo . adverb. [tamoul] vid. Em baixo

Abalada c., [tamoul]

Abalarse [tamoul] + o corpo antes da doença

Abalijado h. [tamoul]

Abalijarse [tamoul]

etc.etc.

Quelquefois, les entrées portugaises ne sont pas accompagnées des expressions en tamoul: par exemple *bozeira*, *brindar*, *brocado*, *camarada*, *canario ave*, *chouriço*, *chupa flores ave*. etc.

C'est aussi le cas de quelques noms de parenté:

Tia irmã mais velha da May [tamoul] + mais moça da May [tamoul]

Tia irmã do Pay [tamoul] + mais moça entre as irmãs do Pay [tamoul] + mais moça que o Pay [tamoul] + a mais velha das irmãs do Pay [tamoul]

Tia irmã do Avo

Tia irmã da Avó

Le lexicographe a probablement utilisé un des dictionnaires portugais-latin existants où il supprimait les correspondances latines en pensant y insérer plus tard les expressions en tamoul. Mais beaucoup d'elles y manquent. On se demande si c'est par négligence ou parce qu'il ne pouvait pas savoir en ce moment qu'il n'encontrerait pas toujours des exemples.

Dans un article que j'ai dédié au premier dictionnaire portugais - chinois, de 1580 (Messner 1998) j'ai montré que quelqu'un a pris la deuxième édition du dictionnaire de Cardoso (Cardoso 1570) pour établir les entrées portugaises de la langue de départ. Cela s'est fait avec les mots commençant avec les initiales A, B, et C sans avoir recours au chinois: c'est pourquoi il y manque beaucoup d'expressions de la langue - cible. À partir de l'initiale D le lexicographe a retenu seulement les mots portugais auxquels il avait trouvé des mots chinois. Le *Vocabulario Lusitano-Tamulico* paraît être encore au premier stade.

Quant à la date de la rédaction du manuscrit primitif de ce dictionnaire nous ne savons rien de précis. Nous pouvons seulement dire qu'il est une copie d'une autre œuvre antérieure. Sous l'entrée *palavra deshonesto* (f. 94r) celui qui a écrit le texte dit:

Palavra deshonesto [tamoul] + quem quiser saber as palavras torpes, e será necessario, porque pella semelhança co'as boas, senão não a dizer hu'as por outras, como a m^{tos}. tem succedido (veja se em tamul A. 294, N. 723 [...] / isto no original deste vocabulario, o qual me não chegou as maos, e por isso , estes n.^{os} não tem Lugar. [...]

Cette dernière entrée *palavra deshonesto* ne se rencontre pas dans les dictionnaires portugais antérieurs à ce manuscrit, ce qui est une preuve pour moi, que le redacteur tenait des connaissances pratiques de la langue-cible. Autre fait remarquable est que dans ce *Vocabulario Lusitano - Tamulico* toute la terminologie chrétienne est enregistrée, accompagnée par les mots bengales. Cela signifie, à mon avis, que le dictionnaire est tardif.

J'ai déjà constaté (Messner 1995: 53-54) qu'il y avait aux Indes quelques dictionnaires très semblables qui procèdent d'un modèle commun, celui-ci partant probablement d'une édition du *Thesouro da Lingoa Portuguesa*, composto pelo Padre D. Bento Pereira (Lisboa: off. de Paulo Craesbaeck 1647). On comparera l'entrée citée ci-devant avec celle de Pereira 1647: f. 1r:

A Preposição q se ajunta com varios verbos, & nomes. Ut A vos pertence. Ad te attinet.

Il n'est pas aussi facile de trouver toutes les correspondances des autres entrées, par exemple de *tia*. Mais en général, l'influence est évidente: le manuscrit tient *Abalada c.* [tamoul], c'est-à-dire l'adjectif vient accompagné du substantif *cousa*, une manière usuelle d'enregistrer les adjectifs dans les premiers dictionnaires portugais. Dans ce cas-là, seul le dictionnaire cité de Pereira a cette forme: *Abalada cousa*.

Mais *abaixamento* n'apparaît pas chez Pereira, et pour *abalar* [tamoul] + *o corpo antes da doença*, la première citation est chez Moraes 1789: *abalar* [...] § *A doença o corpo* [...]. L'adjectif écrit *abalijado* [tamoul] apparaît sans le substantif *cousa*. Cette forme de l'adjectif *abalissado* non accompagné par un substantif, s'ajoute, à partir de l'édition de Pereira publiée en 1697 au syntagme nominal *abalissada cousa*, enregistré par Pereira déjà en 1647.

Pour conclure: je peux dire que ce dictionnaire portugais - tamoul est un exemple de plus de la riche production d'œuvres linguistiques que les portugais avaient commencé à faire sur le subcontinent indien et qu'il faudrait reproduire le plus vite possible afin qu'il soit accessible aux chercheurs.

Bibliographie:

BALASUBRAMANIAN, K. (1991), "Bilingual Lexicography on the Indian Subcontinent;" Hausmann, Franz Josef / Reichmann, Oskar / Wiegand, Herbert Ernst / Zgusta, Ladislav, eds., *Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires*. Berlin / New York: De Gruyter vol. III, 3096 - 3107.

CARDOSO, Jerónimo (1570), *Hieronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex Lusitanico in latinum sermonem* [...]. Coimbra: João de Barreira.

LOPES, David (1969), *Expansão da língua portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, reedição actualizada com notas e prefácio de Luís de Matos. Porto: Portucalense.

MESSNER, Dieter (1994 ss.), *Dicionário dos dicionários portugueses*. Salzburg: Universität.

MESSNER, Dieter, (1995) "Sobre dicionários portugueses antigos: uma inventariação I;" *Lusorama* 28 (Oktober 1995), 45 -64.

MESSNER, Dieter (1998), "The First Portuguese Bilingual dictionary resorting to a foreign 'Modern' Language – Chinese;" *Review of Culture*, Macau. Ser. 2. (34-35) 281- 291.

MORAES Silva, Antonio de (1789), *Diccionario da Lingua Portuguesa* pelo Padre D. Rafael Bluteau; reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

PEREIRA, Bento (1647), *Thesouro da Lingoa Portuguesa* composto pelo Padre D. Bento Pereyra [...]. Lisboa: na off. de Paulo Craesbaeck.

SAMARTH, Anil (1995), "Portuguese in Bengal, a neglected area of Indo-Portuguese history;" *Revista da Biblioteca Nacional*, 1-2 /1995, 239 - 250.

TEYSSIER, Paul (1993), *Esclave à Alger*, Récit de captivité de João Mascarenhas (1621-1626), traduit du portugais & présenté par Paul Teyssier. Paris: Chandeigne.

„Un breve diccionario lusitancio castellano“ de 1731¹

As pessoas que escrevem a história da lexicografia portuguesa (veja-se Woll 1990; Ettinger 1990; Verdelho 1994), constataam que não existem muitos dicionários bilingues português-espanhol. O primeiro, em sentido moderno, é de 1864. Mas já antes havia vocabulários: Bluteau (1721) incluiu um no seu dicionário (esta «Tabla de palabras portuguesas, remotas de la lengua castellana» foi publicada por mim em fac-símile; veja-se Messner 1995). A parte correspondente é também de Bluteau (1721): o «Diccionario castellano y portuguez para facilitar a los castellanos el uso del Vocabulario Portuguez, y Latino» foi inserido no recente *Nuevo Tesoro Lexicográfico de la Lengua Española* (NTLLE 2001).

Já antes aparece a língua portuguesa em vocabulários plurilingues: refiro-me a um guia para comerciantes e viajantes publicado muitas vezes no século XVI, e acrescentado com uma parte portuguesa em 1598 (Colloquia 1598). Num manual de bem cultivar a terra, o português figura na «Declaración del vocabulario que se sigue en seys lenguas, de los nombres de los Árboles, yervas, frutas, y otras cosas contenidas en el presente Libro de los secretos de Agricultura» (Agustín 1626), reproduzida por mim em fac-símile (Messner 1993: 105-109).

Como pude averiguar (Messner 1993: 69), esta obra de 1626 baseia-se nas explicações multilingues que contém a tradução espanhola dum livro de Medicina chamado Dioscorides (acessível agora numa recente edição fac-similada: Dioscorides 1999). Reuni e ordenei alfabeticamente todos os termos portugueses (Messner 1993: 113-135) com base na edição que se publicou em 1955 (Laguna 1970).

Todas estas edições e reproduções facilitam a interpretação de um vocabulário português-espanhol que acompanha um livro impresso em Madrid, provavelmente em 1731:

Secretos medicos, y chirurgicos del doctor Don Juan Curbo Semmedo, traducidos de la lengua vulgar portuguesa en castellana, por el Doct. D. Thomas Cortijo Herraiz, Presbytero, y Medico en esta Corte, y Villa de Madrid. Con un breve diccionario lusitanico castellano, para los que tienen las Obras de dicho Autor. Dedicalo al muy

¹ Agradeço à minha colega Eva Martha Eckkrammer, que está terminando um estudo histórico-linguístico sobre medicina na Península Ibérica, a informação sobre este livro.

R.P. Presentado Fray Estevan Herraiz, del Orden de Predicadores, Calificador del Santo Oficio y Prior del Convento de S. Jacinto de la Villa de Madridejos. En Madrid: En la Imprensa de Bernardo Peralta (Curbo 1731).

A dedicatória do tradutor («Carta dedicatoria al muy Reverendo Padre Presentado Fray Estevan Herraiz, del Orden de Predicadores, Calificador del Santo Oficio, y Prior del Convento de San Jacinto de la Villa de Madridejos. Su sobrino El Doctor Don Thomas Cortijo Herraiz le dedica, ofrece, y consagra esta obra, hija de un corto estudio») tem a data de 25 de Julho de 1731; um parecer científico reproduzido de 17 de Novembro de 1730 : «[...] Plenamente confiessa el Doctor Don Thomàs Cortijo, que en esta Obra solo ha tenido el trabajo material de haver traducido los remedios del Doctissimo Curbo: sufficientissimo motivo para que le tributen infinitos agradecimientos, especialmente los que no tienen la Obra del Doctor Curbo, y los que carecen de la intelligencia del Idioma Portuguès; [...]». E o imprimatur é de 28 Janeiro de 1731. (O catálogo da Biblioteca Nacional de Espanha, Madrid, menciona uma segunda edição de 1735).

Quem foi Juan Curbo Semmedo? A sua vida e as obras estão descritas na *Biblioteca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica* (Machado 1747: II, 643-644). Por baixo da grafia portuguesa do seu nome encontramos:

Ioaõ Curvo Semmedo Cavalleiro professo da Ordem militar de Christo, Familiar do Santo Officio, e Medico da Caza Real [...] naceo em a Villa de Monforte da Provincia Transtagana em o primeiro de Dezembro de 1635 [...]. Na Universidade de Coimbra ouvio Medicina dos mais celebres Cathedraticos [...]. Acometida na propecta idade de 84 annos menos 5 dias da ultima enfermidade [...] recebeo os Sacramentos com os quais confortado não receou a morte, que o transferio ao descanso eterno a 25 de Novembro de 1719.

O texto espanhol não é, em sentido estrito, a tradução duma obra monográfica portuguesa, mas sim uma compilação de receitas medicinais:

[...] que yo he traducido, y entresacado de sus Obras [...] («Prologo a el Lector», s. p.).

Sobre a importância e a fama do médico português Curbo / Curvo (veja-se Pina 1968), podemos ler:

Con tan favorable viento de estimacion, y aplauso se han recibido las Obras del Doctor Curbo en las Provincias de nuestra España [...]

E finalmente o tradutor informa:

Despues de las Notas pongo un breve Diccionario de los nombres que Curbo usa en sus Obras, que parece se ocultan à la comun inteligencia, por la ninguna connexion que algunas voces tienen con nuestra Lengua Castellana, ni Latina; y omito otras muchissimas por la opuesta razon.

Temos de nos perguntar de onde é que o tradutor espanhol retirava as palavras correspondentes castelhanas que os livros portugueses contém.

São 253 entradas (uma, duas vezes: *ortigas mortas*, *Mercuriales*, e *urtigas mortas*, *Mercuriales*) reunidas segundo a respectiva letra do alfabeto, mas não ordenadas alfabeticamente. A maior parte são substantivos, designações de plantas e de animais, mas há também outras como *Arratel*, *Libra*; *Beizo*, *labio*; *Doudices*, *demencias*, etc. Aparecem também quatro verbos: *Despejar*, *limpiar*; *Deitar*, *echar*; *Escarar*, *abrir*, *desentrañar*; *Fechar*, *cerrar*.

Algumas entradas portuguesas são acompanhadas não só da palavra espanhola, mas também de uma forma latina:

Cardo penteador, Cardencha. Lat. Eringium
Herba de San Joaon, Corazoncillo. Latine Hipericon.
Milfurada, Corazoncillo. Latine. Hipericon
Porquinhas de S. Antaon. Cochinillas, Lat. Mille pedes.
Tramozos de caon. Ubas de perro. Lat. Brasica marina.

Como se trata de termos bastante conhecidos, encontramos-os quase todos já em Laguna (1570).

Curbo 1731	Agustín 1626	Laguna 1570
Gafanotas, Langostas	Gafanhotas, Langostas	Gafanhotos, langostas
Gasallos, Hongos	—	—
Greso, Yeso	Gesso, Yesso	Gesso, gesso
Giesta, Retama	Giesta, Retama	Giesta, ginesta
Gergelin, Alegria	—	Gorgelin, alegria
Gilbabeira, Brusco	—	Gil barbeyra, ius barba
Guinjas, Cerezas	—	—
Gibos de nosa serra, Alelis	—	Goivos de nossa Senhora, alhellys
Golfaon, Nenufar	Golfaon, Nenuphar	Golfaon, nenuphar
Graam de Carrasco, Coscoja	—	Gram de carrasco, coscoja, el arbol
Granza, Rubia de Tintorero	—	—
Graons, Garbanzos	Gaons, Gravanço	Graons, garvanco
Guia belha, Hierba estrella	—	Guia belha, yerva estrella
Geollos, Los sessos	—	—

Há divergências na forma de escrever algumas palavras. Em Laguna (1570), à forma portuguesa *hervataom*, *funcho de porco* corresponde ao castelhano *yervatum*, e ao francês *pencedane*. Em 1731 temos em português *Herba taon*; em castelhano *peuce dano*. Outras expressões mostram uma certa flutuação terminológica:

Laguna 1570 portug. *tramoços de caom*, espan. *bavas de perro*, lat. *apocynon*, *brassica canina*
1731 *Tramozos de caon*, *Ubas de perro*, Lat. *Brasica marina*.

Este *Breve Dictionario Lusitanico Castellano* de 1731 não é uma obra muito importante para a lexicografia histórica portuguesa, mas leva-nos a saber quais eram as palavras portuguesas que o tradutor pensava serem ininteligíveis para o leitor espanhol.

Bibliografia

- Agustín, Miguel (1626): *Libro de los secretos de agricultura casa de campo pastoril*, traduzido de lengua Catalana en Castellano [...] con addicion del quintolibro [...] y un vocabulario de seys lenguas, Perpinyà: Luys Roure.
- Bluteau, Rafael (1712): *Vocabulario Portuguez et Latino*, Aulico [...] autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a ElRey de Portugal, D. João V pelo Padre D. R. Bluteau, Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesus; Lisboa: Joseph Antonio da Silva, T. 1 (A): 1712; T. 2 (B.C): 1712; T. 3 (D.E): 1713; T. 4 (F.G.H.I) 1713; T. 5 (K.L.M.N): 1716; T. 6 (O.P): 1720; T. 7 (Q.R.S): 1720; T. 8 (T.U.V.X.Y.Z) 1721; Suplemento ao vocabulario 1: 1727; Suplemento ao vocabulario: Parte segunda: 1728.
- Colloquia (1598): *Colloquia & Dictionariolum octo linguarum*; Latinae, Gallicae, Belgicae, Teutonicae, Hispanicae, Italicae, Anglicae & Portugallicae. Liber omnibus linguarum studiosis domi ac foris apprimè necessarius. Ex officina Brunonis Schinckelij. Anno 1598. Venduntur Amstrodami in aedibus Cornelij Nicolai.

- Curbo Semmedo, Juan (1731): *Secretos medicos, y chirurgicos del doctor Don Juan Curbo Semmedo*, traducidos de la lengua vulgar portuguesa en castellana, por el Doct. D. Thomas Cortijo Herraiz, Presbytero, y Medico en esta Corte, y Villa de Madrid. Con un breve diccionario lusitanico castellano, para los que tienen las Obras de dicho Autor. Dedicale al muy R. P. Presentado Fray Estevan Herraiz, del Orden de Predicadores, Callificador del Santo Oficio y Prior del Convento de S. Jacinto de la Villa de Madridejos. En Madrid: En la Imprensa de Bernardo Peralta (Facsímile: Servicio de Reproducciones de Libros; València: Librerías «Paris-Valencia», 1991).
- Dioscorides (1999): *Acerca de la materia medicinal y de los venenos mortíferos*: edición de 1566: Pedacio Dioscórides Anazarbeo / Andrés Laguna: Ed. facs. de 1566, con estudios introductorios de Pedro Laín Entralgo, [Madrid]: Fundación de Ciencias de la Salud.
- Ettinger, Stefan (1991): «Die zweisprachige Lexikographie mit Portugiesisch», in: Hausmann, Franz Josef / Reichmann, Oskar / Wiegand, Herbert Ernst / Zgusta, Ladislav (eds.) (1991): *Wörterbücher / Dictionaries / Dictionnaires*, Berlin; New York: de Gruyter, vol. III, págs. 3020-3030.
- Laguna, Andrés de (1570): *Pedacio Dioscorides Anazarbeo: Acerca de la materia medicinal*, [...] traducida de la lengua Griega en la vulgar Castellana [...] por el Doctor Andres de Laguna, Salamanca 1570, ed. C. E. Dubler, Barcelona 1955.
- Machado, Diogo Barbosa (1747): *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica* [...] ofrecida ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor. D. Fr. Jozé Maria de Fonseca, e Evora [...] por Diogo Barbosa Machado ..., Lisboa: Ignacio Rodrigues, vol. II, págs. 643-644.
- Messner, Dieter (1993): «Ein 'Dicionário dos dicionários portugueses'», in: Messner, Dieter / Schönberger, Axel (eds.) (1993): *Studien zur portugiesischen Lexikologie: Akten des 2. gemeinsamen Kolloquiums der deutschsprachigen Lusitanistik und Katalanistik (Berlin, 10.-12. September 1992); lusitanistischer Teil, Band 3*, Frankfurt am Main: TFM; Domus Editoria Europaea (Beihefte zu Lusorama: 1. Reihe; Bd. 6), págs. 61-174.
- Messner, Dieter (ed.) (1995): *Dicionário dos dicionários portugueses*, vol. V, AGA-AJU, Salzburg: Institut für Romanistik, págs. XIII- XXII.
- NTLLE (2001): Real Academia Española: *Nuevo Tesoro Lexicográfico de la Lengua Española*, Madrid: Espasa (Edición en DVDrom).
- Pina, Luis de (1968): *O Dr. Curvo Semedo: pioneiro da indústria farmacêutica*, Lisboa: Sociedade Progresso Industrial.

- Verdelho, Telmo (1994): Portugiesisch, Lexikographie, in: Holtus, Günter / Metzeltin, Michael / Schmitt, Christian (eds.) (1994): *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol. VI/2: *Galegisch, Portugiesisch*, Tübingen: Niemeyer, págs. 673-692.
- Woll, Dieter (1990): «Portugiesische Lexikographie», in: Hausmann, Franz Josef / Reichmann, Oskar / Wiegand, Herbert Ernst / Zgusta, Ladislav (eds.) (1990): *Wörterbücher / Dictionaries / Dictionnaires*, Berlin; New York: de Gruyter, vol II, págs. 1723-1735.

Sobre dicionários portugueses antigos: uma inventariação

Quem estiver interessado nos dicionários portugueses, pode consultar vários artigos recentemente aparecidos. Na enciclopédia *Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires: An International Encyclopedia of Lexicography* (hrsg. von Franz Josef Hausmann / Oskar Reichmann / Herbert Ernst Wiegand / Ladislav Zgusta, Berlin; New York: de Gruyter) encontram-se dois autores que estudaram a lexicografia portuguesa [Dieter Woll: «Portugiesische Lexikographie» (1990: II, 1723-1735), Stefan Ettinger: «Zweisprachige Lexikographie mit Portugiesisch» (1991: III, 3020-3030)]. Também no *Lexikon der Romanistischen Linguistik* (hrsg. von Günter Holtus / Michael Metzeltin / Christian Schmitt, Tübingen: Niemeyer, 1994: VI/2, 673-692) pode-se consultar um artigo dedicado a este tema (Telmo Verdelho: «Portugiesisch: Lexikographie»). As informações destes autores completam o que está escrito no livro (o qual se apresenta bastante desordenado) de A. Almeida (*Dicionários, parentes & aderentes*, Paraíba; São Paulo: João Pessoa; Nova Stela Ed., 1988).

Mas, ao fim de contas, as informações contidas nestes estudos são demasiado breves para conhecer realmente a estrutura dos dicionários: analisei, por isso, nos prefácios dos volumes publicados do *Dicionário dos dicionários portugueses* — Messner 1994 — algumas obras lexicográficas.

Quando comecei a reunir as informações básicas para este projecto (uma apresentação em Messner 1993), decidi incluir só três tipos de dicionários: 1º monolíngues, 2º bilíngues ou trilingues com o português como primeira língua, e 3º dicionários políglotas antigos. Os dicionários, que não estão ordenados segundo o lexema português, quer dizer do tipo: língua estrangeira/português, foram excluídos. Já tinha explicado, com exemplos tirados do *Dictionarium Latino-Lusitanicum ac Japonicum* ..., de 1595 (veja-se fig. 1), no primeiro volume do *Dicionário dos dicionários portugueses* (Messner 1994: I, VI) que estes dicionários com entradas estrangeiras registam muitas vezes vários sinónimos portugueses do lexema («Bonzô ... Religioso commum, & sem dignidade»), ou descrevem o significado estrangeiro com sintagmas inteiros («Acabucai fito. Homem que tem ordinariamente çujidade no corpo ainda que se lave muitas vezes, l. muita caspa na cabeça ainda que se pen-tee.»). Copiá-los e ordená-los alfabeticamente teria sido muito dispendioso. Isto pode ver-se também na reprodução de uma página do *Vocabulario da Lingoa de Japam com a declaração em Português* Nangasaqui: No Collegio de Japam da Companhia de Jesus, Anno M.D.CIII (veja-se fig. 2).

Não obstante, analisámos todas as palavras portuguesas deste vocabulário: já agora podemos adiantar que são poucas as novas datações. Exemplos:

oesnoroeste 9v; *nabiça* 16r (Cunha 1982: «1813, do cast.» — mas em Cast. só aparece em 1725); *gargantear* 17r (Cunha XVII); *depositado* 18v (Cunha XVII); *urinar* 20v (Cunha 1874); *bambu* 22v (Cunha XVII), *figueira de Japão* 39r (cfr. Dalgado 1919: II 494), *superintendencia* 44r (Cunha XVII), *chayal* 46v: «Chayen. Chano sono. Chayal lugar onde esta plantado o cha, *bambual* 47v (Cunha XVII), *cavalete* 56v (Cunha XVII), gota coral 68r (Cunha XVII), *condiscipulo* 73r (Cunha XVII), *batelinho* 83r, *mauça* 84v, *serpe* (de espingarda) 88v, *descosadura* 99r, *viscoso* 103r (Cunha 1849), *caducar* 102v (Cunha XVII), a frutta de *sobremesa* 105r (Cunha 1813), *regra das mulheres* 124v, *presa*, dente de porco montes 132r, *terçor* 138v (Cunha terçol 1813), por *fas*, & por *nefas* 140r, *paragrapho* 140v (Cunha XVII), homem grave, modesto & *politico* 142v, *policia*, modestia, gravidade 142 v., o cortar, ou *sincopar* alguma palavra no principio 145r (Cunha 1874), estar *inficionado*, & atolado na maldade 147v (Cunha 1813), *leproso* 166r (Cunha XVII), ter *polução*, ou derramar a semente 166v, *mover* a mulher antes do tempo 174r, *recopilar* 187v (Cunha 1873), *molher publica* 190v, *confiscação* 194r (Cunha XVII), *metaphorico* 202r (Cunha XVII), *meloal* 203r, *partes secretas* 206r, *recopilação* 209r, *computar* 217v (Cunha XVII), minuta, ou *borrão* dalgua carta 223r, *pontalete* 231v (Cunha XVII), *empeyorar*, ou danificar 232 v, *negativo* 257v (Cunha 1813), *insensitivo* 272v, *perversidade* 277v (Cunha XVIII), *embarcação pescareza* 298r, *melancolizado* 304r, *estillação* 306v, *angurria* 309 v, *cagalume* 317v, *polverizar* Suppl. (Cunha 1813), *consonancia* Suppl. (Cunha 1813), etc.

O *Vocabulario* ... de 1603 não é uma versão refeita sobre a base do *Dictionarium* ... de 1595. Da entrada em 1595: «Herbaceus, a, um. Lus. Cousa feita de erva. Jap. Cusanite tçucuritaru mono», não encontramos, em 1603, a entrada *Cusanite*.

Em 1595 está escrito: «Hiatus, us. Lus. Abertura da boca. Jap. Cuchiuro aqetaru cocouo yu....». Mas em 1603, debaixo de *Cuchi*. *Boca*, não aparece o sintagma japonês com o sentido de 'abertura de boca'.

Alguns japonismos como *bonzo* (algumas vezes acompanhado de «..., ou rapado» 99v, — com o diminutivo «bonzinho, ou Menino raspado», 52v), *bazar*, *quimão-quimões* (42r), *catana* (65v — sic! = 95v), aparecem tipograficamente como se fossem palavras portuguesas, outros não. Exemplo: *biombo*: «... cahio do cavalo de pernas arriba a maneira de *Biôbus* que caem ...» (23r). A palavra japonesa *Mai*, traducida por *Bailo*, emprega-se como se ela fosse palavra portuguesa: «bailar, ou cantar os Mais» 149v (a palavra falta em Knowlton 1959).

A palavra portuguesa *chávena* é, segundo Cunha 1982, de origem malaia. No *Vocabulario* ... de 1603 já aparece como entrada japonesa: «Chauan. Porsolana, ou escudela de barro» (46v).

Abaixo de *Fara* encontramos (80v): «Faraúo quiru. Cortar a barriga, ou matarse.» A palavra japonesa *haraquiri* aparece, nas línguas europeias, só no século XIX. Também no século XIX é documentado *saqué*: no *Vocabulario ...* encontramos: «saqe. vinho» (219r). Outro exemplo é *bonsai* (25r): «Bonsan. Hua pedra, ou pao que os Japoês concertão a maneira de ilheozinho com musgos verdes & algua arvorezinha alli plantada».

Tanto para *gueixa* (Cunha XIX): «gueixa. Homem que sabe artes ou tem habilidades» (116r), como para *teno* («Tenno fico. Anjo, ou pessoa celestial,» 255r) encontramos os significados primitivos, e não aqueles, que têm os empréstimos modernos nas línguas europeias. .

Muitas explicações em 1603 são o reflexo de fenómenos típicos da vida cotidiana do Japão:

«Xitagai ... Vuagai. He a parte do vestido que fica de cima que em Japão he a esquerda.» (307r).

«Catafaxi. Hum paozinho dos dous com que comem os Japoês» (42r).

«Cusocaqi. Pao com que afastão o esterco humano das latrinas de Japão» (67v).

Também o *Vocabulario ... de 1603* reproduz algumas palavras da «língua de mulheres»:

«Acauo mana. Peixe Sarmão. Palavra de molheres» (Suplemento).

«Amo. Bollos de farinha de arroz. Palavra de molheres» (Suplemento).

«Chichigo. Pay, palavra de molheres» (47r), etc.

Outro aspecto interessante é a aparição de interferências portuguesas no japonês: «Apostolo tachiva...» (55v, cfr. Tai Whan Kim 1976: 133-140).

Além disso, muitas obras do tipo mencionado só reproduzem o que já foi escrito em dicionários anteriores. Só o dicionário latino-lusitânico, de Jerônimo Cardoso, do ano de 1563, seria interessante: a data da publicação permitiria encontrar novas informações referentes às primeiras datas.

Antes de publicar o primeiro volume do *Dicionário dos dicionários portugueses* analisei algumas obras que, achei, mostrar-se-iam úteis para a minha investigação: vou apresentar neste estudo algumas dessas obras, dado o facto de, tratando-se de manuscritos, não estarem à disposição de qualquer pessoa interessada: o acesso, muitas vezes, é difícil. (Aconselho a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses a fazer microfilmes e reproduções destas obras raríssimas, que não se irão conservar ainda durante muitos anos. São testemunhas importantes do passado de Portugal.)

A par dos artigos já acima citados, existem outras obras, que contêm referências bibliográficas sobre dicionários. Lopes 1969 é uma obra valiosa para todo tipo de informação sobre dicionários portugueses, em que apareçam também as línguas asiáticas (com os suplementos de Luís de Matos, para esta

segunda edição; a primeira é de 1936). Também Jin Guo Ping 1991 oferece informações, por exemplo, quando escreve num inventário de dicionários chinês-português (pág. 129):

«Dicionário Português-Chinês.

Da autoria dos padres Ruggieri [sic] e Ricci. Existe pelo menos um manuscrito em Roma. Supõe-se que a sua redacção se situa entre 1584 e 1588 ...».

Já em Lopes 1969: 160 está escrito:

«Dicionário português-chinês por P.es Ruggieri e Ricci (Existe pelo menos um manuscrito em Roma; redigido entre 1584-1588).»

Creamer 1991: 3112 não difere muito de Lopes, se bem que cite a obra em italiano:

«Dizionario 1588? — Matteo Ricci / Michele Ruggieri: Dizionario portoghese-chinese [sic] n. p. 1588? (Manuscript in the Archives of the Society of Jesus Rome)».

Na bibliografia mais volumosa sobre a China (Cordier 1905-1906: II, 1091) o dicionário de Ricci só se menciona numa citação contida em Kircher, do ano de 1667, e onde não aparece a palavra «português»:

«Dictionarium sinicum, pro usu nostrorum, cujus exemplar apud me est, quod & libenter luci publicae darem si sumptus in eo faciendi suppeterent» (Kircher 1667: 118).»

A fonte dos autores citados é a seguinte:

«A dir vero un 'bello vocabulario' era già stato fatto dal Ruggieri e dal Ricci fin dai primi anni del loro soggiorno ... probabilmente negli anni 1584-1588. Già il 18 ottobre 1598 il Longobardo diceva che il Ricci aveva fatto 'buona parte del calepino europeo-sinico' ... Questo cimelio della sinologia, che rappresenta il primo dizionario europeo-cinese del mondo e a cui possiamo dare il titolo di Dizionario portoghese-cinese, esiste ancora manoscritto in ARSI, Jap. Sin. I, 198, dove è stato da me ritrovato e identificato nel 1934.» (D'Elia 1949: 32).

Reproduzimos uma página (veja-se fig. 3; é pela primeira vez, achamos, que isso acontece), na qual se pode ver como foi redigido o primeiro dicionário português / língua moderna (chinês), que é também o segundo dicionário bilingue português (depois de Cardoso 1563). Cardoso deve ter sido o modelo (mas os termos religiosos foram eliminados: abade, etc.).

Cardoso 1563

Aba de vestidura ...

Abada ...

Abade ...

Abadessa ...

Abadinho ...

Ricci 1584

Aba de vestidura ...

(está no «apendis»)

Abadia ...	Abafar ...
Abafar ...	Abafar, s. cobrir ...
Abafar, s. cobrir ...	Abafamento ...
Abafamento ...	Abainhar vestidura ...
Abainhar vestidura ...	Abayxar ...
Abayxar ...	Abayxar a cabeça ...
Abayxar a cabeça ...	Abayxar a cabeça consentindo ...
...	...

Por isso, este texto não pode ter sido a base do *Dictionnaire chinois & françois* (veja-se fig. 4), que se encontra na tradução francesa da obra latina de Kircher (*La Chine d'Athanas Kircher de la Compagnie de Jesus Illustrée de plusieurs Monuments Tant sacrés que Profanes Avec un Dictionnaire Français & Chinois, lequel est tres-rare & qui n'a pas encores paru au jour. Traduit par F. S. Dalquié, A Amsterdam: J. Jansson à Waesberge, & les heritiers d'E. Weyerstraet, 1670*). Naquele, na página 314, como já na edição latina (veja-se fig. 5), o autor menciona os problemas de transliterar para línguas europeias os caracteres chineses por causa da entoação.

As explicações precedentes são, na minha opinião, suficientes para mostrar que muitas indicações bibliográficas não permitem conhecer realmente as obras que descrevem. Melhor seria poder consultar os originais, ou pelo menos, as reproduções (comecei a reproduzir alguns vocabulários antigos em Messner 1993).

Em Lopes 1969: 160, e também em Jin Guo Ping 1991: 130 está mencionado o manuscrito de um *Dicionário Chinês-Latim-Português* que se conserva em Estocolmo. Lopes encontrou a referência em Cordier 1906-1907: III, 1635, mas este menciona dois dicionários, e não um só (infelizmente sem escrever a cota).

«Dictionnaire Chinois-Portugais (et Latin) ... In-Fo. p. 880; 7.000 caractères — relié en cuir. ff. à l'européenne. — Main chinoise fort belle.»

«Dictionnaire Chinois- Latin (Portugais) ... Gr. in-4, relié en cuir.»

Não podemos adivinhar qual dos manuscritos de Estocolmo é aquele que é mencionado em Lopes e Jin Guo Ping. As páginas do microfilme que me mandaram (cota Kin. ms 2, Kungliga Biblioteket) estão divididas em oito linhas horizontais; cada uma começa com o carácter chinês, uma transliteração, seguida de palavras portuguesas (e muito mais raramente, de traduções latinas). Deve então tratar-se do primeiro dicionário mencionado por Cordier: o que significa que a cita de Lopes e Jin Guo Ping é falsa. Por isso, reproduzo as informações, que me enviou a Dra Eva Andersson: «Kin. ms 2 is a dictionary in Chinese-Portuguese and some Latin, containing 427 fol.» (Na

mesma biblioteca existe outro dicionário com a cota Kin. ms 9: «Kinesikt lexikon med portugisisk översättning. 1 vol 4.o»).

É um manuscrito sem paginação; algumas páginas estão em branco (na minha contagem por exemplo as páginas 37 e 38).

O manuscrito (veja-se fig. 6) não tem data; por isso temos de procurar os anos da sua produção na grafia (chinesa e portuguesa). O Professor Jean Caudmont analisou algumas páginas, e escreveu-me: «As letras chinesas foram escritas por um chinês, a transcrição e a tradução provêm de um português, ou ao menos de um europeu meridional. A transcrição mostra uma mistura de pronúncias (linguagem oficial do Norte, do Sul e Cantonês). A ordenação baseia-se na pronúncia. Pode ser que se trate de um glossário para alunos».

Isto pode ser confirmado pelo facto de alguns caracteres chineses se repetirem: um carácter aparece duas vezes na pág. 50, outra vez, na pág. 52, cada um acompanhado de uma transcrição diferente, embora a tradução portuguesa se mantenha sem alteração: «*** *Apanhar por força. apanhar. aporfiar. rezistir. correr de pressa. perturbar. ficar*». É então, poder-se-á concluir, a transcrição fonética (muito parecida com a que é feita no livro de Kircher), que rege a ordem dos signos.

Na transcrição portuguesa, o *ç* é /ts/, o *ch* é /tsch/, como acontece também nos outros dicionários da época (e não se trata de transcrição fonética portuguesa: em 1600 quando os Jesuitas entraram em contacto com a pronúncia setentrional, o *ç* já não era africada, e o *ch* era já a sibilante moderna).

Algumas palavras portuguesas mostram grafias antiquadas, ou erros (cfr. pág. 1.3):

«dar tratos. emporrar. puxar. afastar. apertar. fazer hum mal ao outro. instrumento. para dar tromentos.»

Ainda não se encontram grafias etimológicas neste dicionário como, por exemplo, em: *acrecentar, erva*. O *til* utilizava-se de maneira regular (como era normal no século XVII) na segunda parte do ditongo nasal final: «*chaõ* pág. 2. 6; *entaõ* pág. 5. 5». Mas os exemplos são raros, porque prevalece ainda a grafia *-am*: *admiraçam* pág. 4., *caixam* pág. 28. (Plural *-oens*: *murmuraçoens* pág. 2. 2).

O *-s-* intervocálico está escrito como *-z-*: «*rezistir, muzica, couza*».

Nem sempre a tradução portuguesa vem a seguir ao carácter chinês, por vezes, segue-se também a latina: «*** *Aspicere, sibi soli vacare. solitudinis amans*. (pág. 42, 6).

Raras vezes encontramos traduções francesas: «*** *Communiter utuntur hac voce cum negatione, v. g. *** ne cures illum, ne le prevenéz pas. .*» (pág. 6. 6).

«*** *brevemente, pa hum piqueno tempo, en attendant*» (pág. 12, 8).

Se compararmos as traduções portuguesas dos caracteres chineses, por exemplo, » *** acrescentar. dar de sobejo. augere. superaddere. multiplicare» (pág. 29. 2), com os dicionários de Cardoso 1563, Barbosa 1611 e Pereira 1647, não descobrimos concordâncias: estes não registam «*Superaddere, multiplicare*».

Podemos dizer, finalmente, que este dicionário chinês-português (-latim-francês) pode ter sido escrito no século XVII (ou mais tarde): ele não contribui para novas datações do léxico português.

Existe outro dicionário chinês na British Library (Cota ADD 19258). Lopes 1969: 160 menciona-o referindo-se ao Conde de Tovar, *Catálogo dos manuscritos portugueses ou relativos a Portugal existentes no Museu Britânico, Lisboa 1932*. É caracterizado assim: «Nº 19258. Dicionário fonético chinês, com equivalentes em português, latim e francês. In.- f.o do século XVIII».

Trata-se de um dicionário bastante volumoso, que contém muitas centenas de páginas. Os caracteres chineses são impressos de forma xilográfica. Na margem superior encontram-se transliterações em letras latinas. Cada página está dividida em colunas, que, por sua vez, estão divididas ao meio. Em cima está o carácter chinês, seguido em baixo pelas traduções em português, latim (menos frequente) e francês (raro).

O esquema é o mesmo como no manuscrito de Estocolmo, com a diferença de que as colunas são verticais. Como não consegui obter fotocópias, reproduzo aqui dois exemplos:

apressado
logo
quam
celerrime
absque nulla
mora

tomar

Se é verdade que o manuscrito provém só do século XVIII, o dispêndio de registar todas as palavras (muitas vezes apenas vagamente legíveis) não é proporcional aos resultados esperados. Examinei ao acaso algumas páginas, e não encontrei nada de novo em relação à etimologia e cronologia das palavras portuguesas.

Jin Guo Ping 1991: 129 afirma ter feito «... um inventário anotado dos léxicos aparecidos ao longo dos 4 séculos...», mas não investigou em Cordier 1904 ss. (tal como acima vimos, falando dos dois manuscritos de Estocolmo). É que Cordier 1923, Supplément 3908-3910, enumera outros dicionários portugueses manuscritos, que estão na Biblioteca Vaticana:

«A la Bibl. Vaticane, Borgia Cinese 420 se trouve un 'Vocabulario / da lingoa Mandarina ordenado por el RR Pe Fr. Franco / Varo da orden Des Pregadores.' Au début, un 'Ao leitor' signé 'feite nella igreja de N. Pe Sto Domingo da Cidade *** o 20 de Mayo do anno 1670'.»

«Wat. Borgia Cinese 424 Dictionorium [sic] Sinico-Latinum ordine Lusitano-alphabetico ... digestum.... 845 pages chiffrées ... les explications sont en latin, en portugais, en espagnol, en français ...».

«Wat. Borgia Cinese 473. Dictionnaire chinois portugais par clefs ...».

«Wat. Mss. estr. Or. 6. Dictionnaire sino-portugais par ordre alphabétique... anno do senhor 1695.».

(Para completar, menciono um dicionário, que Jin Guo Ping 1991: 129 descobriu: «Dicionário Português-Chinês. Descobrimo-lo na Biblioteca Nacional de Beijing sob a referência V.PL. 1459 P605». Depois de redigir este artigo, recebi as fotocópias do artigo «Os dicionários luso-sínicos, relance histórico-bibliográfico», de João de Deus Ramos, em: *Revista de Cultura de Macau* 16 [1988], págs. 42-47. Este diplomata escreve: «[...] encontraram em Roma, em 1933, um dicionário chinês-português manuscrito, sem data, nome de autor ou prefácio. [...] deve ser de 1660 ou 1661. [...] contém, no fim, uma lista [...] de 77 missionários [...] O dicionário e a lista foram adquiridos, nos anos trinta, pela Biblioteca Nacional de Pequim.» Trata-se, então, do dicionário «descoberto» por Jin Guo Ping 1991: 129.)

Em Lopes 1969, 140-160 encontramos muitos outros dicionários, sobretudo de línguas do subcontinente indiano. Utiliza muito espaço para explicar o seguinte livro. Contudo, a minha forma de escrever o título, que reproduz segundo o livro original difere da de Lopes:

«Vocabulario em Idioma Bengalla e Portuguez. Dividido em duas partes dedicado ao Excellent. e Rever. Senhor. D. F. Miguel de Tavora Arcebispo de Evora do Concelho de Sua Magestade. Foy deligencia do Padre Fr. Manoel da Assumpçam Religioso Eremita de Santo Agostinho da Congregação da India Oriental. Lisboa: Na Offic. de Francisco da Sylva. Livreiro da Academia Real, e do Senado. Anno M. DCC. X. LIII:»

O livro tem 600 páginas; a partir da página 307 começa o «Vocabulario Portuguez e Bengalla. Parte II»:

A

Abada. Gondda.

Abafar-se. Appone dhaqhité, Glurité.

Abafar, i. cobrir. Dhaqhité, Glurité.

Abafar. i. perder de animo. Phanphor hoite.

Abafado, i. cuberto. Dhaca. Ghora.

Abafado, i. enfadado. Phanpha, Bezar.

Abafamento. Bezari

Abainhar. Murti corité; v. Turpon.
 Abaixar, Lamaité, Hin corité.
 Abaixar os olhos. Chouc lamaité, Hentt corité.
 Abaixar a cabeça. Matha hentt corité.
 Abaixar o prezo. Bozha lamaité.
 Abaixo, i. de baixo. Tole, lamate.
 Abalado. Lora
 Abalar a outrem Ar zoneré larité.
 Abalar-se. Apone lorité.
 Abanar, i. fazer vento. Batax corité.
 Abanar as moscas. Massi uraité, v. Qhedaité.
 Abano.. Panca.
 Abater alguém. Lamaité; Niça corité.
 Abatimento. Lamau.
 Abelha. Mon massi.

Com a ajuda do *Dicionário dos dicionários portugueses* (Messner 1994) podemos comparar as entradas do manuscrito com os antigos dicionários portugueses. Tal como naqueles, a ordem alfabética, no dicionário bengala, nem sempre é observada: *abafado* vem a seguir a *abafar*; mas *abalado* precede *abalar*. Os modelos só podem ser Bluteau 1712, Pereira 1647 (com edições posteriores), Barbosa 1611 ou Cardoso 1563.

Estranhámos não encontrar em nenhum destes dicionários as entradas *abafado*, i. *cuberto*; *abafado* i. *enfadado*. *Abafado* aparece pela primeira vez como lexema próprio em Bluteau 1712, antes era *abafada cousa*, como 'cuberto' já está descrito em Barbosa 1611. A segunda significação só se encontra em Bluteau 1712. Observa-se o mesmo em relação a *abafar* i. *cobrir*, e *abafar* i. *perder de animo*, o último, não se encontra literalmente antes de Moraes 1789. As duas entradas de *abaixar* figuram em Bluteau 1712.

As duas entradas de *abanar* estão quase literalmente em Barbosa 1611 como em Bluteau 1712.

O autor deste dicionário, diria, trabalhou de maneira autónoma e não imitou nenhum dicionário anterior. Alguns exemplos, porém, mostram que conhecia Pereira 1647 (escreve *abelidade* por *habilidade*; *abominavel cousa* etc.).

O editor da segunda edição de Lopes 1969, Luís de Matos, menciona numa anotação na pág. 158: « ... na Biblioteca Nacional de Lisboa há dois vocabulários da língua canarim ... » (É uma língua falada a leste de Goa). Também existe um manuscrito com 108 páginas em Londres, na School of Oriental and African Studies (Cota 11125 /Marsden/):

«Vocabulario da Lingoa Canerim do Norte, Concertado, & acrescentado em 1664.»

Reproduzimos aqui só as palavras portuguesas da primeira e segunda páginas:

A ante B
 Aba de vestidura ...
 Abafar a outrê cõ calma...
 Abafarse cõ calma ...
 Abafamento ...
 Abainhar ...
 Abaixar ...
 Abaixar a cabeça ..
 Abaixarse cõ ...
 Abaixar a outrê desta manra ...
 Abanar ...
 Abanar cõ abano de rabo ...
 Abano ...
 Abarolecer ...
 Abarcar ...
 Abarcamento, desta manra...
 Abastar ...
 Abastecer ...
 Abastecerse ...
 Abelha...
 Abençoar ...
 Aberta cousa, ou manifesta ..
 Aberta cousa ...
 Abelidade ..
 Abil cousa ...
 Abobareira ...
 Abobara ...
 Abocanhar ...
 A bom tempo ...
 Abonado em fazenda ...
 Abonança de fazendar ...
 Aborrecer fazer ...
 Aborrecer ...
 Abondar em riqueza ...
 Abondanças de riquezas ...
 Abotoar ...
 Abraçar ...
 Abraço ...
 Abrandar se fazer se mole ...
 Abrandarse a alguê na condição ...

Por causa do ano indicado no título, a base deste dicionário só pode ser Pereira 1647, ou um dos seus predecessores. De facto, Pereira 1647 é o último lexicógrafo que apresenta os adjectivos em combinação com o substantivo *cousa*: no nosso léxico canarim encontramos *aberta cousa*, *abil cousa*. Na explicação de *abrandar-se: fazer se mole*, podemos descobrir Pereira 1647: *abrandarse ... mollesco ...* Mas o mesmo autor não regista: *abafar a outrem com calma*, *abafarse com calma*.

Na School of Oriental and African Studies, em Londres, existe também um *Portuguese-Hindustani Vocabulary* (Cota MS 11953). Não tem data, e o estado de conservação é muito mau. Numa das páginas melhor conservadas podemos ler:

Açima ...
 Açidente de Febre ...
 Accidente ser ...
 Acipreste ...
 Acola ...
 Acolchoar ...
 Acolher i. agasalhar ...
 Acolherse, i. fugir ...
 Acolher i. fugir fazer ...
 Acolher i. ser enfadado ...
 Acolher p. a alguém ...
 Acometer alguém ...
 Acometer i. sollicitar alguê ...

Em Pereira 1647 não encontramos exemplos correspondentes. As palavras são da linguagem cotidiana e não permitem novas informações cronológicas.

Outro manuscrito, conservado na mesma instituição (cota MS 12198 /Marsden/), é descrito por Lopes 1969, 157 assim:

«Rudimenta linguae Persicae. A Grammar of the Persian language in Latin; with a Vocabulary, Latin, Portuguese and Persian».

O catálogo de Londres é mais explícito:

«Rudimenta linguae Persicae / A Persian grammar. in Latin. Followed on ff. 16-109 by a Latin-Portuguese-Persian Vocabulary, arranged in order of Latin words. The Persian words are in both Persian and Roman script. ff. 110-121 contain a number of similar vocabularies on special subjects. The name of the author has apparently been cut out of f. 14. By Hieronymus Xaver? (c. 1700?)/»

A gramática deste livro é bastante breve porque já a partir da página 16 começa o vocabulário (reproduz só as palavras latinas e portuguesas):

Amitto	Perder ...
Amnis	Rio ...
Amo	Amar ...
A modò	daqui por diante ...
Amor	Amor ...
Amoneo	Apartar ...
Amplector	Abraçar ...
Amplus	Largo ...
Amplitudo	Largura ...
Amplius	mais ...

Ampulla Redoma ...
 Anacoreta Eremitaõ ...
 Anchora Ancora ...

Quase todos os termos latinos e portugueses se encontram também no dicionário latim-português de Pereira 1634 (*Prosodia in Vocabularium Bilingue, Latinum, et Lusitanum digesta* ...). Mas o autor deste dicionário pérsico não copiou todas as entradas de Pereira: faltam, por exemplo, os topónimos da Antiguidade. Entre *Amita* e *Amitto*, em Pereira 1647, estão ainda mais doze lexemas. Raras vezes falta a concordância entre os dois dicionários: *Anacoreta* em Pereira é definido por *Monje Solitario*, no dicionário pérsico por *eremitão*. Pelo contrário, a *A modò daqui por diante*, corresponde exactamente em Pereira 1647: *Amodò adverb. daqui por diante* 2. b. *Apul*.

Este vocabulário também não fornece novidades para a cronologia do léxico português.

Ao terminar a nossa apresentação de dicionários portugueses antigos, referimo-nos a Lopes 1969: 149 onde figura um manuscrito conservado na British Library (Cota ADD 26110):

«Vulgaris Tamulicae Linguae Dictionarium Tamulicolatinum. Additis in Praefatione aliquot Regulis necessario praelegendis. Auctore P. Constantino Joseph Beschio. Soc. Jesu Missionario. A.D. M. DCC. XLIV.¶

Também esta obra foi composta bastante tarde, por isso não encontramos nela informações sobre a datação de palavras portuguesas. Eis aqui uma lista das palavras da página 234:

Abada, animal ...
 Abafamento, i. Aestus ...
 Abafar. neutr. i. aesturare ...
 Abainhar. i. plicare, et suere fimbriam ...
 Abayxar, i. deprimere ... a cabeça, o corpo, i. inclinare ...
 Abayxarse, i. deprimi, inclinari ... ad reverentiam. ...
 Abayxo. adv. i. Infra ...
 Abalar . i. movere, succutere ...
 Abalar, i. digredi . V. Irse...
 Abalo, i. motus i. Tremor ...
 Abalo . i. Impulsus ...
 Abanar . i. Flabello ventus excitare ...
 Abano i. Tale flabellum ...
 Abano de enxutar moscas, i. muscarium ... tantum pro Principibus. ...
 Abarcar. i. Complecti, suum facere. ...
 Abater i. deprimere ...
 Abaterse. i. dimitti ...
 Abatimento. i. dimissio
 A.B.C. ordo litterarum quia incipit ab A ...

Abelha, i. Apis. ... huius filij ...
 Abelhaô, i. fucus ...

Abada, animal também está em Pereira 1647, mas *abafamento* não é acompanhado de *aestus*. Eventualmente podemos explicar *Abainhar* i. *plicare*, et *suere fimbriam*, com Pereira 1647 (tem: *plicare fimbriam*) e com Bluteau 1712 (tem: ... *oram subsuere*, ou *marginem consuere*), mas as duas entradas de *abaixar* (1. *abayxar*, i. *deprimere*...; 2. *abayxarse*, i. *deprimi*, *inclinari*...) não se encontram em Pereira 1647; talvez o texto de Bluteau 1712 tenha fornecido as palavras.

Recapitulando o que dissemos dos textos acima referidos (quase sempre manuscritos) podemos constatar certa influência de Pereira 1647, e também, mas em menor grau, de Bluteau 1712. A maior parte dos autores (muitos deles desconhecidos) não imitaram cegamente os dicionários existentes, mas, pelo contrário, adaptaram-nos a situações específicas das línguas asiáticas.

Bibliografia

- Barbosa, Agostinho: *Dictionarium Lusitanico-latinum iuxta seriem alphabetica optimis, probatisque doctissimorum Auctorum testimonijs perutili quadam expositione locupletam, cum ...*, per Augustinum Barbosam Lusitanum, Bracharae: Typis et Expensis Fructuosi Laurentii de Basto, 1611.
- Bluteau, Rafael: *Vocabulario Portuguez et Latino*, ... pelo Padre D. R. Bluteau, Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1713.
- Cardoso, Jerônimo: *Hieronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex Lusitanico in Latinum sermonem ...*, Coimbra: João de Barreira, 1563.
- Cordier, Henri: *Bibliotheca Sinica, Dictionnaire bibliographique des ouvrages relatifs à l'Empire chinois*, Paris: Librairie Orientale & Américaine, 1904-1923 (Reprint Hildesheim; New York: Georg Olms Verlag, 1971).
- Creamer, Thomas B. I.: «Bilingual Lexicography with Chinese», in: Hausmann, Franz Josef / Reichmann, Oskar / Wiegand, Herbert Ernst / Zgusta, Ladislav (eds.): *Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires*, vol. 3, Berlin; New York: de Gruyter, 1991, págs. 3107-3113.
- Cunha, Antônio Geraldo: *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo: *Glossário Luso-Asiático*, Coimbra: Universidade, 1919.
- D'Elia, Pasquale: *Fonti Ricciani*, vol. 2, Roma: Societas Jesu, 1949.
- Jin Guo Ping: «Alguns Dados sobre Léxico Chinês», in: *RILP* 5-6 (1991), págs. 125-135.

- Kircher, Athanasius: *A. Kircheri e Soc. Jesus China Monumentis quâ sacris quâ profanis ... Illustrata*, Amstelodami: Apud Joannem Janssonium à Waesberge & Elizeum Weyerstraet, 1667.
- Knowlton Jr., Edgar Colby: «Words of Chinese, Japanese and Korean Origin in the Romance Languages», Diss. Stanford 1959.
- Lopes, David: *Expansão da língua portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, reedição actualizada e prefácio de Luís de Matos, Porto: Portucalense Editora, 1969.
- Messner, Dieter (1993): «Ein Dicionário dos dicionários portugueses», in: Messner, Dieter / Schönberger, Axel (eds.): *Studien zur portugiesischen Lexikologie*, Frankfurt am Main: TFM; DEE, 1993 (Beihefte zu Lusorama, 1. Reihe; 6. Band), págs. 61-174.
- Messner, Dieter (1994): *Dicionário dos dicionários portugueses*, Salzburg: Universität, vols. I, II.
- Moraes Silva, Antonio de: *Diccionario da Lingua Portugueza composto ... por Antonio de Moraes Silva, ...* Lisboa: Off. de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.
- Pereira, Bento: *Thesouro da Lingoa Portuguesa, composto pelo Padre D. Bento Pereira ...* Lisboa: na off. de Paulo Craesbaeck, 1647.
- Tai Whan Kim: *The Portuguese Element in Japanese: A critical Survey with Glossary*, Coimbra: Faculdade de Letras, 1976.

H ANTE E.	H ANTE I. 319.
Hermopolis, n. Lus. Officiu de estu vario. Lap. Miguano xocumino iye. q Item, Lugar onde se vendem astuvas. Lap. Mocu sô nadouo. vru iye.	Heteromachala. Lus. Vestidos selpudor de hũa parte accomodados pera ciera uos. Lap. Guetunno quutspônu qeou von ida xirau yxo.
Hermupis, x. Lus. Mercurius. Lap. Cusano na.	Heu. Intencio dolens. Lus. Hay. Lap. Aâ. q Intend. interecio est ex robratis.
Hermis, x. Lus. Inchação dos testiculos; ou quebradura, doença. Lap. Qiqno faruru yatu, xomp, ainto eaje, l. iunbaco.	Heus, adu. rb. vocatus. Lus. Oula, ou. Lap. Moxi, nd, yare. q Intend. interecio est dolens. Lus. Hay. Lap. Aâ.
Heruolus, a, um. Lus. Quebradura das vi lhas. Lap. Miguano yatu aru firo.	Hexadimon. Lus. Cenculo em que cabê fets lecos, nos quzes deitados se come. Lap. Necorobire xocuiuru mucunio tocouno naraburu fodonno xadqi.
Herucu, a, um. Lus. Coufa heroica, e exce lente. Lap. Qetacqi mono, suguretaru mono. q Heroica xtas. Lus. Idade em que flourecerao homens insignes. Lap. Mei xô, mejinno sacayetaru yidai. q H. rei- cus versu. Lus. Verso heruco co que se oferecem saçanhos de homens illustres. Lap. Maxô, mejinno regatu qirocu xi luru ranno raguy.	Hexagdonum, i. Lus. Coufa de seis cantos. Lap. Rocacu narumono.
Herdus, a, um. Item.	Hexametrum, i. Lus. Coufa de seis medi- das, ou pés. Lap. Rocacu, l. rocuxô aru mono, l. aximo taqe mucu aru mono. q Versus hexametri dicitur, qui sex cõ- stant pedibus.
Herodes, um. Lus. Mulheres excelentes, e nobres. Lap. Zocuxôno suguretaru voina. Apud veteres.	Hexaphorum, i. Lus. Cadeira que leuam as costas seis homens. Lap. Rosunia xico caqu coxi.
Herodina, x. Idem.	Hexastichum, i. Lus. Hũ gancho de cema- da. Lap. Vomugunno ru.
Herodina, Lus. Homẽ insignem nobreza, e saçanhos. Lap. Zocuxô, regu tomona suguretaru firo.	Hexeres. Lus. Nauis de seis ordens de re- mos. Lap. Mutouori rowo taretaru fune.
Herps, erb. Lus. Herpes deença. Lap. Ientai ni cufari ixi xumorno na. q Item, Hũ animal. Lap. Aru qedamono.	H ANTE I.
Hernus, i. Lus. Senhor, ou amo. Lap. Xujin, arui. q Intend. Filho do senhor. Lap. Xu- jiano xifocu, co.	Hisco, n. Lus. Abrutê, ou fenderse. Lap. Fira quru, varuru.
Hesperis, da. Lus. Hũa crua. Lap. Cusano na.	Hico, as. frequent. Idem.
Hesperus, i. Lus. Estrella boeyra. Lap. Râguo ni ichubunai aru aru firo.	Hiatus, us. Lus. Abertura da boca. Lap. Cu- chiuo aqetaru corouo yâ. q Item, per- trantl. Abertura da terra, &c. Lap. Dai- gi nadono varetaru corouo yâ.
Hestemus, a, um. Lus. Coufa de ontê. Lap. Saqur, l. qindai xaru coto. q Item, Coufa de hum da de antea. Lap. Ichujik mayeni ataru coto.	Hibern, dis. Lus. Hũa crua. Lap. Cusano na.
Heterocanez, x. Lus. Hũa deença da cabeça. Lap. Castirano yamui no na.	Hibilcus, lre Hibilcu. Lus. Maluacc. Lap. Auomi nixaru cula.
Hiccupatus, a, um. Lus. Coufa de diuerso geado, ou n. xureza. Lap. Cacubetno ru maru mono.	Hic, hxc, hoc. Lus. Este, ou esta. Lap. Cono, cora. q Intend. Hic. Lus. Tal. Lap. Ca- yô naru mono, cuximo goteqinatu mono. q Item, adu. Em tal lugar. Lap. Cayôno tocor. ni.
	Hic, adu. Lus. Aqui, neste lugar. Lap. Ccoo ni, cono xocoi. q Item, Adverb. cõporis. Lus. Encom, neste comenos. Lap. Sono ruqi, sono miguinu. Hicet.

Fig.1. Dictionarium Latino-Lusitanicum ac Japonicum ... 1595.

Q ANTES DO E.

Qenfu. Qinu, nuno. Certa laya de peça deigada, & certo pano de linho.
 Qenpuxô. Homê's sabies, & virtuosos, & homê's baixos, ou de baixa sorte: ou altos, & baixos. S.
 Qenqei. Promessa, ou concerto feito dantes.
 Qenqen. I, qenqeto. Moço de ladrar o cão.
 Qenqen. Moço, ou feição de serra, ou lugar ingreme, & fragoso. Vi, Qenqento xitaru yama. Serra fragosa, & ingreme.
 Qenqento. Com aspereza. Vi, Qenqeto monuuo yû. Falar alguia cousa asperamente.
 Qenqua. Camabifuxi. Briga. Q Qenquaio suru. Brigar.
 Qenqua cõion. Briga, & contenda de palouras.
 Qenqua rôjô. Peleja, & arruido.
 Qenrio. Caxicocu vomonbacaru. Prudência.
 Qenro. i, Araxatara coio. Causa sabida, & manifesta. Q Qenro. I, roqen xita coto. Idem.
 Qenro. Qeuaxij michi. Caminho aspero, & ingreme.
 Qenro. Axinayetarua roba. Asno de pés tolbritos. S.
 Qenreca. Ser o caminho aspero, & trabalhoso.
 Qenroni. Adu.
 Qenlai. Prudencia, ou fazacidade.
 Qenlat. Caxicocu saluru. Conjeituras bẽ.
 Vi, Qoqenlat nalarei. Julgai, ou conjeituras bẽ.
 Qenfo. Qeuaxij qeuaxij. Lugar como serra, ou monte ingreme, & difficuloso.
 Qenli. na. Lugar, ou caminho ingreme, & difficuloso, ou aspero. Q Per met. Qenlonã firo. Homem aspero, ou de ruim condicão.
 Qencai. Vmi vocotaru. Descuido, ou negligência. S.
 Qencai. Arremeier, ou ir pera dar, & esperar a pancada. Palaura que se usa na arte de esgrima.
 Qentet. Caxicoi tadaxi. O entender, & penetrar bem as cousas.
 Qentetna. I, qentetna firo. Homem prudente, & que penetra bem as cousas.

Q ANTES DO E. 152

Qentô. Força, ou coraçõ do Inverno.
 Q Qentô toxetno sannia. Frio intenso do Inverno, & de neve. S.
 Qenun. Me curumequ. i, Megamõ. Deçã de andar o miollo a roda, ou irse o lume dos olhos.
 Qenvô. Caxicoi vô. Resaio.
 Qenxa. Caxicoi monu. Homem p'w'en.e, forte, ou constante, & absoluto em suas ações.
 Qenxa. O que vai ver as tẽdas, ou terras pera saber quanto tem.
 Qenxei. Fauso, & poder. S.
 Qenxei. i, Xeijunno xei, qenjinno qen. Prudencia de homem constante, & absoluto, & prudência de bomẽ brando q cõtemporiza mais com os outros.
 Qenxeqi. Xe. ne. xemuru. i, Saifucu. Oprimir, ou pôr em aperto, ou fazer força, como fazer pagar diuidas, &c.
 Qenxi. Suno tocoron corouo xiru tçucai. O que he mandado de pessoa nobre pera ter algum lugar, ou terras, ou pera execução, ou transformação dalgua cousa.
 Qenxin. Caxicoi xinca. Criado prudente. Vi, Qenxin jicunni tçucayazu. O criado prudente não se rue a dous senhores.
 Qenxiu. Caxicoi xû. Senhor prudente, & sabio.
 Qenyacu. Cataqi yacufucu. Promessa, ou concerto firme.
 Qenyacu. Caneteno yacufucu. Promessa, ou concerto feito dantes.
 Qenyo. Fome cacaguru. O louvar, & engrandecer. Vi, Qimino ichijenuo mitu toqinba, chicarauo tçucuxite morte qenyo iu. Xix. Vendo bũa virtude, ou bom exemplo do senhor, todos grãdemente o leuac, & se animão ao imitar.
 Qenyô. Iuu, fiquji. Cão, & ouelha.
 Qenyo. i, Fajimenu gui. Causa que ha de principio, ou q começou.
 Qenyonio nai. Causa que nem por pensamento hum fez, ou que não podia ser, &c.
 Qenyu. Campainhas da boca.
 Qenzan. i, Temmocuno taguy. Certa laya de porfolanas de beber Cha.
 Qenzocu. Familia.
 Qenzui. Vinho que bebem os carpinteiros, ou outros.

Fig. 2. Vocabulário da Lingoa de Japam ... 1603.

Mesenda ou almôço	tien sin	點心
Meseger	cai te - jo po cai te poa	該得不討得不最
Mes	ye yuo	月
Mesa	tai zo -	檯棹
Mesa d'li'pe	to cio zo zi	獨脚棹子
Mesa de cama para virar pu ran		舖床
Mesigo	tu sin zai	土生宰
Meshe	sien sen	先生師傅
Meshe q'erna calar lebi Bi		戲師
Mishnar	chia yum	交融
Misura facer	schin li	行禮
Meter dentro	saia fa' hieu	施禮
Meter medo viles mudo fzer		收放裡頭
Meter narabega gudes ching, chiau		解教
Miter de baigo do chao. mai		埋迷
Metalls	chin	金
Mexer	lui	搗
Mexedor	lui ciuj	搗槌
Meschin lo	co sae	可惜
Meschin lo amareto	chie' yum	儉用
Meschita de mouras	Cuei Cui Minu	回回廟
Mesinha	yo	藥
Mesena	seu su	船後送
Medir	liao	量
Medi de viles medir		量的
Migalha	sui bi	碎便
Misforina	siaupie' ninu	小便尿
Misforinar	she saoj - siauchai	澀水渴尿
Mil	o nian il ho yha gha aen	千

Fig. 3 O primeiro dicionário português-chinês (1588)

DICTIONNAIRE CHINOIS & FRANÇOIS.

Chinois.	François.	Chinois.	François.
C	Mixtionner, mellanger, mesler, brouiller, troubler.	<i>Cai pui</i>	ouvrir boutique.
<i>Hoèn gā</i>	meslé, embrouillé, mellangé, confus.	<i>Cai yām</i>	ouvrir, ou franchir les routes de mer.
<i>Cā xū</i>	livre tout faux, c'est à dire rempli de faussetés.	<i>Cai tiēn truām</i>	ouvrir une fenestre du toit ou une lucarne.
<i>Tā</i>	evaporer, passer son feu, & la colere.	<i>Cal</i>	calamités, miseres, afflictions.
<i>Cā sien</i>	rafraischir son corps & ses membres.	<i>Cai lē hō</i>	planter des arbres.
<i>Cal tam</i>	convenable, à propos, sortable, accordant.	<i>Cāi</i>	jadis, autrefois, estre, vivre.
<i>Cai lui</i>	il est convenable de traiter de cecy ou de cela.	<i>Cāi sim kiao</i>	dites encore, repetés de rechef.
<i>Cai</i>	changer, corriger.	<i>Cāi pū cān</i>	pour peu de chose, ou rien du tout.
<i>Cāi quō hēn</i>	corriger les fautes.	<i>Cāi pū gō</i>	je ne feray jamais plus.
<i>Xén</i>	se tourner.	<i>Cāi pū xem</i>	jamais, plus que.
<i>Cāi bām</i>	changer d'office.	<i>Ki cāi</i>	pour se souvenir, en memoire, pour n'oublier pas.
<i>Cāi piēn</i>	changer de coutume, & de façon de faire.	<i>Cai nā li chú</i>	où demeure-t'il, où loge-t'il, où est la maison.
<i>Cāi tam</i>	appeller à la Justice, ou au tribunal.	<i>Cāi nā li cāi</i>	d'où est-t'il, de quel país.
<i>Cāi</i>	couvrir, cacher, voiler, cachée, couverte, voylée.	<i>Hien cāi</i>	où est-t'il, où demeure-t'il, où tarde-t'il.
<i>Cāi gū</i>	pauvre, indigent, miserable, disetteux.	<i>Cāi bām</i>	estre pratiqué, expert, expérimenté.
<i>Yē cāi</i>	ouvrir tout d'un coup, tout à l'heure, presto.	<i>Cāi</i>	deviner, predire, presager.
<i>Pēu cāi</i>	ouvrir promptement & en diligence.	<i>Cāi cō</i>	ne deviner pas, errer, se tromper.
<i>Cāi</i>	ouvrir, fendre.	<i>Ngō cāi tēn</i>	penetrer jusques à l'intérieur, deviner les pensées.
<i>Cāi chuēn</i>	sortir de la barque, se desbarquer.	<i>Cāi mī</i>	expliquer les enigmes, & en comprendre le sens.
<i>Cāi piē</i>	la creation du monde, ou la production de toutes choses.	<i>Cāi</i>	habilité, aptitude, docilité, richesse, fait, action, tout à l'heure, poulors, alors, en ce temps.
<i>Cāi cūm</i>	descouvrir des mines.	<i>Cāi chē sáo</i>	alheure je le scay.
<i>Cāi kēu</i>	ouvrir la bouche.	<i>Cāi</i>	couper comme des habits.
<i>Pū cāi</i>	estendre, espendre, dilater, prolonger.		

Fig. 4. La Chine d'Athanas Kircher ... 1670.

De quibus
vide no-
tam po-
lygraphi-
am anno
1663 Re-
medii-
tam.

nicā linguā loqui; posset enim externus quidam bonā memoriā præditus, & studio conjuncto, ad summam eruditionem ex librorum Sinicorum lectione pervenire; tamen neque loqui, neque loquentes intelligere posset. Quia tamen idioma in Dei causa negotiantibus Apostolicis Viris omnino necessarium est; hinc juxta Musicas notas, *ut, re, mi, fa, sol, la*, ascensus descensusque Sinicorum accentuum in pronunciatione observatorum, quibus in linguæ difficultate superanda juvantur, P. Jacobus Pantoja primus notas invenit; quas supra Europæo modo scriptas dictiones Sinicas, sequenti modo exprimunt *Λ, —, \, /, U*. Prima notā, quinque Sinicorum accentuum *Λ* respondet Musico *ut*, & sonus seu enuntiatio Sinicē vocatur *chō pîn*, quasi dicas, *prima vox prodiens æqualis*. Secunda notā — respondet Musico *Re*, & sonus Sinicē vocatur *pîm xini*, quasi dicas, *clara vox æqualis*. Tertia notā \ respondet Musico *Mi*, & sonus Sinicē dicitur *xâm xini*, id est, *alta vox*. Quarta notā / respondet Musico *Fa*, Sinicē dicitur *Kiû xini*, id est, *absentia alta vox*. Quinta notā U respondet Musico *Sol*, Sinicē dicitur *gê xini*, id est, *ingredientis propria vox*. Sic ver-

bi gratia unica dictio, *ya*, scripta Europæis literis; notis quinque superioribus effecta enunciarī debet diversis vocibus & accentibus, quemadmodum conscribitur à Sinicis diversis characteribus.

Dens	ya	牙
Mutus	ya	哑
Excellens	ya	雅
Stupor	ya	訝
Anser	yi	異

Ut significationes diversas eadem pronuntiata dictio ingerat auribus audientium, oratio verò paulatim prolata Musices referat ad tactus tempora. Ex monosyllabis dictionibus (nulla enim apud Sinas polysyllaba) ordinatam harmoniam. Figuras quinque vocalium seu accentuum supra positorum expressimus hic, ut vides.

Dictarum notarum ope exteri linguam addiscunt, quanto tamen cum labore quantisque reflectionibus, facilius est cogitare, quam calamo depingere. Sine verò hujusmodi accentuum virgulis non utuntur, sed ad hujusmodi pronuntiationes, uti ferè omnes nationes à pueritia assuescunt, quanquam illorum literati quamlibet literam accentu sibi debito pronuntiandam non solum in actu exercito, verum & in actu signato sciant & doceant. Mirantur autem Europæos pronuntiata verba eorum, literis Latinis scribere posse, & tam genuinè repræsentare; & cum, uti diximus, & suo & nostro Alphabeto careant, quilibet ipsorum character prima litera esse potest, & media, & ultima, cum unaquæque vocem, & dictionum integram significet, quæ quidem vocis magnam habent significationum pro diversitate literarum & pronuntiationis diversitatem. Iterum prima litera v. g. *Chin* in lingua Mandarinā aliter, aliter in Japonia, aliter in Regnis differentibus pronuntiatur, tamen si ideam semper significet. Sic qui videt hanc literam, format conceptum *chin*, quod idem est ac *revere*; & sic de aliis; & hinc est quod dixi, qui unam ipsorum linguam unā cum literis novit, non solum totum Regnum Sinarum, verum multa alia scripta peragere poterit.

南

CON-

Fig. 5. A. Kircher, China Monumentis... Illustrata ... 1667.

咱 ^{chā}	Eu. Ego.
雜 ^{cā}	Misturar. mistura de cores. juntar. 襪 ^{Misturar. cores misturadas.}
拶 ^{cā}	Das trastes. empurrar. passar. afastar. apertar. fazer mal com a es- tu. instrumentos p. Das trastes
拶 ^{cā}	Idem ut supra.
匝 ^{cā}	Per todo anno 市 ^{Barra. serviu. e palmar.} 迎 ^{Andar as orlas. virar. Velar. pafar de tempo}
啞 ^{cā}	啞 ^{Pecar. apertar com boca} 啞 啞
唛 ^{cā}	唛 ^{Morder.} 唛 唛
唛 ^{chā}	唛 ^{2. Alguém nome de terra. nome de Cigado. Erro no - caminho} 唛 ^{2. Ficar. pregar. apertar. ferir. molhar. chã. chã. entre. melido. poliching. Loco matado. invicam. vi. chã.}

H.

Fig. 6. Dicionário Chinês-Português (Estocolmo).

As „Luzes“ francesas e os dicionários portugueses

Les influences françaises restent encore à analyser en détail, ce qui ne se révèle pas toujours facile, vu que les sources sont rarement nommées ... (Schäfer 1991: 101).

O interesse científico pela «Ilustração» em Portugal vai aumentando cada vez mais nos últimos anos (um bom resumo é Martins 1992). E a figura e política do Marquês de Pombal ocupavam já muitas páginas (Torgal / Vargues 1982-1983).

Mas enquanto que se multiplicam os estudos sobre as transformações em muitos sectores públicos em Portugal como consequência do governo de Carvalho e Mello, por exemplo na educação («Pombal, o ministro, e os seus colaboradores [...] conseguem implantar, desde 1772, uma reforma no ensino consequente [...] com o novo espírito científico [...]», Torgal / Vargues 1982-1983: II, 256) faltam ainda trabalhos que analisem de maneira pormenorizada as obras de carácter filológico, publicadas na segunda metade do século XVIII, respeitantes a alterações possivelmente causadas tanto pela difusão das «Luzes» como pelas circunstâncias estatuais (veja-se Verdelho 1982). Neste último caso, temos que nos perguntar se, depois de proibir os livros escolares dos Jesuítas, os novos livros apresentavam as ideias tradicionais, ou se se mudavam também os conteúdos, quer dizer se, no meu caso, a lexicografia, as definições dos dicionários respeitavam já os novos conhecimentos adquiridos pelos «filósofos».

Entre parênteses seja dito que temos que distinguir entre a recepção dos novos conhecimentos pelos especialistas, que não precisavam de traduções porque podiam ler as obras escritas em francês, e a difusão entre as poucas pessoas alfabetizadas e interessadas sem acesso directo às obras científicas.

Porque escolhi tratar dos dicionários? É bem sabido que uma grande parte dos novos conhecimentos científicos adquiridos nos séculos XVII e XVIII foi divulgada em forma de livros chamados dicionários, ou enciclopédias, primeiro na Inglaterra, e depois na França. Também existem obras parecidas em Portugal (veja-se Vandelli 1788; Carvalho 1765). As explicações nas obras do físico francês Mathurin-Jacques Brisson (*Dictionnaire raisonné de Physique*, Paris: Thon, 1781) seguem o alfabeto. E a publicação mais importante do século XVIII é a famosa *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*

(Paris: Briasson; David; Le Breton; Durand, 1751-1777), muitas vezes interdita pelos governos e pela igreja católica (Eiras 1989).

Até à segunda metade do século XVIII continuam as reedições de obras bastante antigas: a primeira obra nova é o dicionário de Fonseca (1771). Depois vem o Moraes (1789): a sua dependência da obra de Bluteau (1712-1728) é visível. Um dicionário importante, o da Academia Portuguesa, de 1793, foi concebido com muita ambição. Mas, segundo as minhas pesquisas, parece que os lexicógrafos da Academia Portuguesa não tenham tido uma concepção inteiramente novo, queriam, sim, fazer um tesouro da língua ajuntando algumas definições tomadas de livros científicos, não identificados por eles (Messner 1997-1998).

Entre os dicionários portugueses desta época existe outro, este bilingue: é o *Nouveau Dictionnaire François-Portugais composé par le Capitaine Emmanuel de Sousa, mis en ordre, rédigé, revû, corrigé, augmenté, & enrichi de tous les termes techniques, & propres des sciences, des arts, de métiers, de géographie; &c.* sur la dernière édition de celui de M. l'Abbé François Alberti, & des tables de l'Encyclopédie par Joachim Joseph da Costa & Sa [...], Lisbonne: Chez Borel, Borel, & Compagnie, Tome premier: M.DCC.LXXXIV. A segunda edição é de 1811: *Nouveau Dictionnaire françois-italien, composé sur les dictionnaires de l'Académie de France et de la Crusca, enrichi de tous les termes propres des sciences et des arts [...]*, seconde édition, revue, corrigée, & augmentée de tous les mots adoptés dans la langue françoise, depuis plusieurs années; Des synonymes de la même langue, Lisbonne 1811 («[...] segunda edição em 1809, dirigida e preparada pelo dr. Vicente Pedro Nolasco, que lhe accrescentou alguns termos e phrases, e especialmente a tecnologia chimica e botanica, e lhe cortára em desconto todos os nomes proprios [...]» [Diccionario Bibliografico Portuguez, estudos de Innocencio Francisco da Silva, Lisboa: Imprensa Nacional, 1860, vol. 4, págs. 99-100]).

Não conheço nenhum estudo pormenorizado deste dicionário. Como já revela o título, entram nesta obra duas fontes: um dicionário francês-italiano: *Nouveau Dictionnaire françois-italien, composé sur les dictionnaires de l'Académie de France et de la Crusca, enrichi de tous les termes propres des sciences et des arts [...]* Ouvrage utile et même indispensable à tous ceux qui veulent traduire, ou lire les Ouvrages de l'une et de l'autre langue. Par M. l'Abbé François d'Alberti de Villeneuve. Dans cette première édition italienne [...] A Bassan, M. DCCLXX VII. et se vend à Venise, chez Remondin. A Nice.

A segunda fonte do dicionário português são as «Tables de l'Encyclopédie».

Este dicionário bilingue de 1784 resume, então, as duas obras mais importantes para a propagação das novas informações científicas oriundas

da França: o dicionário da Academia Francesa, e a Enciclopédia. Parece que o dicionário bilingue francês-português não terá tido muita difusão em Portugal: só encontrei um exemplar no catálogo electrónico da Biblioteca Nacional de Lisboa (mas há de vez em quando exemplares nos antiquários, também de edições posteriores).

Como é que trabalhou Joaquim José da Costa e Sá que compilou também o *Diccionario italiano e portuguez*, extrahido dos melhores lexicographos, como de Antonini, de Veneroni, de Facciolati, de Franciosini, do *Diccionario da Crusca*, e do da Universidade de Turim [...] Lisboa: Regia Offic. 1773 (segundo a informação contida no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, estudos de Innocencio Francisco da Silva, Lisboa: Imprensa Nacional, 1860, vol. 4, pág. 98).

Já no «Aviso dos Autores» se menciona o modelo:

Em fim a nada poupámos, para que esta nossa Edição não desmerecesse á que se fez em Nice do célebre *Diccionario* de M. Francisco Alberti, que o nosso Compilador teve sempre á vista.

É verdade que o autor português, muitas vezes, traduzia só as definições escritas em francês por Alberti.

Alberti (1777):

Phénomène: s. m. T. Didact. Tout ce qui apparôit de nouveau de l'air, dans le Ciel. Fenomeno. § fig. et per extension: Tous les différens effets qu'on remarque dans la nature. Fenomeno. § fig. et fam. Les choses qui surprennent par leur nouveauté, ou par leur rareté. Fenomeno; cosa rara, stupenda per la novità.

Costa e Sá (1784):

Phénomène, s. m. (T. Didact.) Phenomeno, tudo o que apparece de novo em o ar, em o Ceo. § Fig. Phenomeno, todos os differentes effeitos, que se observaõ em a natureza. § (Em S. Fig. e Famil.) Phenomeno, cousa rara, estupenda pela novidade.

Algumas vezes, o lexicógrafo português cortou o original:

Alberti (1777):

Philautie, s. f. T. de Morale. C'est une affection vicieuse, et une complaisance démesurée pour sa propre personne. On dit aussi amour de soi-même. Filautia; amor vizioso di se stesso.

Costa e Sá (1784):

Philautie, s. f. (T. Mor.) Philaucia, amor vicioso de si mesmo, complacencia viciosa por si mesmo.

Pode ser que a obrigação de cortar o texto original tenha conduzido Costa e Sá a traduzir só uma parte do texto francês:

Alberti (1777):

Phimosis, s. m. Maladie du prépuce, qui est si resserré, qu'il ne peut se renverser pour découvrir le gland. Fimosi.

Costa e Sá (1784):

Phimosis. s. m. (T.Med.) Phimose, certa molestia do homem.

Talvez tenha funcionado aqui, neste exemplo, uma espécie de censura.

O seguinte exemplo faz ver que a tradução italiana era o modelo imediato do dicionário português.

Alberti (1777):

Thlaspi. s. m. Plante qui croît dans les terres humides & sablonneuses. Sa semence entre dans la composition de la thériaque. Elle est chaude & aperitive. Senape selvatica.

Costa e Sá (1784):

Thlaspi, s. m. Mostardeira silvestre, planta.

Estes exemplos podem servir também para a comparação do texto de Alberti com a quarta edição do *Dictionnaire de L'Académie française*, A Paris, chez la Veuve de Bernard Brunet, Imprimeur de l'Académie Française, M.DCC.LXII (Tome premier).

Phénomène: s. m. T. Didact. Tout ce qui apparoît de nouveau de l'air, dans le Ciel. § fig. et per extension: Tous les différens effets qu'on remarque dans la nature. § fig. et fam. Les choses qui surprennent par leur nouveauté, ou par leur rareté.

Temos, então, mais uma vez a prova de uma influência bastante clara da língua francesa na cultura, aqui lexicográfica, portuguesa.

O Alberti (1777: VI) elogiava-se dizendo:

Ainsi, après avoir mis à contribution les meilleurs Lexicographes dans les deux Langues, après avoir rassemblé les richesses éparses dans leurs Ouvrages, j'ai parcouru toutes les villes d'Italie où le commerce a établi quelques manufactures [...]

Realmente, num artigo sobre a obra deste lexicógrafo, escreveu-se: «Ma più interessanti le osservazioni relative alle voci italiane [...]» (Zolli 1981: 597).

Sob «Acontias» encontramos:

T. d'Hist. nat. Acontias, serpent qui s'élance comme un trait décroché [...] En Calabre & en Sicile, on le nomme Saettone.

É curioso encontrar na versão portuguesa de Costa e Sá também a forma dialectal italiana, sem valor para os lusofalantes:

Acontias, s. m. [...] § (T. de Hist.) Serpente que se lança de hum tiro, comum em Calabria, e Sicilia e se chama saettone.

Aqui, como no próximo exemplo, se vê a negligência do redactor português que não traduz o original de maneira correcta: no Alberti só se menciona o nome regional do animal.

Alberti (1777):

Abit: Encycl. Quelques uns se servent de ce mot pour Céruse.

Costa e Sá (1784):

Abit. s. m. ou Ceruse. Alvaiade.

Não só elimina a origem indicada por Alberti («Encycl.»), como também generaliza o conteúdo de Abit: «ou Ceruse». Mas em outros casos, Costa e Sá conserva a referência à *Encyclopédie*:

Costa e Sá (1784):

Phytologie s. f. (T. Encyclopedico) Phytologia, discurso sobre as plantas, ou descrição de suas formas, aspectos, propriedades, etc.

Alberti (1777):

Phytologie, s.f. Encycl. Discours sur les plantes, ou description de leurs formes, de leurs espèces, de leurs propriétés, etc. Fitologia.

É interessante mostrar que algumas vezes Alberti (1777) não recorria só ao *Dictionnaire de L'Académie françoise*, como também introduzia outras palavras que retirava da *Encyclopédie* [...] já mencionada no «Préface»: «[...] profiter de toutes les choses excellentes qui se trouvent dans l'Encyclopédie Françoise [...]»:

Alberti (1777):

Phalangose s. f. T. d'Histoire nat. Renversement du bord de la paupière audedans de l'oeil, sans aucune relaxation de cette paupière; ce vice est une espèce de trichiase. Rovescimento della palpebra nell' interiore dell'occhio.

Costa e Sá (1784):

Phalangose, ou Phalangosis, s. f. (T: Gr. e Med.) Palpebra virada para o interior do olho.

Também aparecem, em Costa e Sá, formas que não estão na primeira edição de Alberti (de 1777), e também não na terceira, de 1788 (a segunda não se pode consultar).

Há também exemplos que Costa e Sá tomou directamente da *Encyclopédie*:

Philippopoli (Geogr. mod.) Ville de la Turquie européenne, dans la Romanie dont voyez l'article au mot.

Com o seguinte exemplo quero mostrar os cortes que Costa e Sá efectuou na sua tradução do texto da *Encyclopédie*:

Encycl., vol. 12, 1765, págs. 525:

Philotésie, s. f. (Littérat.) c'est ainsi que s'appelloit chez les Grecs, la cérémonie de boire à la santé les uns des autres; elle se pratiquoit de cette manière. Dès que le roi du festin, ou celui qui donnoit un grand repas avoit versé du vin dans sa coupe [...]

Costa e Sá:

Philotésie, s. f. (T. Gr.) Philotesia, cerimonia, que os Gregos praticavaõ bebendo á saude huns dos outros.

Outras entradas em Costa e Sá não foram tão pouco retiradas da *Encyclopédie*:

Thériotomie, s. f. Theriotomia, a anatomia dos brutos.

Não quero terminar a minha modesta contribuição sem deixar de dizer que este dicionário de 1784 é também uma fonte muito rica de primeiras datações da língua portuguesa; e é com o primeiro e único volume do *Dicionário da Academia Portuguesa* uma prova da influência da «Ilustração» francesa, que, segundo consta, deve ter sido muito maior em muitos sectores da vida portuguesa (Carvalho 1982-1983) do que se faz notar nos dicionários.

Bibliografia

- Bluteau, Rafael (1712-1728), *Vocabulario Portuguez e latino*, [...] auctorizado com exemplos dos melhores escritores [...] pelo Padre D. Rafael Bluteau, Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus [...] (10 vols.).
- Carvalho, Rómulo de (1982-1983). O recurso em pessoal estrangeiro, em: Torgal / Vargues (1982-1983: I, 91-115).
- Carvalho, José Monteiro de (1765): *Diccionario Portuguez das Plantas, Arbustos, Matas, Arvores, Animaes quadrupedes, e reptis, Aves, Peixes, Mariscos* [...] que a Divina Omnipotencia creou no globo terraqueo para utilidade dos viventes, esrito por José Monteiro de Carvalho, Lisboa: Na Officina de Miguel Manescal da Costa, M.DCC.LXV.

- Dicionário da Língua Portuguesa* (1793), publicado pela Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa M.DCC.XCIII, tomo primeiro A, reprod. fac-similada assinalando o II Centenário da edição, Lisboa: Academia, 1993.
- Eiras, Maria Mercedes Monteiro das (1989): *A censura e o impacto da filosofia na 2.^a metade do séc. XVIII*, Coimbra: Coimbra Editorial, 1989.
- Fonseca, José Pedro da (1771): *Diccionario portuguez e latino* [...] author Pedro José da Fonseca, Lisboa: Regia Oficina Typografica.
- Martins, António Coimbra (1992): «Luzes», em: *Dicionário de História de Portugal*, vol. 4, Porto: Livraria Figueirinhas, págs. 86-106.
- Messner, Dieter (1987-1988): «L'Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné como fuente del Diccionario da Lingoa Portuguesa», em: *Revista de Lexicografia* 4, págs. 125-136.
- Moraes Silva, Antonio de (1789): *Diccionario da Lingua Portuguesa*, composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, Lisboa: Off. de Simão Thaddeo Ferreira.
- Schäfer, Barbara (1991): «Contribution à la grammaire idéologique au Portugal», em: Schlieben-Lange, Brigitte (ed.): (1991): *Europäische Sprachwissenschaft um 1800*, Münster: Nodus, vol. 2, págs. 101-117.
- Torgal, Luís Reis / Vargues, Isabel (1982-1983): *O Marquês de Pombal e o seu tempo* [= *Revista de História das Ideias*], Coimbra: Universidade de Coimbra, 2 vols.
- Vandelli, Domingos (1788): *Diccionario dos termos technicos de Historia Natural extrahidos Das Obras de Linnéo, com a sua explicação. e estampas abertas em cobre, para facilitar a intelligencia dos mesmos [...] que offerece a Raynha D. Maria I. nossa Senhora Domingos Vandelli [...]*, Coimbra: Na Real Officina da Universidade, M.DCC.LXXXVIII.
- Verdelho, Telmo (1982): «Historiografia linguística e reforma do ensino», em: *Brigantia* II, págs. 3-39.
- Zolli, Pietro (1981): «Innovazione e tradizione nel 'Nouveau Dictionnaire François-Italien' di F. Alberti de Villeneuve», em: *Mélanges à la mémoire de Franco Simone*, Genève: Slatkine, vol. 2, págs. 590-627.

THE FIRST PORTUGUESE BILINGUAL DICTIONARY RESORTING TO A FOREIGN 'MODERN' LANGUAGE – CHINESE

Dieter Messner*

A number of volumes generically entitled *Dicionário dos dicionários portugueses* (*A Dictionary of Portuguese Dictionaries*) [hereafter: DDP] have already been published within the ambit of current research I am undertaking on the history of Portuguese lexicography.¹

The first of these volumes (1994) lists all word entries (lexemes) with the initials ABA-ABC contained in more than sixty dictionaries and other lexicographic publications edited during the period 1554-1858. It is probably the most comprehensive listing of Portuguese dictionaries of its kind. Each word entry is followed by a transcription of its original descriptive text, in full, as given by the author. Already, the first published volume of the DDP enables the reader to compare different authors' explanations or descriptions of a same word entry and analyse how many authors successively recovered explanations and descriptions from previous dictionaries. In certain exceptional cases, lexicographers did not copy or adapt explanations and descriptions found in previous dictionaries, but simply organised their own selection of word entries and structured their own respective definitions.

Earlier on, in the preparatory phase of the DDP project, it was decided to include three types of dictionaries:

- 1 — monolingual;
- 2 — bi or trilingual, with Portuguese as the major language, and;
- 3 — 'old' polyglot dictionaries.

* Professor of Romance Philology at Universität Salzburg (Salzburg University), Salzburg, Austria. Director of the Spanish and Portuguese Department at the Institut für Romanistik (Institute of Romance Languages).

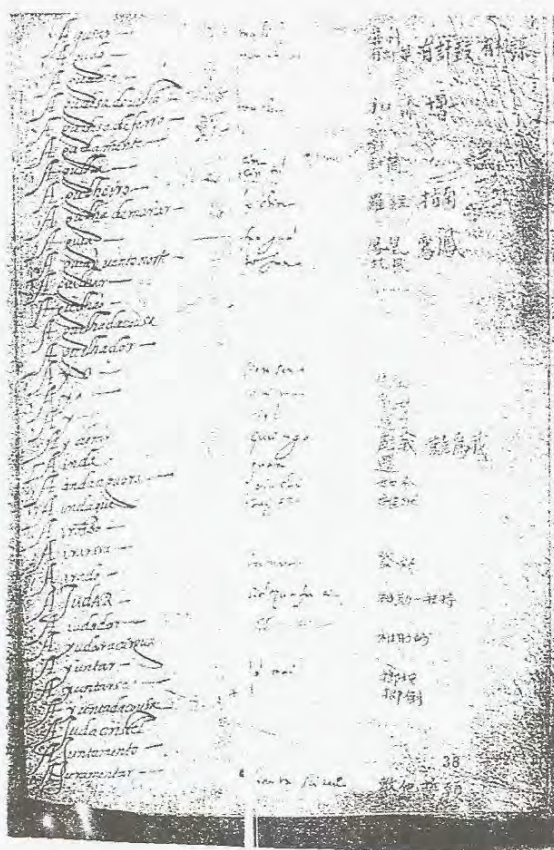
All dictionaries not organised under the Portuguese lexeme were excluded.

As the research progressed, it was gradually understood that most bibliographic data on dictionaries was insufficient to supply a fair understanding of their contents and how they had been compiled. As a result of direct consultation, I was able to exclude certain dictionaries from the DDP, which, nevertheless, were the subject of a short paper. One of the selected dictionaries included in this study was the famed *Vocabulário da Lingoa de Japam com a declaração em Portugues [...]* (*A Vocabulary of the Japanese Language with Portuguese explanation [...]*), published in 1603, the second lexicographic work to contain Japanese terms — the first being dated 1595.²

This article is a continuation of that study. It centres on the second Portuguese bilingual dictionary, interest in which derives from it being the first in which the second language is neither Latin nor a European language, but Chinese.

The earliest known preserved Portuguese bilingual dictionary is a Portuguese-Latin dictionary compiled by Jerónimo Cardoso. The work of this humanist has been described as follows:

"Jerónimo Cardoso's (ca1500-†ca1569) dictionaries — especially his *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem* (1562) — are pioneering landmarks in the history of dictionaries of the Portuguese language. In the *Dictionarium ex Lusitanico*, Jerónimo Cardoso developed the first alphabetisation of a vernacular lexical corpus and thus was the father, to a greater or lesser extent, of all subsequent Portu-



ARSI, Jap. Sin., 198, fol. 38 ro. — RICCI, Matteo — RUGGIERI, Michele, "Vocabulario" ["Portuguese-Chinese Dictionary"].

guese dictionaries. His method was effectively applied to the technical systematisation of dictionaries, through the surveying of lexical units, the referencing of semantic values and the determining of orthographic standardisation."³

The Portuguese bilingual dictionary that followed Cardoso's, the existence of which has been known for a considerable period of time, is the theme of this short essay. David Lopes, in his now classical work *A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente* (*The Expansion of the Portuguese Language in the Orient* [...]), makes bibliographic allusion to the work: "[a] Portuguese-Chinese Dictionary by the Fathers Ruggieri and Ricci (There is at least one manu-

script copy of it, [presently stored] in Rome, written between 1548-1588 [...])."⁴

It is curious to note that, despite this important reference, not a single historian of Portuguese Linguistics was sufficiently inquisitive to undertake further research on this manuscript. Equally odd is how scholars who dealt with the history of dictionaries in the Portuguese language failed to notice its mention in a book about Matteo Ricci, an extremely important figure in Sino-Portuguese relations. Strangely enough, it was a Portuguese diplomat⁵ who drew attention to this work in the context of Pasquale d'Elia's *Fonti Ricciani* (*Sources on [Matteo] Ricci*) (Roma, Libreria dello Stato, 1949, vol.2, p.32), where the second Portuguese bilingual dictionary is described in detail:

"A dir vero un "bello vocabulario" era già fatto del Ruggieri e dal Ricci fin dai primi anni del loro soggiorno [...] probabilmente negli anni 1584-1588. Già il 18 ottobre 1598 il Longobardo diceva che il Ricci aveva fatto "buona parte del calepino europeo-sinico..." Questo cimelio della sinologia, che rappresenta il primo dizionario europeo-cinese nel modo e a cui possiamo dare il titolo di Dizionario portoghese-cinese, esiste ancora manoscritto in ARSI, Jap. Sin.I, 198, dove è stato da me ritrovato e identificato nel 1934."

("A truly "wonderful vocabulary" had already been made by [Michele] Ruggieri and [Matteo] Ricci by the end of the first years of their stay [in Macao...], probably during the years 1584-1588. On 18th October 1598, [Nicolò] Longobardo had already stated that Ricci had made "most of the Sino-European booklet [...]." This relic of Sinology, which represents the first ever Sino-European dictionary and could be called a Portuguese-Chinese Dictionary, still exists in manuscript form at [deposit at] ARSI [*Archivum Romanum Societatis Iesu*], Jap. Sin. [*Japonica-Sinica*].I, 198, where I found it and identified it in 1934.")

This "Portuguese-Chinese Dictionary" [hereafter: PCD] belongs to a miscellaneous volume extensively described by Pasquale d'Elia in 1949, after he first set eyes upon it. Below are transcripts of extracts fundamental to a better understanding of the original text:

"[...] consta di ff.189 in carta cinese di cm.23 x 16,5.

Prima del dizionario propriamente detto precedono vari documenti:

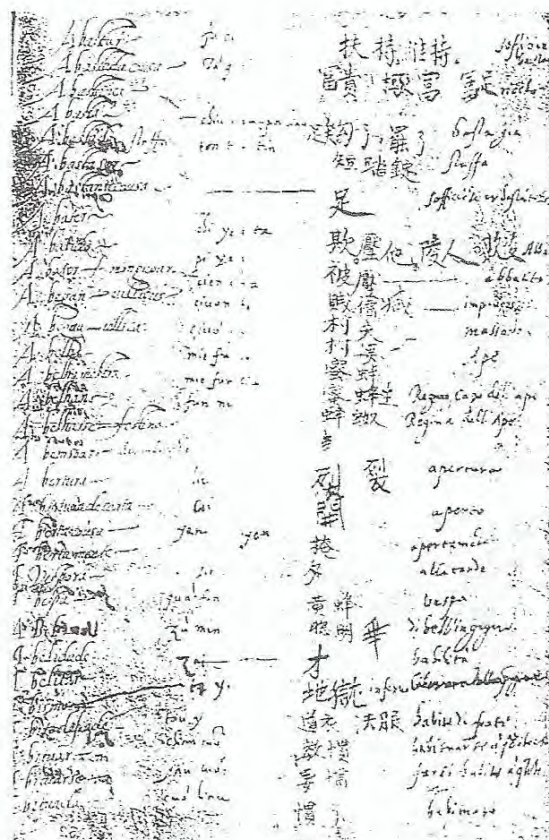
- 1) um dialogo [...],
- 2) Conversazione catechetica del Ricci [...],
- 3) [...] note de cosmografia [...],
- 4) I 24 periodi solari [...],
- 5) I caratteri del cielo [...],
- 6) Una lista di caratteri [...],
- 7) I nomi delle province [...],
- 8) I nomi dei 24 periodi solari [...],
- 9) Caratteri sconessi [...]. Vien allora il dizionario portoghese-cinese (ff.32-156) [...] due appendici (ff.157-169 e 172-186a) [...]. Dopo del dizionario vengono altre pagine [...]."

("[...] is constituted by 189 folia of Chinese paper, each 23.0 x 16.5 centimetres [in dimension].

The dictionary in itself is preceded by a number of documents:

- 1) a dialogue [...],
- 2) [Matteo] Ricci's Catechism instructions [...],
- 3) [...] notes on cosmography [...],
- 4) The 24 solar cycles [...],
- 5) [A list of] characters pertaining to the sky [...],
- 6) A list of characters [...],
- 7) The names of [Chinese] provinces [...],

* **Translator's note:** The translation of significant into English from the corresponding Portuguese in this essay are as found in: *The New Michaelis: Illustrated Dictionary / Novo Michaelis: Dicionário Ilustrado, Volume II, Portuguese-English / Português-Inglês*, São Paulo [Brazil], 1961, (40th Edition / 40ª Edição). [WIMMER, Franz, direction, MARIOTTI, Wilson, renewed drawings]



ARSJ, Jap.-Sin., 198, fol.32 ro. — RICCI, Matteo — RUGGIERI, Michele, "Vocabulário" ["Portuguese-Chinese Dictionary"].

- 8) The names of the 24 solar cycles [...],
- 9) [A number of] unconnected characters [...].

Following these, the Portuguese-Chinese Dictionary begins (folia 32-156) [...followed by] two appendices (folia 157-169 and 172-186a) [...]. The Dictionary is followed by a number of pages [...]."

According to Pasquale d'Elia, the Portuguese-Chinese Dictionary runs from folia 32 to 156. In fact, within this block of folia, there are a number of empty pages: 49ro, vo; 54vo; 67-71; 85vo; 86ro; 114vo; 135ro; 141 vo; 152vo and 156vo.

The margins of the manuscript's folia are frequently cropped, thus certain words cannot be read.

This occurs mainly on the upper margin of the *folia*, as, for example, on *folium* 107.

Alphabetical entries are arranged as follow:

A 32ro-48vo; B 50ro-54ro; C 55ro-66vo; D 72ro-85ro; E 87ro-99ro; F 99vo-105ro; G 106vo-197vo; I, J 108ro-110vo; L 110vo-114ro; M 115ro-121vo; N 122ro-123ro; O 123vo-125vo; P 126ro-134vo, 157vo; Q 135vo-136ro; R 137ro-141ro; S 142ro-146vo; T 147ro-152ro; U, V, 153ro-156ro; X 156ro; and Z 156 ro.

The Dictionary ends at *folium* 156ro with the words: "*Laus Deo Verginique Matri. Divis Gervasio et Protasio. Amen. Jesus.*"

Folia 158-169, 172, 174, 177-182 and 185 correspond to the 'supplement', where other words are listed. The alphabetical listings are exclusively in the *rectos* of these *folia*: A 158ro; B 160ro; C 161ro; D 162ro; E 163ro; F 164ro; G 165ro; I, J 166ro; L 167ro; M 168ro; N 172ro; P 174ro; Q 177ro; R 178ro; S 179ro; T 181ro; V, 182ro; and X 185ro.

The PCD page listings are ordered in three columns:

- 1 — Portuguese entries on the left;
- 2 — corresponding Chinese entries in characters [ideograms] on the right (but not always), and;
- 3 — the Romanised pronunciation of the respective Chinese ideograms in the centre.

Folia 32-34 have a fourth column that includes the corresponding entries in Italian. These manuscript additions are by the hand of Michele Ruggieri. Pasquale d'Elia reproduces one of the pages with added Italian in his aforementioned publication.

The first example of the first four-column page reproduced by Pasquale d'Elia is "*abreviada cousa*" ["abbreviated, shortened,

reduced / thing, object, matter, substance, [etc.]"].* This lemma gives us the thematic key to the interpretation of the PCD's contents. Within the long chronological listing of 'old' Portuguese dictionaries included in my continuing work on the DDP, three dictionaries are mentioned in which adjectives are listed together with the noun "*cousa*" ["thing, object, matter, substance, [etc.]"]. The PCD also follows this system. For instance:

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

" <i>Abastada cousa</i> "	富貴, 極富, 富足	32vo
<i>Abastante cousa</i>	足	32vo
<i>Aberta cousa</i>	欺壓他, 陵人, 欺凌	32vo
<i>Abomináuel cousa</i>	怕聆-棄嫌	33ro

To my knowledge, the last of the Portuguese dictionaries to maintain this adjective-plus-noun tradition is Bento Pereira's *Thesouro da Lingoa Portuguesa* [*Treasure of the Portuguese Language*], which was first published in 1647, and which was reprinted on several occasions up until the middle of the eighteenth century. Bento Pereira's adjective-plus-noun formula follows Agostinho Barbosa's *Dictionarium Lusitanicolatium* [...] of 1611. As the Matteo Ricci and Michele Ruggieri PCD was elaborated decades before those of Bento Pereira and Agostinho Barbosa, it was certainly not influenced by them, but there is a third, earlier, Portuguese dictionary in existence, as mentioned above, compiled by Jerónimo Cardoso and published for the first time in 1563*, which might have been familiar to them. Jerónimo Cardoso's dictionary of 1563 [hereafter: JCD] consists of a bilingual word listing where all Portuguese entries are translated into Latin.

* **Author's Note:** Cardoso's dictionary bears two dates. One, on the frontispiece, reads "M.D.LXII." ("1562"); the other, on a colophon on the last page, reads "M.D.LXIII." ("1563"). The latter probably refers to the year of the dictionary's publication.

A closer comparison of the PCD and the JCD clearly indicates that Ricci and Ruggieri, or the scrivener who worked on the Portuguese column, used the latter as a prototype. On this matter, Pasquale d'Elia remarks that "[...] all Portuguese words were written by a single person [...]", but, in my own opinion, the handwriting of at least two persons can be detected in the Portuguese listings. Two different styles of handwriting are particularly evident for the lower case 'd'. On the first pages of the manuscript, the leg of the 'd' tilts to the right, but on later pages the leg of the 'd' tilts to the left. This is the case for the words "*agradecer*" ['to thank, to express gratitude'] and "*desagradecer*" ['to fail to thank, to be ungrateful']. Furthermore, for Portuguese word entries listed on the first *folia* of the PCD, the lower section of the cedilla tilts to the left, but for all words listed which start with the capital 'D' and thereafter, the cedilla tilts to the right.

There are a number of occasions when the JCD lists adjectives in the masculine form without the affix "*cousa*". This is the case with "*abalado*" ['shaky, loose, moved, touched, [etc.]]. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1563)

"*Abalado*"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

"*Abalado*" 相撞 32ro

BENTO PEREIRA (1647)

"*Aballada cousa*"

This seems to confirm that Ricci and Ruggieri did not produce a totally new dictionary *ex nihilo*. This hypothesis is reinforced when one randomly compares any page from either of the two dictionaries. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1563)

"*Ajudar*
Ajuda
Ajudador
Ajudadora
Ajudar a carga
Ajuntar
Ajuntarse
Ajuntada cousa
Ajuda s. cristel"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

" <i>Ajudar</i>	相助 - 扶持	38ro
<i>Ajudador</i>	[No Chinese]	38ro
<i>Ajudar a carga</i>	相助的	38ro
<i>Ajuntar</i>	[No Chinese]	38ro
<i>Ajuntarse</i>	擲埋	38ro
<i>Ajuntada cousa</i>	擲倒	38ro
<i>Ajuda_cristel</i>	[No Chinese]	38ro

Ricci and Ruggieri, or the scrivener who copied the entries from Jerónimo Cardoso's dictionary of 1563, rejected some word entries which appear in the latter's dictionary. For instance, taking the above example, the words "*ajuda*" ['help, assistance, [etc.]]' and "*ajudadora*" ['help, assistance, etc.]' or lit.: 'a wife who helps'] which appear in Cardoso's dictionary of 1563 do not appear in the PCD, although the other listed word entries accord exactly with the order of those listed in the JCD, despite not always being in alphabetical sequence, i.e., "*Ajuda cristel*" ['help, assistance, [etc.] / cloyster, enema'] comes after "*Ajuntada cousa*" ['together, congregated, added, united, [etc.] / thing, object, matter, substance, [etc.]]. Also, under capital 'C', Jerónimo Cardoso's dictionary of 1563 sequentially includes word entries starting with the syllables 'Ca', 'Co', 'Cu', and only afterwards 'Ci', 'Cr', 'Ca', 'Ce', 'Ci', 'Co', 'Cu' and 'Ch'. The same order is maintained in the PCD.

As already mentioned, Jerónimo Cardoso's dictionary of 1563 was reprinted a number of times and, contrary to those who maintain that no changes were made from one edition to the next, it can be categorically stated that changes do exist. For instance, the second edition published in 1569 (JCd) not only has a higher number of word entries than the first edition of 1563 but suffers textual variations within the micro-structure of many lexemes. For example:

JERÓNIMO CARDOSO (1563)

*"Abalroar, navem navi appellere
Abasta, satest, hactenus
Abelhinha, apicula, ae
Abondosa cousa, abundans, antis uber, eris,
faecundus."*

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

*"Abalroar, navem navi appellere
Abalroarcom alguem. Congredior. oris
Abasta, sat est. hactenus
Abastarda Demissis sta pedibus
Abelhinha. apicula, ae. dimin.
Abondosa cousa, abundans, antis uber, eris,
faecundus, a um."*

Although Ricci and Ruggieri do not include all the JCd word entries, it is pertinent to note that the PCD includes some words which, though they appear in the JCd, do not appear in the 1563 edition. For instance:

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

<i>"Abasta</i>	足矣. 勾了. 罷了	32ro
<i>Abastarda [...]</i>	短踏銀	32ro
<i>Abastaser [...]"</i>	[No Chinese]	32ro

This clearly shows that Ricci and Ruggieri used the second edition of the JCd (the third edi-

tion being published in 1588, and thus too late for the PCD). While the PCD lists 1197 entries for words starting with capital 'A', including the "appendix", the JCd lists 2193 entries, a much higher number.

It is also significant to note that, in comparison with the word entries listed in the JCd, Ricci and Ruggieri seem to have submitted the PCD to a rigorous pruning of [Catholic] religious terminology. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

*"Aba de vestidura
Abada
Abade
Abadessa
Abadinho
Abadia
Abafar "*

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

<i>"Aba deuestidura</i>	裙子	32ro
<i>Abada*</i>	[No Chinese]	158ro
<i>Abafar "</i>	[No Chinese]	32ro

It is also pertinent to note that, in a number of cases, the PCD lists words related to [Catholic] religious terminology (i.e., "anjo" ["angel"], "clerigos" ["priest[s], [etc.]"], and others), but does not supply a corresponding translation in Chinese ideograms.

It is worth mentioning that this lack of Chinese ideograms occurs only in the section of the PCD which corresponds to word entries starting with the letters 'A', 'B' and 'C'. From capital 'D' onwards, a Chinese ideogram directly corresponding to each Portuguese word entry is given. This confirms the opinion that there were not only two scriveners involved in writing the PCD

* Author's note: In the "appendix".

but also that the PCD was affected by two different production concepts.

There are also a number of cases when the PCD gives a specific number of options to JCD word entries. As these extra significant do not exist in Portuguese, they have been added out of affinity for the structural terminology of the Chinese language. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"Irmãa
Irmãa inteira
Irmão
Irmão inteiro"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

<i>"Irmãa de pai e mai</i>	同胞妹子	11ro
<i>Irmãa grande</i>	大姊	11ro
<i>Irmãa pequena</i>	姊妹	11ro
<i>Irmão grande</i>	哥子	11ro
<i>Irmão pequeno</i>	弟郎	11ro

A great number of these additions or changes in the PCD should be analysed in 'reverse', starting from the Chinese ideogram entries. It is likely that, as Ricci and Ruggieri's knowledge of Chinese culture and language gradually increased, they may have modified the original structure of the PCD, evolving it from a mono-directional Portuguese-Chinese dictionary to a bi-directional Chinese-Portuguese dictionary.

In referring to linguistic structure, it is important to note that the spelling of Portuguese words in the PCD is sometimes different from the spelling of the same words in the JCD. Were the Portuguese word entries selected by Ricci and Ruggieri written by only one or by two native Portuguese scribes? Were these Portuguese word entries simply dictated to a single

scribe or to two scribes? Pasquale d'Elia writes of an "[...] amanuense qualunque [...]" ([...] nondescript copyist [...]), but at this point it is impossible to determine the method by which the Portuguese words in the PCD were inserted in writing.

The letter 'a' in the JCD remains the same in the PCD.

The nasal diphthong 'am' and 'an' in the JCD sometimes changes to 'ão' ['a' with a til] in the PCD. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"Abegam
Abelhão
Acarão
Açafram"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

<i>"Abegan [...]</i>	賤價減	32vo
<i>Abelhan</i>	蜜蜂王	32vo
<i>Açarão [...]</i>	五斤	33vo
<i>A'çafrão"</i>	[No Chinese]	34vo

The letter 'b' in the JCD remains the same in the PCD.

The letter 'c', when followed by the vowels 'e' and 'i' in the JCD, is sometimes substituted by a 'ç' ['c' with a cedilla], a 'j', or an 's' in the PCD. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"Aborrecer
Aborrecida cousa
Acrecentar
Agradecer
Antecessor
Ancinhos"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

"Abore ser	嫌	33ro
Aborecida cou sa	邊	33ro
Acre sentar	[No Chinese]	34ro
Agrade cer	歡喜 喜悅	37vo
Ante ceçor	[No Chinese]	42vo
Am jinhos	粘	42ro

The digraph 'ch' in the JCd is on occasion substituted by another letter in the PCD. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"Cachado"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

"Cayado" [No Chinese] 55vo

The spelling of 'ç' ['c' with a cedilla] in the JCd is sometimes substituted by another letter in the PCD. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"Abençoar
Beiço
Beiçudo
Berço"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

"Abemçoar	[Chinese illegible]	32vo
Beço [...]	穩慢	51ro
Beixudo	口唇	51ro
Berjo"	搖籃	51ro

The letter 'd' in the JCd remains the same in the PCD.

The letter 'e', where a tonic in the JCd, remains the same in the PCD.

The letter 'e', where it belongs to an atonic syllable in the JCd, is frequently substituted by an 'i' in the PCD.

For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"Agradecimento
Alec~~rim~~
Beringela
Penhora
Pepino
Pepinal"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

"Agradicimento	謝 / 不忘恩	37vo
Alic rim *	[No Chinese]	39vo
Bire mzela	茄	52ro
Pi nhoro	當頭案頭	129ro
Pi pino	黃瓜	129ro
Pi pinal "	瓜園	129ro

The letter 'f' in the JCd remains the same in the PCD.

The letter 'g', when followed by the vowels 'a', 'o' or 'u' in the JCd, is often followed by the vowel 'u' in the PCD. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"Alongar
Agoa
Agabarse
Gaba~~r~~"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

"Alomguar	遠	40vo
Aguoa	水	37ro
Aguabarse	自稱	37ro

*Author's note: Also spelt "alecrim" in the same folio 39vo.

Gabar" 褒獎-稱呼稱羨
說事他女子 105vo

The letter 'g', when followed by the vowels 'e' or 'i' in the JCd, is sometimes substituted by another letter in the PCD. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"*Beringela*"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

"*Biremzela*" 茄 52ro

The letter 'h' in the JCd sometimes occurs in association and following other consonants, as well as before the vowel 'i' in the PCD. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"*Ir*"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

"*Avante hir*" 進前去 57ro

The letter 'i' in the JCd suffers no changes in the PCD.

The letter 'j' in the JCd is sometimes substituted by an 'i' or a 'y' in the PCD. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"*Ajudar*
Ajudador
Ajuntar"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

"*Ajudar* 相助-扶持 38ro
Ajudador [No Chinese] 38ro
Ajuntar" [No Chinese] 38ro

The letter 'l' in the JCd remains the same in the PCD.

The letter 'm' in the JCd is sometimes substituted by another letter in the PCD. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"*Abegam*"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

"*Abegan* [...]" 賤價減 32vo

The letter 'n' in the JCd is frequently substituted by the letter 'm' in the PCD. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"*Abondança*
Ancinhos
Canfora
Cantar"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

"*Abomdança* 許多/豐 33ro
Amjinhos 粘 42ro
Canfora 脚筒 56vo
Camtar cantigua 曲 56vo
Cantar" 唱 56vo

The letter 'o', where an atonic in the JCd, is sometimes substituted by the vowel 'u' in the PCD. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"*Assolutamente*
Aferrolhar"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

" <i>Asulutamente</i>	偈	46ro
<i>Aferulhar</i> "	[No Chinese]	46ro

The letter 'p' in the JCd remains the same in the PCD.

The digraph 'qu' in the JCd is sometimes substituted by the digraph 'ch' in the PCD. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"*Mezquinho*
Mezquita"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

" <i>Meschino</i>	可惜	119ro
<i>Meschita de mouros</i> "	圓圓廟	119ro

The double 'r' in the JCd is frequently reduced to a single 'r' in the PCD. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"*Aferrar*"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

" <i>Aferar</i> "	拿索	36vo
-------------------	----	------

The double 's' in the JCd is frequently substituted by a single letter in the PCD. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"*Atravessar*
Assentar
Assi
Assi como
Assossegar"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

" <i>Atraueçar</i>	後頭 後來	47vo
<i>Açentar co'algue</i>	坐所在 / 講定	46vo
<i>Açinalar</i>	栗頭	46vo
<i>Assi</i>	做号	46vo
<i>Açicomo</i>	這等 譬如	46vo
<i>Açoceguar</i> "	面 / 歇	46vo

The letter 't' in the JCd remains the same in the PCD.

The letter 'u', where a pretonic in the JCd, is on occasion changed to the vowel 'o' in the PCD. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"*Acudir*
Acurtar
Afumar"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

" <i>Acodir</i>	救	34ro
<i>Acortar</i>	做短些	34ro
<i>Afomar</i> "	煙	37ro

The letter 'v' in the JCd is sometimes substituted by the letters 'b' or 'u' in the PCD. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"*Avaliar*
"*Chuva*"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

" <i>Abaliar</i>	[No Chinese]	47vo
<i>Chuiua</i> "	雨	66ro

The letter 'x' in the JCd remains the same in the PCD.

The letter 'y', where it precedes a consonant in the JCd, is substituted by the vowel 'i' in the PCD. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"Ayroso"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

"Airoso" [No Chinese] 38ro

The letter 'z' in the JCd is sometimes substituted by another letter in the PCD. For instance:

JERÓNIMO CARDOSO (1569)

"Almazem
Beleza"

MATTEO RICCI / MICHELE RUGGIERI

"Almazem darmas" 軍器庫 40ro
"Almage daleite" 油舖 40ro
"Beleza" [No Chinese] 51ro

The divergence in spelling between the PCD and the Jerónimo Cardoso prototype dictionary of 1563 is of no great importance when compared to the examples compiled by António Geraldo da Cunha in his *Índice do Vocabulário do Português Medieval* (*Index to the Vocabulary of Medieval Portuguese*) (Rio de Janeiro, Ministério da Cultura - Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986-1994, 3 vols. [to follow]).

The spelling of most word entries in the PCD can also be found in texts from the fifteenth century (or before). Whoever actually wrote the Portuguese entries selected by Ricci and Ruggieri employed an 'old fashioned' style of writing. It is exactly be-

cause the scrivener of the PCD did not spell the word entries according to the JCd that it can be reasonably surmised that the words were dictated rather than transcribed. For instance, the variants 's' and 'ç' which occur for the voiceless 's' (intervocalic 'ss') in the PCD cannot derive from a deviation in pronunciation. Also, the expression "*afervorar-se s. darse pressa*" ["to be zealous, to fly into a passion / w. [without] / hurry, being in haste, hurry, urgency, [etc.]"] in the JCd corresponds in spelling to "*Afervorrarse darse preço*" ["to be zealous, to fly into a passion / to give, offer, bestow, present, [etc.] / a price, worth, value, estimation, [etc.]"] in the PCD, which appears to be a writing mistake, a frequent occurrence in the PCD.

This short essay on the *First Portuguese Bilingual Dictionary: Resorting to a Foreign 'Modern Language - Chinese* would not be complete without giving due recognition and praise to the work of the Jesuit missions in the Orient. □

NOTES

- 1 MESSNER, Dieter, *Dicionário dos dicionários portugueses*, 9 vols. [to follow], Salzburg, Institut für Romanistik, 1994-1998, vol.1, 1994 (ABA-ABC); vol.2, 1994 (ABD-ABU); vol.3, 1996 (AC); vol.4, 1996 (ADA-AFU); vol.5, 1995 (AGA-AJU); vol.6, 1997 (ALA-ALG); vol.7, 1998 (ALH-ALZ); vol.8, 1998 (AM); vol.45 1997 (U).
- 2 MESSNER, Dieter, *Sobre dicionários portugueses antigos: uma inventariação*, in "Lusorama", Frankfurt am Main, (28) Oktober [October] 1995, pp.45-64.
- 3 VERDELHO, Telmo, HOLTUS, Günter - METZELIN, Michael - SCHMITT, Christian, eds., *Portugiesisch: Lexikographie*, in "Lexicon der Romanistischen Linguistik", 10 vols., Tübingen, Niemeyer, 1989-1998, 1994, vol.6, part.2, pp.673-692.
- 4 LOPES, David, MATOS, Luís de, rev. + pref. and annot., *A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente durante os séculos XVI, XVII e XVIII*, Barcelos, Portucalense Editora, 1969. [2nd edition]
- 5 RAMOS, João de Deus, *Os dicionários luso-sínicos. Relance histórico-bibliográfico*, in "Revista de Cultura" [Portuguese edition], Macau, 1 (6) Julho/Agosto/Setembro [July/August/September] 1998, pp.42-47. [Not published in the "Review of Culture" English Edition]